

Isaura de Moura Gatti

**Partido Social Democrático: formação e fragmentação
em Passo Fundo (1945-1950)**

Passo Fundo, 2008

Isaura de Moura Gatti

Partido Social Democrático: formação e fragmentação
em Passo Fundo (1945-1950)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Munhoz Svartman.

Passo Fundo

2008

À minha família e avó pelo apoio e cumplicidade a mim dedicados durante este trabalho.

Em retribuição ao amor incondicional de minha família e amigos, agradeço a compreensão durante tempos de dedicação.

Ao professor Eduardo Munhoz Svartman que soube ser conselheiro e orientador desde os momentos de euforia à desesperança.

Aos professores que firmaram laços de amizade durante a faculdade e no mestrado, em especial a professora Ana Luiza Setti Reckziegel, a qual me engrandeceu academicamente com a prática de pesquisa durante a faculdade.

À amiga e companheira Francieli Dal’Vesco, agradeço pelas palavras de conforto em todos os momentos que sempre estive ao meu lado.

E por fim, aos colegas Adriana, Ana, Diego e Jonas que compartilharam nas discussões historiográficas desde a faculdade até o momento.

*“Em política as divergências surgem e se extinguem
à medida dos acontecimentos.”*

João Neves da Fontoura

RESUMO

Este trabalho apresenta a trajetória do Partido Social Democrático na cidade de Passo Fundo, tendo em vista as relações assimétricas de poder na composição das instituições político-partidárias riograndenses e as relações a nível nacional. O recorte temporal compreende a formação dos partidos políticos em 1945 até as eleições de 1950. Passando por momentos que caracterizam a trajetória do partido como: a demissão das fileiras partidárias pessedistas de políticos trabalhistas agravando a distância entre as linhas *dutristas* e *getulistas*; a formação da Ala Trabalhista nas hostes internas do partido, o que originou movimento queremista, e por fim, o processo de “desgetulização” do PSD, com a separação dos autonomistas. Seu objetivo principal está em ilustrar as disputas internas entre pessedistas com *status* político de destaque regional como: Telmo Azambuja, Nicolau Vergueiro, Arthur Ferreira Filho, Túlio da Fontoura e Antonio Bittencourt Azambuja. Desse modo, através da trajetória do Partido Social Democrático local, é possível mapear sua posição referente aos graus de instância dos diretórios, alinhando-se ora nacionalmente, ora estadualmente, o que influi no comportamento do sistema partidário como um todo.

Palavras-chave: Partido Social Democrático, Passo Fundo, partidos políticos, estadual, nacional e local.

ABSTRACT

This paperwork presents the trajectory of the Social Democratic Party in the city of Passo Fundo, in view of the asymmetric power relations in the composition of the parties and political institutions in Rio Grande do Sul, and relations on national environment. The temporal cut takes from the formation of political parties in 1945 to the elections in 1950, getting through moments that characterize the trajectory of the party such as: the dismissal of lines of partisans, worsening the distance between upholders of Dutra and Getúlio; and the formation of the Worker's Wing, among the internal enemies of the party, which originated the "queremist" movement and, finally, the process of de-Getulization of the SDP, with the separation of the autonomists. The main goal is to illustrate the internal quarrels among partisans with regional political status, such as: Telmo Azambuja, Nicolau Vergueiro, Arthur Ferreira Filho, Túlio da Fontoura and Antonio Bittencourt Azambuja. Thus, through the trajectory of the local Social Democratic Party, it is possible to trace its position, in relation to the instance length, lining up sometimes nationally or to the state trends, which influences the party as a whole.

Keywords: Social Democratic Party, Passo Fundo, Partidos Políticos, National, State and Local.

LISTAS DE TABELAS

TABELA 1 - Quadro Político na década de 1930 em Passo Fundo.....	42
TABELA 2 - Republicanos e Libertadores de Passo Fundo	42
TABELA 3 - Situação Demográfica do Brasil.....	44
TABELA 4 – Situação Demográfica do Rio Grande do Sul.....	45
TABELA 5 - Situação Demográfica Município de Passo Fundo.....	45
TABELA 6 - Diretório Municipal do PSD em Passo Fundo	52
TABELA 7 - Diretório Municipal da UDN em Passo Fundo	53
TABELA 8 - Diretório Municipal do PTB em Passo Fundo	54
TABELA 9 - Líderes do PC em Passo Fundo.....	55
TABELA 10 - Líderes do PL em Passo Fundo	55
TABELA 11 - Líderes do PRP em Passo Fundo.....	55
TABELA 12 - Resultado das eleições para Presidência da República em 2/12/1945	56
TABELA 13 - Resultado das eleições para Câmara Federal em 2/12/1945	57
TABELA 14 - Resultado das eleições para Presidência da República no Rio Grande do Sul em 2/12/1945	58
TABELA 15 - Resultado das eleições para Câmara Federal no Rio Grande do Sul em 2/12/1945.....	58
TABELA 16 - Resultado das eleições para Presidência da República de Passo Fundo 2/12/1945.....	59
TABELA 17 - Resultado das eleições para Câmara Federal de Passo Fundo em 2/12/1945...60	
TABELA 18 - Ala Estudantil do PSD em 1946.....	65
TABELA 19 - Resultado das eleições para Governador no Rio Grande do Sul em 3/10/1947.....	69

TABELA 20 - Resultado das eleições para Assembléia Legislativa no Rio Grande do Sul em 19/01/1947	69
TABELA 21 - Resultado das eleições para Governador do Estado do de Passo Fundo em 19/1/1947	70
TABELA 22 - Resultado das eleições para Assembléia Legislativa de Passo Fundo em 19/1/1947	71
TABELA 23 - Resultado das eleições para Prefeito Municipal de Passo Fundo em 2/12/1947.....	71
TABELA 24 - Resultado das eleições para Vice-Prefeito Municipal de Passo Fundo em 2/12/1947	72
TABELA 25 - Vereadores Eleitos e Suplentes no pleito de 1947	73
TABELA 26 - Resultado das eleições para Presidência da República em 3/10/1950	101
TABELA 27 - Resultado das eleições para Câmara Federal em 3/10/1950....	102
TABELA 28 - Resultado das eleições para Presidência da República no Rio Grande do Sul em 3/10/1950	103
TABELA 29 - Resultado das eleições para Governador do Estado do Rio Grande do Sul em 3/10/1950	103
TABELA 30 - Resultado das eleições para Câmara Federal no Rio Grande do Sul em 3/10/1950.....	104
TABELA 31 - Resultado das eleições para Assembléia Legislativa no Rio Grande do Sul em 3/10/1950	104
TABELA 32 - Resultado das eleições para Presidência da República em Passo Fundo em 3/10/1950.....	105
TABELA 33 - Resultado das eleições para Vice-Presidência da República em Passo Fundo em 3/10/1950	105
TABELA 34 - Resultado das eleições para Governador do Estado em Passo Fundo em 3/10/1950	106
TABELA 35 - Resultado das eleições para Câmara Federal em Passo Fundo em 3/10/1950	106
TABELA 36 - Resultado das eleições para Assembléia Legislativa em Passo Fundo em 3/10/1950	107
TABELA 37 - Situação Demográfica - Rio Grande Do Sul - Urbano e Rural	112

TABELA 38 - Situação Demográfica – Comparativo entre Rio Grande do Sul e Passo

Fundo..... 113

LISTAS DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Representação do PSD em Passo Fundo nas eleições para Presidente.....	108
GRÁFICO 2 - Representação do PSD em Passo Fundo nas eleições para Vice-presidente..	108
GRÁFICO 3 - Representação do PSD em Passo Fundo nas eleições para Senador	109
GRÁFICO 4 - Representação do PSD em Passo Fundo nas eleições para Câmara Federal..	109
GRÁFICO 5 - Representação do PSD em Passo Fundo nas eleições para Assembléia Legislativa	110
GRÁFICO 6 - Representação do PSD em Passo Fundo nas eleições para Governador	111
GRÁFICO 7 - Representação do PSD em Passo Fundo nas eleições para Câmara Municipal	111

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANL – Aliança Nacional Libertadora

CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação

DAER – Departamento Autônomo de Estradas e Rodagem

FGV – Fundação Getúlio Vargas

LEC – Liga Eleitoral Católica

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PDC – Partido Democrata Cristão

PL – Partido Libertador

PRL – Partido Republicano Liberal

PRP – Partido de Representação Popular

PRR – Partido Republicano Rio-grandense

PSD – Partido Social Democrático

PSDA – Partido Social Democrático Autonomista

PSP – Partido Social Progressista

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PTN – Partido Trabalhista nacional

UDN – União Democrática Nacional

USB – União Social Brasileira

CPP – Coligação Popular Passo Fundense

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. O TODO E A PARTE	23
1. 1. História, Política e Partidos	23
1. 2. Filho Democrático da Ditadura	27
1. 3. A Parte: O perfil do PSD	31
2. ESTRUTURAÇÃO DO PSD	40
2. 1. A formação do Partido.....	40
2. 2. Desgetulização.....	47
3. A FORMAÇÃO DO PSD LOCAL	52
3. 1. A formação local do Partido.....	52
3. 2. Eleições de 1945 e 1947	69
3. 3. Sinais de Fumaça	78
4. A FRAGMENTAÇÃO DO PSD LOCAL	96
4. 1. Acordos sucessórios	96
4. 2. Dissidências, fragmentação e declínio.....	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	132

INTRODUÇÃO

Frente às lacunas existentes na historiografia brasileira, comprovam-se historiadores aqueles que, através da pesquisa explicam o processo histórico sob a reformulação do passado, com a ajuda de documentos e fontes. Para Falcon, “(...) quer designemos a História como a realidade ou o passado, o fato aqui essencial é sua existência real, e sua acessibilidade ao tipo de conhecimento específico e verdadeiro que chamamos de *conhecimento histórico*.”¹. Ainda, quanto à realidade da produção histórica, afirma:

Ao se propor o caráter *recomposto* desses passados, convoca-se para frente do palco a figura do historiador enquanto subjetividade decisiva para o trabalho artesanal de a seu modo, segundo sua *leitura*, recompor um certo passado. Difícil não se pensar, imediatamente, nas interpretações que postulam a inexistência, ou a ‘irrealidade’, da História, e sua inacessibilidade a todo e qualquer acontecimentos.²

Este trabalho contribuirá tanto aos estudos políticos brasileiros nacionais quanto aos regionais, e em especial àqueles referentes à trajetória do Partido Social Democrático (PSD) em âmbito local, recompondo dessa forma a história política da cidade de Passo Fundo.

A revisão bibliográfica das demais obras já publicadas a respeito de partidos políticos ou em específico sobre o PSD, remetem à importância deste trabalho, em especial, no estudo de partidos políticos em âmbito local.

¹ FALCON, Francisco J. Calazans. Apresentação. In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (org.). **Passados Recompuestos**. Campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: 1998. p. 17.

² *Ibid.*, p. 11.

Em nível nacional³, os estudos relativos ao período pós-abertura democrática e definição do sistema partidário que se iniciou em 1945 e se estendeu até 1964 com o golpe militar, são relevantes em quantidade e qualidade. Quanto ao nível estadual⁴, em especial ao Rio Grande do Sul, os trabalhos são relativamente poucos, mas destacam-se em grau de qualidade. No entanto, temas referentes ao sistema partidário pós-1945, estão em processo de ascensão nos programas de pós-graduação do estado. Contudo, em nível local⁵, os trabalhos a respeito de partidos políticos, ou de um em específico, deixa a desejar em quantidade. Desse modo, se percebe o grau de relevância deste trabalho referente ao PSD local e sua contribuição na história política regional.

O recorte espacial deste trabalho foca-se na cidade de Passo Fundo, na região do Planalto Médio do Estado do Rio Grande Sul, a qual originalmente fez parte do município de Cruz Alta e desmembrou-se do mesmo em 1857, quando foi emancipado o território e instalada a Câmara Municipal. Região que fez parte da Província das Missões Jesuísticas, além de boa localização para o comércio dos tropeiros, seu extenso território era cortado pela estrada de ferro que ligava o sul ao norte do estado. O município era administrado por Juntas Governativas no período de 1889 a 1892, quando assumiu a posição de mando o primeiro intendente republicano, havendo até 1930 revezamento na administração entre eleitos e

³ Pode-se citar alguns dos autores que trabalham com o sistema político brasileiro como: AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio. **Sistema Político Brasileiro: uma introdução**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.; LAMOUNIER, B. e KINZO, M^a D'Alva. **Partidos políticos, representação e processo eleitoral no Brasil (1945 - 78)**. Rio de Janeiro: BIB, 1978.; LEITÃO, Claudia. **A crise dos partidos políticos**. Os dilemas da representação política no estado intervencionista. Fortaleza: Tipoprogresso, 1989.; SOARES, Gláucio Ary Dillon. **A democracia interrompida**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001. E também os autores que se dedicam a reconstituição da trajetória de partidos específicos: BENEVIDES, Maria Victoria de M. **A UDN e o udenismo**. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.; D'ARAÚJO, Maria Celina. **Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945 a 1965**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.; HIPPOLITO, Lucia. **De raposas e reformistas: O PSD e a experiência democrática brasileira (1945 - 64)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

⁴ Autores e obras que se referem ao sistema partidário no pós-1945 no estado do Rio Grande do Sul, podem ser enumeradas desse modo: TRINDADE, Héglio, NOLL, Maria Izabel. **Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul**. 1945-1994. Porto Alegre: Sulinas, 1995 e **Rio Grande da América do Sul**. Partidos e eleições (1823-1990). Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1991.; CÁNEPA, Mercedes M^a L. **Partidos e representação política**. A articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.; BODEA, Miguel. **Trabalhismo e Populismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora/UFRGS, 1992.

⁵ Em nível local, sabe-se de trabalhos locais muito relevantes para a história local como: BENVENEGNÚ, Sandra Mara. **Décadas de Poder**. O PTB e a ação política de César Santos na Metrópole da Serra. 1945-1967. Tese de Mestrado defendida em Passo Fundo: 2006.; OLIVEIRA, Edenir. DAL'CORTIVO, Ademir. **Câmara Municipal de Passo Fundo 1857 a 1988**. Passo Fundo: Berthier, 1988.; PIMENTEL, Rodrigo. **Páginas da Nossa História**. Jornal Tropeiro dos Pampas. Caderno Especial. s/d.; NASCIMENTO, Welci. DAL PAZ, Santana Rodrigues. **Vultos da História de Passo Fundo**. Passo Fundo: Ed. Berthier, 1995.

nomeados ao cargo. A partir de 1931, os intendentess passaram a ser eleitos e denominados de Prefeitos municipais até o ano de 1936. Com a instauração do Estado Novo, os mesmos passaram a ser nomeados pelos interventores, que eram indicados pelo presidente. A economia da região concentrava-se em torno do comércio e da agricultura, dando espaço com o passar dos anos às indústrias. A elite política local estava diretamente ligada a economia e constituía-se assim, de fazendeiros, comerciantes, médicos e advogados.

Passo Fundo era reduto político do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) e do Partido Liberal (PL), tendências políticas essas que marcaram época e indicaram o rumo da política partidária a partir de 1945, através de nomes como: Coronel Gervásio Lucas Annes, Nicolau de Araújo Vergueiro, Armando Araújo Annes e Antonio Bittencourt de Azambuja entre outros.

O estudo da gênese do PSD de Passo Fundo permitirá definir particularidades da representação local do mesmo, em virtude da verticalidade de poder posta entre os diretórios nacional e estadual. Ou seja, sob o intuito de mapear o processo de formação e fragmentação pessedista em nível local, torna-se necessário e relevante esmiuçar o desenvolvimento do diretório estadual e sua ligação com o nacional. Para então, problematizar quanto à posição de alinhamento a ser assumida pelo diretório local passo-fundense em meio as discordâncias e similitudes entre graus de instância dos diretórios do PSD. Em que os pessedistas passo-fundenses alinhavam-se com a posição assumida ora pelo diretório nacional, ora com o diretório estadual.

Nessa perspectiva de trabalho buscou-se responder questões centrais em torno do tema, tais como: quais são os elementos que caracterizaram o processo de formação e fragmentação do PSD no âmbito local?; qual a peculiaridade assumida pelo partido local em relação à verticalidade de poder existente entre o diretório nacional e estadual? São indagações que fundamentam a trajetória do PSD passo-fundense e sua posição na relação entre as instâncias diretoriais.

A trajetória do PSD no Rio Grande do Sul entre os anos de 1945 a 1950, passou pela fase da formação do partido e posteriormente de um progressivo declínio, tudo isso simultâneo ao crescimento do PTB, o que levou a um bi-partidarismo de fato, entre PTB e anti-PTB. Portanto, ocorreu simultaneamente à ascensão petebista em nível local, a problemática em torno da qual se estrutura este trabalho, isto é, a posição pessedista em nível local em relação ao alinhamento com os diretórios nacional e estadual. Levantando questões referentes a origem do problema citado, fazendo menção às posições adotadas por figuras de

relevância política a favor ou contra próceres partidários, como: Borges, Flores, Getúlio e Dutra. Tendo em vista, que essas posições vieram a movimentar as fissuras internas partidárias, essas divisões em prol de determinada figura política, dava-se geralmente, pela disputa de poder político local/estadual ou desentendimentos entre Vargas (anterior a 1945) e alguns líderes políticos que serão citados no decorrer deste trabalho.

Partindo da análise da natureza e das práticas político-partidárias, baseadas no tratamento metodológico da combinação de fontes sobre o objeto de estudo, a pretensão é de que se possa contribuir no alargamento dos estudos político-partidário gaúchos. A formação do PSD em Passo Fundo adquire importância por ser um centro político na época de grandes nomes das forças conservadoras. Essas lideranças políticas carregavam consigo seus interesses partidários e o alinhamento com líderes políticos como Flores da Cunha, Borges de Medeiros, Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, entre outros. Esse posicionamento acirrou as disputas de poder e as fissuras internas dos partidos.

Este trabalho, no entanto, tem por objetivo ilustrar as disputas de poder dentro do partido em âmbito local, através de Telmo Azambuja, Nicolau Vergueiro, Arthur Ferreira Filho, Túlio da Fontoura e Bittencourt Azambuja. Para então constituir a partir deste, a trajetória do PSD na cidade de Passo Fundo, tendo em vista a formação e declínio do partido entre 1945 a 1950. Concomitante a essa história local do partido, far-se-á a relação entre os diretórios, nacional e estadual, para assim, definir a posição que assume o diretório local no contexto político da época.

A respeito dos partidos políticos sob a forma de instituições políticas, Delgado afirma a idéia de que os “Partidos políticos, sistemas e frentes partidários incluídos no rol dos chamados sujeitos institucionais e coletivos da História são essenciais à prática da cidadania e a consolidação de regimes democráticos. Sua ausência no cenário de algum país, em qualquer período de sua História, significa também ausência de democracia. (...)”.⁶ Insere-se este trabalho numa linha de pesquisa a respeito da política regional por ter como objeto central a trajetória política de um partido em âmbito local. Assim como a constituição deste, os processos políticos e eleitorais, evidenciando características endógenas do partido no período de 1945 a 1954. Tem-se, portanto, a utilização do termo região sob seu conceito de unidade

⁶ DELGADO, Lucilia de A. N. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O tempo da experiência democrática:** da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.129

administrativa, em que se estabelece um grau de autonomia em relação à escala superior. Característica importante para designar a estruturação e posicionamento do diretório local a partir da relação nacional/estadual. E assim confirmar a idéia de que a parte isolada, o estudo de uma região se torna relevante para apreciar até que ponto o todo adquire maior totalidade, “a região configura um espaço particular dentro de uma determinada organização social mais ampla, com a qual se articula.”⁷

O suporte teórico do trabalho baseia-se na área de História Política, sob o qual engloba características inerentes a todas as demais áreas da História. O que se explica no *capítulo 1* intitulado como o “Todo e a Parte”, fundamentando a inserção da Parte, o PSD, sua estrutura e organização partidária, no “Todo”, aqui compreendido como sistema partidário e também através dos seguintes conceitos - história, política e partidos.

Contudo, deve-se fazer menção especial ao recorte temporal, sendo que o objeto de estudo já mencionado refere-se a cidade de Passo Fundo, compreendendo o fim do Estado Novo e até o processo de desgetulização do PSD em 1950 com a formação do PSD Autonomista (PSDA), a ser detalhado no decorrer do trabalho. A figura política de Getúlio Vargas assume o papel de destaque na condução do eixo temporal, por caracterizar a gênese pessedista, inicialmente como líder do partido e por fim em 1950, eleito presidente pelo PTB. Dessa forma, se aceita o caráter peculiar de se estudar o PSD em âmbito local e estadual, pois seguiu a risca as dissidências evidenciadas por Glaucio A. D. Soares:

Em muitos estados o que decidiu a adesão ou não do PSD foi a questão regional. Políticos que apoiavam o presidente Vargas, mas dissentiam do interventor e ficaram na oposição. Antigas desavenças que remontavam à República Velha também influíram na formação do novo partido.⁸

Frente à necessidade de relacionar o PSD nacional com o estadual, o *capítulo 2*, conduz à estrutura do diretório regional, sua posição intermediária na relação entre seção local e comando nacional. O processo que conduziu as principais dissidências partidárias endógenas, a desgetulização do PSD. Este capítulo expõe também, os interesses partidários do

⁷ AMADO, Janaína. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: AMADO, Janaína et al. **República em migalhas: história regional e local**. São Paulo: Marco Zero/CNPQ, 1990, p.08.

⁸ SOARES, Gláucio Ary Dillon. **A democracia interrompida**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001. p. 67.

RS, no pós-45. Mercedes Maria Loguercio Cánepa indica a importância de se estudar as seções regionais, para melhor compreender a relação exposta acima: “Percebe-se a força do diretório regional, pois é a partir dele que se formam os diretórios municipais, e é ainda a partir dele que se constitui o diretório nacional.”⁹.

Conduz-se o trabalho em torno do eixo de formação do PSD em Passo Fundo, tendo como referência a aglutinação ao partido de figuras políticas locais que detinham o poder e a experiência político-administrativa como Nicolau Vergueiro, Bittencourt de Azambuja, Arthur Ferreira Filho, Túlio Fontoura, Dionísio Lângaro entre outras. Desta forma, o *capítulo 3* se remete a constituição do partido e dos demais partidos políticos passo-fundenses.

Com a abertura democrática em 1945, os partidos organizaram-se nacionalmente e elegeram seus presidentes e representantes políticos por eleições livres. Essas contabilizavam os votos por dois sistemas: o da maioria simples, utilizado para eleger presidentes, vices, senadores; e o das proporcionalidades, ou seja, dependia do desempenho eleitoral de cada partido para conseguir o determinado número de cadeiras, na assembleia legislativa estadual e federal. Mas para saber o número de cadeiras era necessário saber qual o quociente eleitoral, valor obtido através da divisão do número de votantes (somente votos válidos, os brancos e nulos não somavam) pelo número de cadeiras disponíveis a serem ocupadas. A quantidade de votos de cada partido era então, dividida por esse quociente eleitoral, e o resultado é o número de cadeiras que cada partido poderá ocupar.¹⁰

Em meio a representações e coligações partidárias o Rio Grande do Sul tem suas peculiaridades, pois as forças que se encontravam aliadas no plano nacional e que elegeram os presidentes da República foram adversárias desde 1945, colocando assim, o PSD estadual como dissidente da linha nacional do partido. A aliança realizada nacionalmente entre PSD e PTB, não ocorre no estado do Rio Grande do Sul e assim também no âmbito local, em Passo Fundo, onde o PTB uniu-se a UDN. “O PSD gaúcho, rompe com a linha nacional de aliança com o PTB, busca associar-se com os partidos menores de orientação conservadora-liberal (PL, UDN) para enfrentar o adversário comum.”¹¹. Fato que abriu caminhos para a formação de uma frente contrária ao partido trabalhista e a alternância de poder entre anti-PTB e PTB, no governo do Rio Grande do Sul. A trajetória do PSD em nível local tomou forma através

⁹ CÁNEPA, Mercedes M^a L. **Partidos e representação política**. A articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005., p. 122.

¹⁰ AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio. Op. cit., p. 294

¹¹ TRINDADE, Hélgio. NOLL, Maria Izabel. Op. cit., pag 15

dos dados eleitorais de cada eleição. Os quais, em grande parte, são responsáveis pelos períodos demarcados na história de cada partido, no caso do PSD marcaram o início da sua formação partidária com força política e o processo de fragmentação e declínio eleitoral.

O *capítulo 4*, apresenta como fio condutor, a fragmentação do partido e o declínio de sua trajetória eleitoral, devido as dissidências internas, e ao processo de desgetulização no interior do PSD, que se finda com a formação do PSD Autonomista, do qual fazem parte políticos que apoiavam a linha getulista e que se encontravam no Partido Social Democrático.

O PSD surge com maior força eleitoral frente aos outros partidos, devido à máquina do Estado Novo que se encontrava em suas raízes, mas com o surgimento do PTB, o mesmo foi perdendo espaço eleitoral, devido a dissensões internas e a figura de destaque na política, Getúlio Vargas. Caracteriza-se pela perda progressiva do eleitorado em nível estadual e local, conseguindo se manter dominante apenas em pequena proporção no norte do estado. Zonas em que predominam as pequenas e médias propriedades rurais que compõe socialmente o Partido Social Democrático. Desta forma, as eleições de 1950 marcam o início do declínio do PSD no plano nacional, estadual e local (inclusive com a cisão do PSDA) quando o seu candidato presidencial, Cristiano Machado reduziu o desempenho eleitoral que o partido teve nas eleições anteriores a um pouco mais de ¼ do eleitorado (28,86%) no início da década de 50.¹². Para isso, fez-se uso da teoria de Giovanni Sartori¹³, que se refere à força de um partido de acordo com seu desempenho eleitoral.

A metodologia que norteou esta pesquisa tratou do tema sob a dimensão qualitativa, expondo o diálogo existente entre as fontes, em especial nos jornais da época e a definição da posição assumida pelo PSD local em relação aos demais níveis do diretório.

Considerando a realização de um estudo apontando uma base documental sólida e segura sobre a natureza e a prática partidária como fonte primária, este trabalho ganha potencial quanto as fontes de investigação. O que lhe remete a característica de ponto de partida relevante para o desenvolvimento metodológico da pesquisa em si.

As fontes de investigação foram divididas em dois grupos: *fonte bibliográfica e fonte documental*. Entretanto, para garantir comprovação científica tanto da pesquisa quanto da análise historiográfica, essa estratégia de combinação de fontes, deteve-se sob os estudos realizados sobre a região, livros e artigos publicados em revistas, dissertações. Conta-se ainda

¹² NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hélió., pag 15

¹³ SARTORI, Giovanni. **Partidos e sistemas partidários**. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982. p. 31

com a utilização de jornais da época, a fim de reconstituir cenários e relações de poder fundamentais para a compreensão das dinâmicas locais. As notícias publicadas nos jornais O Nacional e Diário da Manhã do município de Passo Fundo, assumem posições políticas confrontantes ao declararem em nota, entrevista ou comentário suas idéias políticas. Ou seja, os meios de comunicação tornam-se declaradamente opositores políticos, O Nacional (petebista) e Diário da Manhã (pessedista). Torna-se importante esclarecer o gênero atribuído aos fatos esboçados pelos jornais utilizados neste trabalho. Desse modo, José Marques de Melo¹⁴, articula o jornalismo em função de dois núcleos de interesses, a descrição dos fatos e a versão. O autor agrupa ainda, em duas categorias, conforme o gênero natural da estrutura dos relatos: Gênero Informativo, que compreende nota, notícia, reportagem e entrevista; e Gênero Opinitivo, separando os de autoria explicitada, como comentário, artigo e resenha, dos que se caracterizam por ser apenas um espaço de opinião sem evidenciar autores, como editorial, coluna, crônica e carta. Desvelada estrutura atribuída aos jornais, quanto ao caráter do mesmo, a pesquisa se realizou em grande número em torno do gênero informativo.

A pesquisa feita sobre as notícias locais e sua relação com o contexto político, caracterizam os jornais como agentes históricos e políticos, em que assumem posições partidárias. Adquirem ainda, papel importante na compreensão da história política local e em especial do PSD devido a sua formação nos meios de comunicação.

O jornal O Nacional foi fundado em 1925, e teve como primeiro proprietário Theófilo Guimarães. Inicialmente circulou com bi-semanário dirigido por Herculano Araújo Annes. De linha política republicana, na década de 40, a direção do jornal passou às mãos de Múcio de Castro.¹⁵

O jornal Diário da Manhã criado pelo líder político Nicolau de Araújo Vergueiro em 1935, também seguidor do PRR, passou a direção do mesmo para Túlio Fontoura. Contudo, as posições que foram assumidas pelo jornais se concretizaram com a disputa política entre Vergueiro e Armando Annes, o qual teve sua administração municipal de 1924 a 1928 criticada por Vergueiro. Annes era irmão de Herculano, dono de O Nacional e chefe de Múcio de Castro. Desta forma, Múcio e Túlio adotaram suas posições na disputa e passaram a utilizar o meio de comunicação impresso como um objeto de divulgação de seus respectivos

¹⁴ MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinitivo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

¹⁵ BENEVEGNÚ, Sandra Mara. **Décadas de Poder**. O PTB e a ação política de César Santos na Metrópole da Serra. 1945-1967. Tese de Mestrado defendida em Passo Fundo: 2006. p. 7

partidos. Ou seja, o Nacional sob a direção de Múcio de Castro defendia as idéias petebistas e o Diário da Manhã, de Túlio Fontoura, passou a defender sobre tudo Nicolau Vergueiro, e conseqüentemente o PSD.¹⁶

Foram utilizadas correspondências trocadas entre líderes pessedistas locais, como Túlio Fontoura e Arthur Ferreira Filho, da mesma forma, entre políticos de renome do PSD estadual e nacional, como João Neves, Getúlio Vargas, Luiz Prates e Protásio Vargas, entre outros. As fontes documentais como correspondências, discursos e lista de membros dos diretórios, utilizadas neste trabalho foram consultadas no Arquivo Particular de Arthur Ferreira Filho e de João Neves da Fontoura que se encontra no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Estes documentos, cruzados com outras informações históricas, permitiram conhecer e delinear etapas de formação, estruturação e fragmentação, possibilitando conhecer os mecanismos e instrumentos utilizados na construção da historicidade de pessedistas no Rio Grande do Sul, tanto ao nível estadual quanto local. Seguindo estes passos metodológicos, a pesquisa se desenvolveu para se chegar as semelhanças e diferenças entre a posição assumida pelo diretório local pessedista em relação as demais escalas, nacional e estadual. O tema de estudo aliado às suas variáveis confrontado com a produção historiográfica sobre os mesmos, remeteram a outras instâncias espaciais e temporais, com indicações que emergiram da interpretação das fontes de investigação.

Desse modo, sugere-se *a priori* alguns dos fatores visíveis do declínio da força partidária do PSD como: a fragmentação das lideranças, a decadência da estrutura organizacional, ou seja, o choque entre os diretórios e a transferência dos líderes do partido para outro.

Aponta-se ainda para a idéia de que a partir do estudo da relação entre as instâncias de representação partidária, o diretório local passo-fundense assumiu posições que ora vinham a corroborar e ora refutavam as ligações políticas entre os diretórios nacional e estadual.

Todavia, este trabalho não tem a pretensão de fazer referência a uma história nacional, e sim de tornar-se um elemento dela, ao englobar o nascimento de um regime democrático em 1945 e suas peculiaridades partidárias, findando o eixo temporal com o processo de “desgetulização”, concomitante a formação e fragmentação do PSD simultâneo à ascensão eleitoral petebista no município de Passo Fundo, a saber, no que a parte influiu no todo.

¹⁶ BENVEGNÚ, Sandra Mara., Op. Cit., p.7.

1. O TODO E A PARTE

Nos estudos historiográficos mais recentes, tem-se dado uma especial importância à pluralidade e diversidade de conceitos e categorias, que resultam em uma abordagem multidisciplinar, a qual neste trabalho pode ser entendida como a mescla entre História e Ciência Política. Tal abordagem vem regando as pesquisas historiográficas, tanto no campo empírico, quanto no teórico, resultando em novos conceitos e problemáticas. Propõe-se deste modo, fazer menção neste capítulo, especialmente à articulação de categorias como história, política e partidos, a fim de inserir a trajetória do Partido Social Democrático (PSD) neste sistema partidário. Desse modo, conceituando o “Todo”, compreendido aqui como o sistema partidário, será possível elucidar a respeito da “Parte”, ou seja, do perfil estrutural e ideológico do PSD. Sua organização interna, mecanismos de funcionamento, composição social e programa, nas três escalas, nacional, estadual e local. Para então, entender sua estruturação e funcionamento no Rio Grande do Sul e em nível local, em Passo Fundo.

1.1. História, Política e Partidos

Para dar um sentido teórico à Parte, fez-se necessário um estudo mais detalhado do Todo. Desenvolver conceitos como história, política e partidos que, nesse caso, formaram a totalidade na qual está inserido um específico partido político, comprovando sua importância diante deste trabalho.

Partindo do pressuposto de que o termo história se desenvolve num determinado espaço, em que estão inseridos indivíduos onde suas ações são estabelecidas num dado período temporal é devido a essa relação que se pode afirmar segundo Delgado, ser a história “um processo em construção permanente”¹⁷. E que sofre modificações devido a ação de seus agentes.

A História tradicional, era na visão da Escola dos Annales, uma narrativa histórica positivista, pois construía a trajetória de mitos, acontecimentos e heróis através de grandes relatos factuais. Após novas roupagens¹⁸, passou a ser escrita englobando categorias econômicas, sociais e culturais. Essa passagem é explicada por Rémond ao citar que o estudo da nova história política, pode ser através de uma análise de processos eleitorais, desde que sejam incluídos todos os atores políticos envolvidos nesse plano político. O indivíduo passou a ser estudado a partir de uma dada conjuntura, em que está inserido num determinado espaço relacionando-se no campo social, político e econômico e sujeito a influência de fatores externos em suas ações. A História Política passou a ser vista agora a partir de uma problemática, conforme Julliard¹⁹, em que seu limite espacial se abriu a novos objetos de estudo.

História funde-se ao conceito de política quando, afirma René Rémond, faz alusão a uma construção abstrata e concreta ao mesmo tempo, pois se iguala ao campo social e econômico por ser intangível, mas assume sentido das realidades precisas por interferir na relação entre os indivíduos, tanto na vida privada, quanto profissional. Norberto Bobbio complementa o conceito de Rémond, ao citar política como a ação humana que está ligada ao poder, ou seja, na busca pelo poder. A história política em constante edificação destaca-se por trabalhar com o coletivo e o individual, em que indivíduos são agentes políticos e institucionais, como complementa Delgado:

¹⁷ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Op. cit. p. 129.

¹⁸ A escola do Annales impulsionou autores a uma nova forma de escrever História Política, a partir da década de 70/80.

¹⁹ JULLIARD. Jacques. A Política. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: Novas Abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 190.

A história política, por sua vez, caracteriza-se por se constituir como uma teia tecida por heterogêneas realidades que, imbricadas entre si e inter-relacionadas no seu conjunto, constituem dinâmicas sociais muitas vezes conflituosas e outras consensuais. Os sujeitos construtores da história política [...] são sujeitos coletivos institucionais, como organizações políticas e partidos que reúnem pessoas que têm como identidade o compartilhamento de projetos comuns – ainda que somente no terreno da teoria – à sociedade ou ao país nos quais estão inseridos.²⁰

A nova história política surgiu a fim de sobrepor-se ao descrédito dado a narrativa tradicional política, elucidando a convicção de existência por si só e não uma simples expressão reflexa da ação estrutural das forças econômicas. Segundo Ferreira, o campo da história política se consagrou “numa história da diversidade dos fundamentos dos poderes econômico, religioso e cultural, levando em conta as instituições, os homens, as idéias, ao mesmo tempo em que as práticas, o simbólico e o imaginário.”²¹

Os indivíduos inseridos na política são simplesmente sujeitos históricos e concomitantemente intérpretes dentro de uma estrutura de poder supra-individual. Dentro deste contexto de uso do poder, insere-se o conceito de *classe política* adotado por Gaetano Mosca: “grupo dirigente que comanda cada sociedade através de determinada fórmula política – ou seja, de uma fórmula de dominação.”²² Portanto, política sustenta-se na relação direta entre poder, Estado e sociedade.

Para Dulci, “a política é uma esfera de ações e decisões que afetam a vida de todos os membros de uma sociedade, então o ideal democrático de participação dos cidadãos se torna um objetivo a ser alcançado.”²³

Desse modo, Rémond conceitua política e insere os partidos em seu campo, como sendo “a atividade que se relaciona com a conquista, o exercício, a prática do poder, assim os partidos são políticos porque têm como finalidade, e seus membros como motivação, chegar ao poder.”²⁴ Assim, podem-se eleger algumas características essenciais a respeito do termo, por ser dotada de certa autonomia, comunica-se com todos os setores da sociedade, não demarca fronteiras fixas e naturais, pois se adapta às necessidades externas.

²⁰ DELGADO, Lucília de A. N. Op. cit. p. 129.

²¹ FERREIRA, Marieta de M. A nova “velha história”: o retorno da história política. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992., p. 5.

²² DULCI, Otávio Soares. As elites políticas. In: AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio. **Sistema Político Brasileiro**: uma introdução. São Paulo: Editora UNESP, 2007. p. 282.

²³ Ibid., p. 287.

²⁴ RÉMOND, RENÉ. **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 444.

Depois de ter explando sobre política, pode-se dizer que seu objeto mais concreto é o partido político, pois torna material a busca pelo poder, é através deles que se opera a mediação entre os elementos que formam o tripé da política.

Os partidos nascem através de uma força política que se exalta numa agremiação que busca o poder, desse modo constitui uma ordem hierárquica dentro da mesma. Para Weber²⁵, os partidos são uma associação voluntária de pessoas pela busca de poder. Para o autor, partido é visto como relação social, logo, quer num país, quer num partido político, o poder sempre escoará dos muitos para os poucos, porque os pequenos grupos são mais organizados e têm maior capacidade de manobra.

Entretanto, o surgimento dos partidos está condicionado a uma crise ou ruptura, para justificar essas organizações, segundo Rémond. O mesmo autor enumera quatro critérios para definir um partido, em relação as outras forças políticas: 1) *a duração no tempo*, onde se torna preciso o partido durar mais que seus fundadores e integrantes; 2) *a extensão no espaço*, ou seja o grau de verticalidade entre os diretórios nacional, estadual e local; 3) *a aspiração ao exercício do poder*, com a existência de programas que devem abranger as principais questões políticas do país; 4) *a vontade de buscar o apoio da população*, o engrossamento de suas fileiras partidárias em busca do objetivo comum partidário.²⁶ Dessa forma, pode-se concluir que o PSD está em total acordo com os princípios básicos de definição partidária.

De acordo com os autores já citados, Gláucio Soares, ao fazer considerações sobre partidos políticos, insere o conceito de *periferia partidária*²⁷ como extensão de partido, e descreve sua importância para “explicar fenômenos como a estabilidade relativa da votação recebida por um partido em determinada instituição, classe ou espaço.”. Desse modo, a periferia implica na criação de vínculos com os meios de comunicação de massa.

Em suma, partido político é uma agremiação de pessoas que tem por objetivo a busca do poder. Esses partidos são regidos por leis, e têm sua ação legitimada através de diversas classes e camadas sociais. A respeito de suas funções, Dulci enumera-as: “Os partidos desempenham várias funções: são grupos de competição eleitoral, representam interesses e

²⁵ WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 4ª ed. Brasília: UnB, São Paulo: IOESP, 2004.

²⁶ RÉMOND, René. Op. cit., p. 62 e 63.

²⁷ “é composta de pessoas e organizações da sociedade civil habitualmente vinculadas ao partido.” SOARES, Gláucio Ary Dillon. Op. cit. p. 85.

opiniões na esfera pública, exercem o governo e fazem oposição, dependendo da vontade dos eleitores.”²⁸.

O partido se faz não apenas pelo discurso político, mas também pelo conjunto partidário que constitui o pano de fundo ideológico, como é o caso do PSD que será abordado neste trabalho. Desse modo, D’Araújo acrescenta a respeito da organização partidária num todo considerando, “elemento essencial ao progresso social. A representação regular dos interesses sociais leva aos regimes estáveis, graças ao confronto normal e ordenado.”²⁹

Mais do que qualquer outro partido é impossível analisar o PSD em Passo Fundo, sem se reportar a sua origem, ao Estado Novo e à máquina oligárquica. Essa ligação entre os criadores do PSD e a República Velha, em especial o PRR, repercutiu diretamente na formação do Partido Social Democrático passo-fundense, tendo em vista as posições assumidas pelos líderes locais. Dessa forma a seguir, insere-se a “Parte” no contexto histórico brasileiro.

1.2. Filho democrático da ditadura

O golpe de estado que instituiu o Estado Novo, colocou-se aos olhos da nação como o salvador do perigo eminente que rondava o poder, o comunismo e o integralismo. Mas adquiriu caráter ameaçador ao suprimir a autonomia dos estados, fechou os partidos políticos e censurou a imprensa, ou seja, instalou um governo autoritário. Porém, beneficiou economicamente o país, através do impulso considerável gerado pelos programas nacionalistas de industrialização criados por Vargas. O mesmo instituiu a consolidação das leis trabalhistas, a fim de garantir o apoio dos trabalhadores durante sua carreira política, o que veremos mais adiante. Contudo, acabou perdendo o respaldo com a elite oligárquica, que viu seus poderes políticos e econômicos diminuírem através da nova forma de governo.

Tanto as elites agrárias quanto as urbanas encontravam-se em posição desfavorável em relação ao regime ditatorial, no início da década de 40 e transpareciam o descontentamento

²⁸ DULCI, Otávio Soares. Op. cit., p. 288.

²⁹ D'ARAUJO, Maria Celina. **O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 9.

popular perante a inoperância do sistema político vigente. Pedia-se a democracia, através de manifestações³⁰ espalhadas por todo país. Contudo, no mesmo ano, inicia-se o período de democratização com a chamada Lei Agamenon³¹, que recebera o nome do Ministro da Justiça, com a função de regulamentar o novo código eleitoral e instituir a formação de partidos políticos. Determinou-se a constituição de partidos de caráter nacional, o que diferenciava do caráter dos partidos regionais durante a República. A estrutura partidária nacional começou a ser definida através da criação de três partidos de grande relevância, os quais serão citados primeiramente sob seu caráter nacional.

O primeiro partido que se formou contou com uma frente ampla e heterogênea de oposição a Vargas e o entrosamento com uma fração das forças armadas, a União Democrática Nacional (UDN)³² foi institucionalizada em 07 de abril de 1945. Com base socioeconômica fundamentada nas classes médias urbanas, já vinha formando um aparato organizacional nos níveis estaduais e municipais. Aglutinou líderes políticos, profissionais liberais e imprensa que em algum momento da trajetória política varguista foram desfavorecidos tanto política como economicamente. O partido expressava a defesa do liberalismo e do moralismo conservador clássico e instava a inserção de capital estrangeiro na economia, opondo-se fortemente à intervenção do Estado na mesma.

Logo após, deu-se a formação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)³³ em 15 de maio de 1945, no Rio de Janeiro. Partido organizado a favor de Vargas como um instrumento de mobilização do operariado, que contava com a garantia de continuação das leis trabalhistas criado por este durante o Estado Novo, que terminou com a deposição de Vargas em 29 de outubro de 1945, quando Getúlio Vargas foi deposto por um movimento militar liderado por generais que compunham seu próprio ministério, renunciando formalmente ao cargo de

³⁰ Foram aos poucos se formando associações que visavam à mobilização da população para debates políticos a respeito da redemocratização do país, como liberdade de expressão e sufrágio universal direto e secreto. Entre elas pode-se citar: Sociedade dos Amigos da América (1943); Liga de Defesa Nacional (1943); Manifesto dos Mineiros (1943), Congresso dos Escritores (1945).

³¹ Decreto-Lei n.º 7.586 assinado em 28 de maio, regulamentando a criação de partidos políticos de âmbito nacional e as eleições. Os partidos deveriam ter um número mínimo de dez mil assinaturas para seu registro nacional, os candidatos deveriam ser inscritos no partido até 15 dias antes das eleições e o partido deveria ter registro em cinco ou mais estados da confederação. O voto secreto e obrigatório, sufrágio universal. As eleições presidenciais e parlamentares foram marcadas para 02 de dezembro de 1945 e estaduais para 06 de maio de 1946.

³² Ver BENEVIDES, Maria Victoria de M. **A UDN e o udenismo**. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

³³ Ver GOMES, Ângela de Castro. Uma breve história do PTB. CPDOC/FGV – www.cpdoc.fgv.br. Acesso em: 26 setembro de 2007. E também D'ARAÚJO, Maria Celina. **Sindicatos, Carisma & Poder**. O PTB de 1945-65. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996

presidente. Getúlio foi substituído pelo presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, ficou três meses no cargo até a realização das eleições em 2 de dezembro de 1945.

Somado a isso, a reivindicação da candidatura de Getúlio e convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte, deu origem ao movimento queremista surgido no mesmo ano. O PTB inicialmente não teve uma base organizacional forte, ou seja, deixava a desejar em níveis estaduais e municipais, devido ao fato de ter surgido nacionalmente nas hostes trabalhistas, ou seja, não estava organizado como o PSD que já tinha uma estrutura findada no Estado Novo.

E, por conseguinte, houve a fundação do Partido Social Democrático (PSD) em 17 de julho de 1945, organizado inicialmente sob a orientação de Vargas aos interventores estaduais nomeados durante o Estado Novo, para dar seqüência aos benefícios oligárquicos através da transição para um regime democrático. Considerado como um partido de centro, mantenedor do equilíbrio partidário, seus integrantes desenhavam um perfil pragmatista e hábil, o que lhes garantia força eleitoral.

Vargas, no entanto, foi deposto do cargo pelos militares no mesmo ano, e seguiu para São Borja em exílio. Dutra receoso de que não conseguiria se eleger busca juntamente com o PSD o apoio de Vargas, o qual mantém-se neutro por um bom tempo. Começa então a peregrinação a São Borja na tentativa de angariar o apoio de Vargas para o PSD. Por fim, após longas conversas Vargas rendeu seu veto a candidatura do General Eurico Gaspar Dutra, pela legenda do PSD, nas eleições de 1945. A respeito disso Bodea conclui, “É provável que Vargas acabou apoiando Dutra exclusivamente para evitar o mal maior que seria ver a UDN apossar-se do governo federal, legitimada, ainda por cima, pelo voto popular.”³⁴

Apresentados os partidos em sua formação nacional, remete-se ao âmbito estadual/regional, a fim de caracterizar este trabalho frente à trajetória do PSD em nível regional e local.

No Rio Grande do Sul, a disputa partidária se dava entre os dois pólos – governo e oposição - em torno do qual se estabelece o jogo de interesses. Segundo Cánepa³⁵, a política gaúcha pode ser explicada através da divisão entre as antigas e novas clivagens, ou seja, a primeira caracteriza-se pela divisão entre republicanos e federalistas, e a segunda entre positivistas e liberais. As novas clivagens formam-se a partir do marco de 1930 e dissidências

³⁴ BODEA, Miguel. **Trabalhismo e Populismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora/UFRGS, 1992. p. 33.

³⁵ CÁNEPA, Mercedes M^a L. Op. cit. p. 95

na Frente Única Gaúcha (FUG – coligação entre o Partido Republicano Riograndense (PRR) e o Partido Liberal (PL).). Sendo a Revolução de 1930 o ponto central desta ruptura, o motivo em torno do qual, normalmente se definia a posição partidária através do apoio ou oposição a Vargas.

O surgimento dos partidos em 1945, em âmbito estadual, ocorre a partir dos grupos anteriores ao Estado Novo, ou seja, PRR, PL e Partido Republicano Liberal (PRL), nada contrário à formação dos partidos em escala nacional, como acrescenta Cánepa: “A reorganização partidária na conjuntura de redemocratização, apesar das manifestações ocorridas na sociedade brasileira como um todo, vai girar basicamente em torno das elites políticas tradicionais do país.”³⁶.

Para traçar a trajetória do PSD em nível estadual/local, diante de seu caráter flexível e de equilíbrio, torna-se necessário arrolar sob o mesmo prisma, os demais partidos políticos do período a ser estudado.

Após rupturas sócio-políticas e econômicas oriundas de movimentos políticos no pós-30, identifica-se dois partidos de caráter contrário a política varguista, a UDN e o Partido Libertador (PL). O primeiro aglutinou forças definitivamente contrárias a Vargas, conforme a denominação dos grupos, proposta por Benevides:

“Na época da fundação os seguintes grupos que compunham a UDN: a) as oligarquias destronadas com a Revolução de 1930; b) os antigos aliados de Getúlio, marginalizados em 1930 ou 1937; c) os que participaram do Estado Novo e se afastaram antes de 1945; d) os grupos liberais com forte identificação regional; e) as esquerdas”.

Sua trajetória englobou idéias liberais, conservadoras e socialistas. O movimento udenista no Rio Grande Sul, não teve grande repercussão política, mesmo tendo em seus quadros líderes gaúchos de forte influência no estado (membros do antigo PRR, PRL e PL), como Borges de Medeiros (chefe do partido), Oswaldo Aranha, Flores da Cunha, e inicialmente Raul Pilla.

O PL foi fundado em 10 de novembro de 1945 por Raul Pilla e políticos do Partido Federalista do Rio Grande do Sul, após Pilla ter se desligado da UDN alguns meses após sua

³⁶ CÁNEPA, Mercedes M^a L. Op. cit. p. 101.

formação. Contudo o PL, contrário à política varguista, continuou apoiando a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, mas garante sua individualidade partidária.³⁷ A favor da implantação de um regime parlamentarista, o partido propõe a utilização de referendos e plebiscitos, em um regime federativo, com estados autônomos, porém submetidos às leis federais.

Flores da Cunha consagrou-se prócere da União Democrática Nacional no Rio Grande do Sul, organizou o partido regionalmente, e compôs a Frente Democrática, juntamente com o Partido Libertador. Para tanto o partido adquire importância no sistema político rio-grandense, pois foi através da difusão das idéias liberais ao longo dos anos que ocorreu a desarticulação da estrutura eleitoral udenista neste estado.

O PTB, diferente dos demais, não surge de divisões na elite tradicional, e sim através da união de três vertentes, que segundo Bodea³⁸, têm origens distintas e se unem em etapas diversas: a) a *corrente sindicalista* – formada em 1945 originou-se no movimento Queremista, em meio a Ala Trabalhista do PSD, em que seus integrantes favoráveis a Vargas, em especial José Vecchio, abandona o PSD e decide apoiar incondicionalmente o “Queremos Vargas”; b) a *corrente doutrinário pasqualinista* – também originária no ano de 1945, mas com integrantes de classe social distinta. Reuniu intelectuais e profissionais liberais em torno das idéias sociais reformistas de Alberto Pasqualini³⁹, o qual fundou a União Social Brasileira (USB) para difundir suas idéias; e c) a *corrente pragmática getulista* – formada em 1946, reúne o políticos profissionais que faziam parte do PSD, mas sob orientação varguista, os quais passam a integrar esta nova ala petebista. Mas esse processo de transição só se completaria após a criação do PSDA (PSD Autonomista), em 1950, por José Diogo Brochado da Rocha e José Loureiro da Silva, o que ocasionou na “desgetulização”⁴⁰ pessedista.

Portanto, as principais características do sistema partidário no pós-1945 podem ser assim conferidas pelo seu processo de formação através do número mínimo de filiados (10.000 eleitores) distribuídos em pelo menos cinco estados, o alistamento eleitoral obrigatório e as regras eleitorais que foram estabelecidas pelo Decreto-Lei nº. 7.586 de

³⁷ CÁNENA, Mercedes M^a L. Op. cit., p. 105.

³⁸ BODEA, Miguel. Op. cit. p. 20.

³⁹ Membro do PL, até seu desentendimento político com o interventor Ernesto Dornelles, durante seu cargo de Secretário do Interior e Justiça, no Estado Novo, o que resultou na oposição aberta deste para com o regime ditatorial.

⁴⁰ Processo político que será abordado no capítulo 2 deste trabalho.

28/05/1945. Somente a partir disso que o caráter nacional dos partidos brasileiros passou a se constituir.

Vale lembrar que mesmo nas eleições de 1945, para a Presidência da República e para a formação da Assembléia Constituinte, os analfabetos, os cabos e soldados não tiveram ainda direito ao voto e que o período foi marcado pelo retorno do País ao estado de Direito com a Constituição de 1946, iniciando o pluripartidarismo moderado, evoluindo depois para um pluripartidarismo exacerbado após as eleições de 1962.

A fim de completar o quadro partidário, o próximo sub-título faz menção a trajetória do PSD em escala estadual, abordando a respeito de sua formação, características internas e externas do diretório estadual. Assim como a dissidência que se formou no interior do partido, em torno do apoio a Getúlio Vargas e que acabou por denominar de “desgetulização”, o processo de limpeza das fileiras pessedistas de qualquer outra linha política que não fosse compatível com a ideologia do partido.

1.3. A Parte: o perfil do PSD

Seguindo a terminologia de Skidmore, por ser um partido “de dentro”, pode-se dizer ainda que o PSD tenha sido criado de “cima para baixo”, de “dentro para fora”. Todas essas linhas seguem a característica principal do partido, ou seja, de que fora organizado dentro de um plano que deu seguimento à política varguista, através da continuação de poder nas mãos da elite oligárquica beneficiária do Estado Novo. Isso permitiu a essa elite, segundo Hippolito, a convivência com um regime democrático. Caracterizado como um partido de quadros, pois se originou no seio de uma elite composta de figuras políticas de grande prestígio e força eleitoral, o que confirma a teoria de Duverger, de que

Trata-se de reunir pessoas ilustres, para preparar eleições, conduzi-las e manter contato com dos candidatos. Pessoas influentes, de início, cujo nome, prestígio ou brilho servirão de caução ao candidato e lhe granjearão votos; [...]Aqui, a qualidade importante mais que tudo: amplitude do prestígio, habilidade da técnica, importância da fortuna.⁴¹

Assumi a posição de partido de centro, fazendo uso da terminologia de Sartori⁴², em que diante de um sistema pluripartidário moderado, concebeu característica de estabilizador do regime político. Hippolito opõe-se à idéia de Sartori, de que esse modelo político não concebe a existência de um centro ocupado⁴³. E afirma, portanto, ser este partido central um fiador do equilíbrio do sistema partidário, por adotar uma postura liberal-conservadora⁴⁴, mas ao mesmo tempo, vinculada às elites oligárquicas. Segundo Soares, assume a posição de centro devido à capacidade que essa elite tinha de negociar, o que o levou a conciliar com diversas correntes de opinião, tanto à esquerda, quanto à direita: “esse posicionamento permitiu ao PSD contornar crises políticas, mas não resolver os problemas socioeconômicos que as provocaram.”⁴⁵. Esse poder de negociação do PSD se verificava pela experiência política e administrativa de seus membros, os quais detinham uma dominação socioeconômica local. A respeito do perfil pessedista, Delgado complementa ao citar um caráter pragmático, hábil e flexível, o que lhe garantia força eleitoral: “Flexibilidade e habilidade que, inúmeras vezes, foram vitais para o êxito das articulações políticas empreendidas pelo partido, principalmente em conjunturas eleitorais.”⁴⁶. Desse modo, a posição majoritária do partido (leia-se em todas as categorias eletivas para presidente,

⁴¹ DUVERGER, Maurice. **Os Partidos Políticos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970. p.100.

⁴² Para o autor os sistemas pluripartidários se dividem em pluralismo polarizado e moderado. Neste caso, faz-se uso do segundo, devido às principais características que o norteiam: constituído entre três e cinco partidos, constitui-se através da ausência de partidos anti-sistema, mas com uma oposição unilateral, em que a distância ideológica entre os partidos é pequena, o que leva à ausência de oposições irresponsáveis. Mas Sartori coloca ainda ser este um modelo em que o centro político não aparece ocupado e dessa forma, atrai os partidos a essa posição, afastando-os das extremidades. Característica que Hippolito repele afirmando a existência de um centro ocupado. SARTORI, Giovanni. Op. cit., p. 201.

⁴³ “(...) Pois é exatamente a partir de um partido de centro, solidamente instalado no *centro político-ideológico* do sistema partidário, que se obtém uma tendência centrípeta e se garante a estabilidade do sistema. Se o centro se forma a partir da direita e da esquerda, é o partido de centro que atrai os extremos para uma política moderada, escoimada dos radicalismos, uma política de compromisso com a permanência e a evolução normal do sistema político-partidário.” HIPPOLITO, Lucia. **De raposas e reformistas: O PSD e a experiência democrática brasileira (1945 – 64)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985., p. 36.

⁴⁴ Mantinha um ponto de equilíbrio entre o apoio obtido no interior, de posturas conservadoras exigidas pelas bases sociais e entre os membros mais jovens e renovadores, inserindo idéias mais modernizantes.

⁴⁵ SOARES, Gláucio Ary Dillon. Op. cit., p. 94.

⁴⁶ DELGADO, Lucilia de A. N. Op. cit. p. 139.

governadores, parlamentares e prefeitos) constitui-se no aspecto principal do exercício de estabilizador do regime político.

Por ser um partido criado de cima para baixo, Lucilia afirma não estar fortemente centralizado compondo um todo unificado, pois a verticalidade na articulação entre os diretórios nacional, estadual e local era um tanto limitada devido à disputa de poder entre as instâncias de representação. Isso ocorria devido à grande influência dos diretórios estaduais, e certa autonomia destes em relação ao nacional, tendo em vista a hegemonia dos chefes políticos locais, os quais angariaram tal posição durante os regimes políticos anteriores. Conforme Hippolito, “O poder dos diretórios regionais sobre o comando nacional impediu sempre a imposição de diretrizes do centro em direção à periferia do partido.”⁴⁷. O diretório nacional adotou, portanto uma posição de conciliador democrático, enquanto que os estaduais afirmavam-se através da hegemonia de seus líderes, que exerciam o controle eleitoral sem interferência superior. Isso tudo devido à autonomia de poder que era dada às seções estaduais.

Refletindo a importância do âmbito estadual/regional através da capacidade de alcançar votos, se torna vital esclarecer um ponto que prejudicou em muito o partido diante de situações de crise política: a oligarquização interna. Detendo o apoio dos eleitores, os chefes políticos reagiam negativamente a qualquer mudança de ordem hierárquica de poder internamente. Desse modo, “Do ponto de vista interno, esse equilíbrio de seus dirigentes transformou o PSD num partido oligárquico, pois a larga experiência política de suas lideranças servia também como freio às tentativas de renovação do comando partidário.”⁴⁸

Conhecidos como “raposas” – mestres na malícia, na esperteza, no cochicho, na acomodação e na conciliação⁴⁹ - pelo seu poder eleitoral e de negociação, remetiam um caráter estamental e antidemocrático ao partido, impedindo a circulação de grupos no poder.

Antes de fazer menção à organização do partido, utiliza-se dos critérios apontados por Delgado e Hippolito, para vir a ser um bom pessedista levando em conta a origem ou natureza do partido. A primeira elege para tal as seguintes habilidades: “um bom político pelo PSD é aquele que, além de ser bom de voto, cultivava o gosto pela negociação, pela tessitura de

⁴⁷ HIPPOLITO, Lucia. Op. cit., p. 42.

⁴⁸ ABREU, Alzira Alves de. BELOCH, Israel. LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**. Pós 1930. Partido Social Democrático. vol. IV. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 4394.

⁴⁹ Em especial os pessedistas mineiros, como Benedito Valadares. HIPPOLITO, Lucia. Op. cit., p. 44.

acordos e pela construção de consenso.”⁵⁰. A segunda cria “O manual do bom pessedista”⁵¹, onde enumera algumas regras a serem seguidas como: 1) demonstração de força eleitoral – o que interessava eram os votos, os meios e a origem destes não remetia tanta importância; 2) partido de centro – precisava-se ter habilidade e flexão diante da maleabilidade de posição, ora para a esquerda, ora à direita. Essa posição originava-se na própria base social do partido; 3) Conciliação e moderação – era preciso ter equilíbrio, ponderação, firmeza e conceder apoio ao progresso; 4) Firmeza na decisão e execução da mesma; 5) Socialização política – era a prática política no cotidiano, intitulado o partido como uma escola política; 6) Competência administrativa – torna-se uma conclusão das regras já descritas acima, ou seja, a maioria dos pessedistas carregavam em sua trajetória política experiência em administrações estaduais e municipais.

A respeito da estrutura que designa o Partido Social Democrático como partido político a seguir elucida-se sua composição social, fisiologia, seus ideais, finanças e seu programa partidário.

A base social do PSD está intimamente ligada a sua formação política, pois se encontra enraizada na máquina administrativa do Estado Novo. Além do que, já fora citado anteriormente, interventores, classe média urbana e oligarquias estaduais, Miceli⁵² cita outras como: lideranças do empresariado industrial, que firmaram alianças com o regime de Vargas; corporações burocráticas, dependentes do poder central (os militares); figuras de prestígio e experiência em nível local amparadas em obras sociais, assistenciais e ligadas à segurança; e ainda: “o grosso do pessoal pessedista se constituía de bacharéis ligados a ramos subalternos de clãs oligárquicos [Assumiam] posição intermediária ou subalterna dos futuros políticos pessedistas na hierarquia interna das profissões liberais.”⁵³.

Confirma-se que os fins justificam os meios, ao se concluir neste caso, de que as finalidades principais do PSD eram a obtenção de votos e o desempenho do papel de estabilizador do regime político-partidário. Para garantir esse fim, segundo Soares, faziam uso das características básicas de um “bom pessedista”, ou seja, capacidade de atrair votos e de transformá-los em participação na vida política. Usufruindo de estratégias como nominativas

⁵⁰ DELGADO, Lucília de A. N. Op. cit. p. 139.

⁵¹ HIPOLITO, Lucia. Op. cit., p. 44.

⁵² MICELI, Sérgio. Carne e osso da elite política brasileira pós-1930. In: FAUSTO, Bóris, HOLANDA, Sérgio B. **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Republicano. Sociedade e Política. 3º vol. 6ªed. São Paulo: ED. Bertrand Brasil, s/d.

⁵³ Ibid., p. 583.

de cargos públicos aos correligionários e difusão de obras públicas e privadas, entre outras. Era um círculo segundo Soares, “os votos traziam cargos de poder, que traziam recursos, que traziam nomeações, empréstimos e obras, que traziam mais votos”⁵⁴. No entanto, o autor cria um modelo mais complexo para identificar essa transformação, ao dizer que a capacidade de obter votos não é igual ao poder, por isso os políticos devem ser dotados da habilidade de transformar esses votos em poder. “O PSD, devido à sua flexibilidade ideológica, à sua rede organizacional, competindo em praticamente todos os municípios brasileiros, teve o mais alto coeficiente de transformação entre partidos.”⁵⁵.

Quanto aos seus ideais e programa, os mesmos correspondiam à base social do partido, desse modo, eram contrários a projetos que faziam menção à reforma agrária e a utilização da legislação trabalhista aos trabalhadores rurais, pois os líderes e membros rurais seriam abatidos por negativas conseqüências socioeconômicas, o que resultaria na perda do apoio eleitoral vindo do interior. Contrários, também, à reforma administrativa, pois ameaçavam suas relações clientelistas⁵⁶. Porém, favoráveis à aplicação de reformas sociais urbanas, do monopólio estatal sobre o petróleo, intervenção do Estado na economia e de uma política nacional de energia nuclear.

No entanto, isso comprova a flexibilidade ideológica do partido e a teoria, inicialmente proposta de que a política em si se constitui num jogo de interesses.

Quanto ao programa do PSD, referente a questões que envolvem moeda, banco e crédito, declara-se assim o partido contra a inflação monetária e lança como primordial a valorização da reserva de ouro e da moeda. A respeito da energia elétrica, promove-se uma expansão, desde que suas taxas estejam de acordo com a condição social dos brasileiros. Diante da questão agrária além do incentivo, apoiava-se a nacionalização e mecanização da lavoura, concedendo assistência direta através de cooperativas. Frente às redes de comunicação, estabelece-se a execução de planos rodoviários e o aperfeiçoamento das linhas aéreas. O programa incita a valorização dos produtos de exportação, propaganda, padronização, fiscalização e simplificação das formalidades de exportação: legislação especial contra os ‘*trusts*’, ‘*dumpings*’ e monopólios de todas as espécies; formação de capitais nacionais e garantias ao capital estrangeiro. O mesmo foi recebido com entusiasmo, por

⁵⁴ SOARES, Gláucio A. Dillon. Op. cit., p. 89.

⁵⁵ Ibid., p. 90.

⁵⁶ Ver NUNES, Edson. **A gramática política do Brasil**. Clientelismo e insulamento burocrático. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília, DF: ENAP, 2003.

constituir uma plataforma de grandes idéias e ampla doutrinação. Segundo jornal Diário da Manhã, é “a única corrente, com essa característica, que se apresenta a conquista do favor público com as credenciais de um programa de reivindicações e em cujas linhas todas as classes – sejam produtoras, sejam proletárias – e todos os homens, de todas as condições, encontram representados e defendidos seus interesses.”⁵⁷. Segundo a comissão de propaganda do partido, “o PSD não seguiria as normas dos velhos partidos políticos que tinham como fim precípua, a conquista do poder, e que haviam esgotado seus programas que não se adaptavam aos novos tempos.”⁵⁸.

Sobre o programa do PSD em 1945, Vamireh Chacon⁵⁹ descreve-o em sua obra História dos partidos brasileiros, incluindo discursos e os programas dos partidos brasileiros no pós-1945. O programa do PSD dá especial atenção a temas referentes à previdência social e normas trabalhistas, como: garantias de trabalho, incluindo salário do trabalhador, jornada de oito horas de trabalho, repouso e férias. Defende ainda a participação nos lucros das empresas e os direitos do mesmo, como direito de greve. Exprime também que o trabalho é obrigação e direito do homem. Quanto à saúde e assistência pública, prega o programa do PSD atenção na organização sanitária e hospitalar, combate às endemias, proteção aos menores através de obras assistenciais, juntamente com uma assistência religiosa. Referente à educação, o Partido Social Democrático preocupava-se em seguir as diretrizes e bases da educação, e propunha assistência aos escolares, organizações de estudantes e professores através da administração do ensino. Defendiam também a gratuidade do ensino e sua difusão cultural nas ciências, letras e artes.

O partido era mantido através da colaboração mensal de seus parlamentares, mas as campanhas presidenciais necessitavam de mais fundos econômicos, dessa forma, eram realizadas reuniões financeiras em todo o país com a finalidade de conquistar fundos financeiros.

A respeito das preocupações e proposições pessedistas visadas em seu Programa partidário, encontram-se:

⁵⁷ **Diário da Manhã**, 25 mai. 1945

⁵⁸ **Diário da Manhã**, 21 jun. 1945

⁵⁹ CHACON, Vamireh. **História dos partidos brasileiros**: discurso e praxis dos seus programas. 2.ed. Brasília: UnB, 1985. p. 411- 428.

autonomia política e administrativa do Distrito federal, serviço militar obrigatório, descentralização administrativa, ensino primário gratuito e obrigatório, defesa da legislação trabalhista, extensão da justiça do trabalho a todos os grandes centros de produção, desenvolvimento da organização sindical, garantia do salário mínimo, extensão do seguro social a todos os cidadãos.⁶⁰

De acordo com Lúcia Lippi de Oliveira, o programa do partido "continha proposições de caráter amplo e relativamente progressista para a época, resultado da influência das idéias de Agamenon Magalhães"⁶¹. Quanto à política econômica e financeira, o partido era a favor da privatização de siderurgias e indústrias petrolíferas, da criação de um Banco Central e da prestação de contas da União, estados e municípios. A respeito da política internacional, o programa propõe manter um caráter solidário para com os vizinhos continentais.

Organizado sob a forma de diretórios, o partido se estende a três níveis, nacional, estadual/regional e municipal. Já se sabe que o PSD tem suas raízes na máquina administrativa do Estado Novo, dessa forma, Vargas participou da organização e fundação do mesmo, sendo indicado em primeira instância para a presidência do mesmo, o que não veio a consolidar-se. Participaram ainda da criação do partido figuras ilustres da política brasileira, que se dividiu entre os que apoiavam a formação de partidos de caráter nacional e os contrários, que defendiam seus interesses regionais. Podem-se destacar respectivamente os grupos: Ernani do Amaral Peixoto (RJ); Agamenon Magalhães (PE) e Henrique Dodsworth (DF); a favor de partidos regionais encontravam-se Fernando Costa (SP) e Benedito Valadares (MG). "Para atender àqueles que defendiam partidos regionais, deu-se ao PSD uma estrutura federativa – o diretório nacional era composto pelos presidentes dos diretórios regionais e seus delegados."⁶². O que vem a comprovar a ausência de mando do diretório nacional sobre os estaduais. A instância de representação de poder estadual adota tal importância, pois é através dela que se desenvolvem os diretórios municipais e se consolida o nacional. O diretório nacional contava com uma comissão diretora de sete membros, responsáveis pela condução da política em nível nacional. Havia um presidente (Getúlio Vargas), dois vice-presidentes (Benedito Valadares e Fernando Costa), um secretário-geral e um tesoureiro, com mandatos de quatro anos, podendo ser reeleitos. Compunham o primeiro diretório nacional: Benedito Valadares (MG), Fernando Costa (SP), Agamenon Magalhães

⁶⁰ ABREU, Alzira Alves de. BELOCH, Israel. LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Partido Social Democrático. Op. cit., p. 4393.

⁶¹ Ibid., p. 4393

⁶² HIPOLITO, Lucia. Op. cit., p. 121.

(PE), Ernani Amaral Peixoto (RJ), Renato Onofre Pinto Aleixo (BA), Ismar de Góis Monteiro (AL), Álvaro Maia (AM) e Henrique Dodsworth (DF).

Segundo Hippolito, as atribuições e funções do diretório nacional eram:

fornecer as diretrizes gerais do partido; convocar as convenções nacionais; indicar os candidatos a presidência e vice (...); orientar a condução das bancadas no congresso; e discutir em convenção teses de interesse nacional. Fundamentalmente, a função do diretório nacional era a de equilibrar as diferentes tendências existentes dentro do partido, fossem elas de caráter regional, político ou mesmo ideológico.⁶³

Vargas ao não assumir a presidência do diretório nacional indicou João Vieira de Macedo como representante do RS, mas foi Benedito Valadares (1º vice-presidente do diretório) quem compôs interinamente a presidência até 1947, este foi substituído por Nereu Ramos, que ocupou o cargo até 1949 e após desentendimentos com o presidente Dutra, renunciou. Desse modo, Cirilo Júnior, seu vice, completou seu mandato. De 1951 até 1965, Ernani do Amaral Peixoto assumiu a presidência e foi reeleito até a extinção do partido.

Os diretórios estaduais/regionais tinham uma rede organizativa baseada no poder local, com células locais e diretórios municipais. Segundo Hippolito, havia alguns requisitos para se tornar chefe regional⁶⁴: 1) força eleitoral, a qual legitima sua autoridade sobre o diretório; 2) quantidade de recursos políticos de que ele dispõe para distribuir, ou seja, são as nomeações, efetuação de obras, entre outras; 3) habilidade em se relacionar com as lideranças locais, inserindo o poder local, transformando o poder de mando em votos e correligionários; 4) controle das bancadas do partido, exercício de nomear candidatos à legenda dos parlamentares e governador; e 5) poder de veto, o qual era utilizado para abafar o surgimento de novas lideranças modernizantes que viessem a suplantar a chefia estadual, as raposas.

Temerosos da perda de poder local, os chefes políticos estaduais instituem novas características internas ao partido, ou seja, a liderança tornava-se estratificada e imóvel. Todas e quaisquer novas idéias eram fortemente repreendidas para que não houvesse deslocamento de poder para a nova ala que vinha se formando, a Ala Moça. Iniciaram-se dissensões internas no partido provocadas pelos novos políticos, os quais queriam reorganizar o partido através de idéias modernizantes, contudo as velhas raposas temerosas por seu *status* sociopolítico não

⁶³ HIPPOLITO, Lucia. Op. cit., p. 122.

⁶⁴ Ibid., p. 125.

abriam espaço para tais, eis a liderança estratificada sendo posta em prática. Sobre tal hierarquia, confirma Hippolito:

partido marcado pela tolerância, pela conciliação e pela experiência política de suas lideranças, adquirida em longos anos de socialização. Mas emerge também um partido que recebe mal as tentativas internas de democratização do acesso aos postos de comando.⁶⁵.

Ainda sobre dissidências, o PSD não tinha proibições quanto à escolha de partido por parte de seus membros, o que geralmente acontecia no período eleitoral. Muitos dissidentes acoados pela liderança oligárquica do partido, manifestavam-se a favor de outra agremiação partidária devido à falta de concessões internas do PSD. Isso lhe rendeu como será demonstrado mais à frente, um dos fatores de decadência eleitoral do partido. “Internamente, o PSD permitia dissensões *individuais*, mas proibia as dissensões *institucionais* que ameaçassem a estrutura e orientação do partido.”⁶⁶. [grifo do autor]. Eis o filho democrático da ditadura.

Sendo dessa forma, o diretório nacional adquire a função de equilibrar o sistema partidário, e o estadual, toma forma de fonte do poder, e portanto, resta aos municipais o caráter de difusão, propaganda e quantidade em números a formar o todo. São os chefes políticos de prestígio eleitoral, oriundos da República Velha, que garantem o poder ao PSD estadual e nacional, estendendo aos seus aliados políticos tal poder em nível local. Isso explica o fato do PSD ter suas bases estruturais enraizadas na República Velha e no Estado Novo, o que lhe garantiu um grande salto frente aos outros partidos políticos, pois foi o único partido a instituir diretórios em todos os municípios do país, para as primeiras eleições em 1945.

Após expor a estrutura teórica e contextual, o todo e elucidar a respeito da parte em sentido estrutural e organizativo, o próximo capítulo fará menção à real fonte de poder pessedista, em seu reduto rio-grandense, herdeiro de uma doutrina republicana fortemente positivista. Em que características de formação, dissidências e alianças seguiram diferentes formas de expressão do que foi apresentado até o momento.

⁶⁵ HIPPOLITO, Lucia. Op. Cit., p. 22.

⁶⁶ SOARES, Gláucio A. Dillon. Op. cit., p. 89.

2. A ESTRUTURAÇÃO DO PSD GAÚCHO

A fim de se perceber o posicionamento do diretório local pessedista, torna-se necessário compreender a estruturação do diretório estadual. Dessa forma propõe-se neste capítulo discutir a dinâmica partidária, pois o sistema partidário em nível nacional nasce pluripartidário moderado.

No Rio Grande do Sul o Partido Social Democrático se forma e garante sucesso eleitoral inicialmente, o que não ocorre nas eleições de 1950, e sim um progressivo declínio e fragmentação partidária simultâneo ao crescimento do PTB que levou a uma bipolarização de fato entre PTB e anti-PTB no Rio Grande do Sul

2.1. Formação do partido

Com o intuito de mapear a trajetória do Partido Social Democrático em Passo Fundo, torna-se necessário e relevante esmiuçar o processo de formação do diretório estadual deste partido no Rio Grande do Sul, tendo em vista seu caráter de articulação e agregação de interesses entre o diretório nacional e os municipais. Desse modo, justifica-se a necessidade de estudar a seção regional, para melhor compreender as relações entre os diretórios. De acordo com Cánepa, os partidos em nível regional definem suas posições e propostas a partir

das “alterações observadas nas alianças eleitorais e parlamentares entre os diferentes partidos [...] e o surgimento de frações e mesmo cisões importantes no interior de cada partido.”⁶⁷.

Todavia, podem-se eleger ainda dois fatores que delimitam a extrema importância da análise estadual do PSD: a) divisão dos grupos políticos em torno da figura de Getúlio Vargas e outras figuras políticas de poder regional, fato que em muito estados decidiu a adesão, ou não, ao partido devido à posição que Vargas assumiria e outros desentendimentos políticos provindo ainda da República Velha. Muitos políticos que apoiavam Vargas, mas dissentiam do interventor, ficaram na oposição e assim vice-versa; b) ampla autonomia estendida às seções estaduais, tendo em vista que se encontravam no poder, homens com respaldo político tradicional e garantia de mando local. Segundo Soares, “O PSD, mais do que qualquer outro exemplificou a força política dos estados (ou dos governadores).”⁶⁸.

O estado do Rio Grande do Sul caracterizou-se no período anterior a 1945, pela sua base eleitoral estratificada, sem muita participação eleitoral, fazendo valer o poder através do mandonismo local. Sua base social concentrava-se nas zonas rurais, levando em conta a economia gaúcha no período, ou seja, fundamentada na produção agro-pastoril. Proveniente desde os tempos da República Velha, o sistema bipartidário entre republicanos e liberais, desenhou os quadros políticos dos períodos posteriores no estado.

Os republicanos detinham o poder na região nordeste do estado, caracterizando-se por ser um estruturador da modernização econômica através da doutrina positivista. Já os liberais controlavam o poder econômico da região da campanha, principalmente na região sul do estado. Mas esse poderio econômico, esse vínculo com a camada política tradicional da campanha, não lhes garantiu a posição de partido hegemônico no estado, ficando essa, sob a égide do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Alguns traços particulares dos republicanos, segundo Trindade e Noll, se fazem necessários para esta conquista de poder regional: “seu aspecto tardio, a juventude de seus membros, aliada à instrução superior e ausência de experiência partidária, juntamente com a base ideológica positivista – farão do PRR um modelo de organização partidária e controle de Estado ímpar na República Velha.”⁶⁹.

⁶⁷ CÁNEPA, Mercedes M^a L. Op. cit., p. 89

⁶⁸ SOARES, Gláucio A. Dillon. Op. cit., p. 135.

⁶⁹ TRINDADE, Héglio. NOLL, Maria Izabel. **Rio Grande da América do Sul**. Partidos e eleições (1823-1990). Porto Alegre: Ed. Da Universidade UFRGS / Sulina, 1991. p. 41.

Borges de Medeiros tornou-se o sucessor do governo de Júlio de Castilhos e da liderança do Partido Republicano. Mas após várias reeleições, ocorreram dissidências internas no partido e com a união das oposições (democratas, dissidentes republicanos e federalistas) lançaram a candidatura de Assis Brasil pela Aliança Libertadora, que mais tarde dá origem ao Partido Libertador (PL) em 1928. Com o propósito de oporem-se aos governos revolucionários, Borges e Raul Pilla encarregaram-se da formação da Frente Única Gaúcha (PRR - PL), sob suas lideranças. Em resposta a essa união política, Oswaldo Aranha e Flores da Cunha⁷⁰ criaram o Partido Republicano Liberal (PRL), aglutinando em suas bases aqueles que apoiavam a política de Vargas no plano nacional e a de Flores no estadual. Havia ainda dois movimentos que não estavam vinculados às correntes políticas tradicionais e mais à frente irão fazer parte ativamente da política rio-grandense na formação de alianças interpartidárias: Aliança Nacional Libertadora (ANL) e Ação Integralista Brasileira (AIB), provenientes das classes médias ou proletariado.

Devido às disparidades entre figuras políticas dominantes, como é o caso do desentendimento de Flores da Cunha e Getúlio Vargas, o qual originou a Dissidência Liberal. Assim, a maioria das clivagens partidárias no Rio Grande do Sul assumiram uma posição nos partidos ou correligionários a fim de declarar seu caráter anti ou pró-getulista.

Da mesma forma, as dissidências no seio da FUG foram impactantes, levando em conta a união de dois partidos totalmente antagônicos ideologicamente – PRR e PL. “As divisões interpartidárias se dão no PL com a formação da União Democrática Nacional (UDN) e da Ação Libertadora; e no PRR com o surgimento do Partido Republicano Castilhista de Lindolfo Collor.”⁷¹

O quadro político partidário pré-1930 ficou assim constituído: de um lado Conservadores-liberais (sob o comando de Silveira Martins e Assis Brasil) e de outro Conservadores-autoritários (chefiados por Borges de Medeiros e Júlio de Castilhos).

E pós-1930 sofreu alterações de ordem política subjetiva, concentrando a disputa partidária em torno da FUG, de Borges e Pilla, e do PRL, de Oswaldo Aranha e Flores da Cunha. Levando em conta as fissuras internas de cada partido, ou seja, PRR x PR Castilhista; PL x UDN; PL x Ação Libertadora e PRL x Dissidência Liberal (setor antiflorista).

⁷⁰ Interventor gaúcho até 1937, quando se desentendeu com o chefe político Getúlio Vargas e abandonou a interventoria do estado.

⁷¹ TRINDADE, Héliogio. NOLL, Maria Izabel. Op. Cit., p. 58.

Contudo, após a extinção dos partidos políticos que operavam na esfera regional com a instauração do regime ditatorial do Estado Novo, ao fim deste ocorreu em 1945 abertura dos partidos políticos, em caráter nacional não mais regionais.

Dessa forma, podem-se dividir os partidos em dois grandes blocos: Partidos Populistas, de cunho social-reformista, que se concentravam em torno do Partido Trabalhista Brasileiro (pró-Vargas) e Partido Socialista Brasileiro (anti-Vargas) e os Conservadores-liberais, englobando o PSD (pró-Vargas) e a UDN (anti-Vargas). Segundo Trindade e Noll, a divisão dos partidos no Rio Grande do Sul caracterizou-se em metade norte e sul do estado, ficando a primeira com o PSD, que engloba setores mais dinâmicos da economia regional e as zonas rurais da serra do sudeste. E a segunda, a metade sul, de alcance petebista devido à região industrializada, com pólos regionais e estar ligada às cidades com altos índices de urbanização. Faz-se uso principalmente da referência bipolar em questões partidárias no RS, devido ao caráter de alternância de poder entre anti-PTB e PTB. Ainda sobre isso, Trindade e Noll⁷² acrescentam, ser essa estabilidade de padrão bipolar por mais de um século a característica mais saliente do perfil eleitoral rio-grandense. Isso se desenvolveu através da troca de poder desde 1947 até 1986, na posição de chefe do estado, iniciando com Walter Jobim pelo PSD em 1947, e depois em 1950, assumindo o governo estadual Ernesto Dornelles pelo PTB, e assim sucessivamente, ou seja, alternância entre situação e oposição política.

A base de formação social do PSD no estado não difere da ocorrida nacionalmente e já citada no capítulo anterior. Com berço nas oligarquias tradicionais e na máquina estatal varguista, foi o modelo de criação que Vargas utilizou com base na forma de organização do PRL, que conforme Trindade e Noll⁷³, Flores o criou através do intuito de garantir-lhe sustentação política e ser formado a partir da classe dirigente do Estado, o mesmo esperado por Vargas.

Cilon Rosa foi o responsável pela organização do partido no Rio Grande do Sul. E sua primeira medida foi a convocação de todos os prefeitos para dar forma ao partido, organizando assim, os Comitês Centrais Rio-grandenses da União Nacional nos municípios abaixo separados por distritos eleitorais: 1º Distrito – Canoas; 3º Distrito - Osório, Taquara; 4º Distrito - Getúlio Vargas, Tupanciretã, São Luiz, Três Passos, Júlio de Castilhos, Erechim,

⁷² TRINDADE, Héliogio. NOLL, Maria Izabel. Op. Cit., p. 94.

⁷³ Ibid., p. 65.

Cruz Alta, Palmeira das Missões, Guaporé, Sarandi, Rosário; 5º Distrito – São Borja, Bagé, Santana do Livramento, Dom Pedrito; 6º Distrito - Pinheiro Machado, Jaguarão.

Esses comitês articularam suas bases eleitorais em nível local e depois vieram a instalar os comitês municipais pessedistas:

Organizaram-se comitês pessedistas em Santa Maria, Caxias do Sul e toda Zona Colonial, Santo Antônio, Lajeado, Passo Fundo, Rio Pardo, Herval, Candelária, Rio Grande, Rosário, Santiago do Boqueirão, Cruz Alta, Santiago, Estação Gil (distrito de Triunfo), Santo Ângelo, Farroupilha, etc.⁷⁴

A comissão executiva e os membros⁷⁵ do PSD gaúcho podem ser visualizados abaixo, dando ênfase na tabela aos políticos de Passo Fundo, como Arthur Ferreira Filho e Elpídio Fialho:

Chapa dos Membros do Diretório Estadual do PSD

Presidentes de Honra:

Firmino Paim Filho, Gaston Englert, Honório Fagundes de Carvalho, Protásio Dornelles Vargas.

Membros efetivos:

Abelardo José Nácul,	Adail Moraes,	Adolfo Petter,
Adroaldo Mesquita Costa,	Alderico Massignan,	Albino Luz,
Alceu Mosmann,	Alfredo Hofmeister,	Alvimar Garcez Cabelera,
Angelo Reginatto,	Antonino Fornari,	Ari Delgado,
Ariosto Jaeger,	<u>Arthur Ferreira Filho,</u>	Azeil Cintra,
Breno Guarani de Bem,	Candido Machado Carrion,	Celestino Goulart,
Célio Marques Fernandez,	Cesar Roni Abruzzi,	Clemente Warpechowsky,
Clóvis Pestana,	Daniel Faraco,	Damaso Rocha,
<u>Elpídio Fialho,</u>	Emílio Sésti,	Ernesto Marques da Rocha Filho,
Euclides Vicolau Kliemann,	Flavio Menna Barreto Mattos,	Francisco Machado Carrion,
Glodomiro Martins,	Glycerio Alves,	Gustavo Launsch,
Hed Santos Borges,	Helio Carlomagno,	Hélvio Jobim,

⁷⁴ OLIVEIRA, Lisandre M. de. **O PSD no Rio Grande do Sul: o diretório mais dissidente do país nas "páginas" do Diário de Notícias.** Tese de Doutorado defendida em 2008., p.74.

⁷⁵ Documento do **Arquivo Particular de Arthur Ferreira Filho.** Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Hermes Ferreira de Souza,	Hermes Webber,	Hugo Mardini,
Ildelfonso Pereira de Albuquerque,	Ildo Meneghetti,	Ivo Fanciosi,
Izidio Correa Fonseca,	Jaime Wainberg,	João Dentice,
João Batista da Silva,	João Batista Marchese,	João Marques Moraes,
João Miguel Vitaga,	João Neves da Fontoura,	João Olímpio de Souza,
João Osório,	José Arlindo Kunzler,	José Barros Vasconcelos,
José Galvão Sarti,	Kurt Weissheimer,	Lauro Franco Leitão,
Lauro Ribeiro,	Leonel Flores da Rosa,	Luiz Mércio Teixeira,
Luiz Pacheco Prates,	Luciano Machado,	Luiz Moraes Varela,
Manoel Tavares dos Santos,	Marcial Terra,	Maria Abreu,
Mario Antunes da Cunha,	Mario Lampert,	Miguel Costa,
Naio Lopes de Almeida,	Nestor Jost,	Nestor Moura Jardim,
Olmiro Ferreira Porto,	Oscar Balduino Petry,	Oscar Carneiro da Fontoura,
Oscar Freitas de Castro,	Oscar Machado da Fontoura,	Otaviano Pereira dos Santos,
Otavio Germano,	Osvaldo Vergara,	Pedro Alcantara Monteiro Filho,
Pedro Camargo de Azevedo,	Pedro Prólo,	Plauto Abreu,
Pavorino Bastos Mércio	Pompeu Castelo Costa,	Pompílio Cilon F. da Rosa,
Porcínio Pinto,	Raul Ferrari Valla,	Reynaldo Roesch,
Roberto Landell de Moura,	Romeu Scheibe,	Rubem Borges Fortes,
Salim Buais,	Sebastião Vasconcelos,	Solon Gonçalves da Silva,
Sylvio Cademartori,	Tarso Dutra,	Tarcisio Grando,
Tulio Farias Brenner,	Victor Hugo P. de Azevedo	Waldemar Fonseca,
Walter Perachi Barcellos,	Wlaler Jobim,	Walter Ulmann,
Zeferino Pereira da Lua.		

O Rio Grande do Sul ocupava a posição de terceiro estado com força eleitoral para com o PSD. Ficando em primeiro lugar São Paulo e logo após Minas Gerais. Fato que se explica devido à formação do partido em suas origens oligárquicas, remetendo a República Velha, a questões coronelísticas e políticas de inserção nacional através do parâmetro nacional de posse presidencial do programa café-com-leite. O Rio Grande do Sul se projeta ainda, sob o parâmetro de desempenho eleitoral, na posição de terceiro estado dotado de força política nacionalmente, mesmo após o fim de um regime oligárquico e ditatorial⁷⁶,

⁷⁶ Durante a República Velha e o Estado Novo, o Rio Grande do Sul desenvolveu um considerável desempenho eleitoral, ou seja, tinha força política, dessa forma torna-se importante fazer menção as frações que surgiram ao longo desse período. Estas tiveram suma importância na reestruturação partidária gaúcha no pós-45, assim como a defesa de um partido contrário a Vargas, a UDN, por líderes políticos que sob o escudo de subjetivas causas migraram de apoio à oposição a Vargas.

De acordo com a problemática em torno da qual se estrutura este trabalho, ou seja, a posição pessedista em nível local em relação ao alinhamento com os diretórios nacional e estadual, simultâneo à ascensão petebista em nível local.

Desse modo, propõe-se justificar que apesar de toda articulação em torno das massas trabalhistas, o surgimento do PTB e sua emergente força política ocorre simultaneamente ao declínio pessedista. Ou seja, essas disputas de poder político local/estadual, em torno da figura de Vargas e outros políticos, contribuíram para a fragmentação interna do partido e à consolidação petebista no estado e em Passo Fundo.

A trajetória pessedista em Passo Fundo, ora difere, ora se alinha à posição do diretório estadual e nacional, em questões quanto às alianças partidárias, dissidências e quadros políticos internos do mesmo. Isso será explicado mais à frente do texto. Mas pode-se dizer ainda, segundo Bodea, que *inicialmente* a divisão de forças partidárias rio-grandenses seguiu o padrão semelhante ao nacional, o que veio a distinguir nas eleições da década de 50,

de um lado as correntes da oposição antivarguista, agrupando-se em torno da União Democrática Nacional, do outro, as correntes fiéis ao oficialismo, articulando, a partir sobretudo da estrutura da interventoria estadual, o Partido Social Democrático, aparentemente fiel a Vargas.⁷⁷

Assim, do lado da UDN, encontravam-se líderes gaúchos que anteriormente posicionavam-se aliados a Vargas, mas devido a desentendimentos políticos assumiram posição contrária ao mesmo, como Flores, Oswaldo Aranha, Borges e Raul Pilla, coligados à Esquerda Democrática, representada por Bruno Mendonça e Antonio Aranha, irmão de Oswaldo. Pilla não chegou a ser militante udenista, pois formou logo em seguida o Partido Libertador, que desbancou o poder eleitoral udenista no estado devido à tradição do liberalismo gaúcho de concentrar-se no PL, desde os tempos da República Velha. Já a herança positivista encaminhava-se para o campo getulista, o que inicialmente concentrava-se em torno do PSD.

Conforme origem nacional, o PSD gaúcho também aglutinava forças pró-getulistas, as quais compuseram a fase inicial do partido e estiveram presentes na 1ª Convenção Regional em julho de 1945 – Ernesto Dornelles (interventor do estado), Protásio Vargas, Walter Jobim,

⁷⁷ BODEA, Miguel. Op. cit., p. 17.

Oscar Carneiro da Fontoura e Cilon Rosa. Esta convenção teve por objetivo os seguintes pontos: “a fundação oficial do partido, homologar a candidatura à presidência, confeccionar a chapa dos candidatos a Senador e Deputado Federal, e confirmar a candidatura Walter Jobim ao governo do estado.”⁷⁸.

Desse modo, quanto à sua formação, o PSD se caracterizou por emergir em 1945 com grande desempenho eleitoral, devido à base rural que compunha as fileiras do sistema político pessedista, segundo tese de Soares, em que exemplifica a formação do PSD através dos interventores e oligarquia dominante no estado novo. Contudo, apesar de ser o maior partido, seu desempenho nas urnas foi perdendo destaque eleitoral, o que deu lugar ao surgimento de dissidências internas e alianças com outros partidos, como é o caso do processo de dissenso - desgetulização.

2.1. Desgetulização

Frente à ruptura que distingue varguistas e dutristas, a disputa de poder político, os ideais e benefícios próprios esperados, ocorre o primeiro conflito interno nos quadros pessedistas, ou seja, o choque entre líderes políticos tradicionais e elitistas (Walter Jobim, João Neves da Fontoura e Cilon Rosa) e os líderes getulistas de massa, com estilo populista (José Diogo Brochado da Rocha, José Vecchio e Silvio Sanson). O que nos remete à mesma cisão em nível local, porém não em nível nacional, o que será explanado mais à frente.

Esse conflito interno caracterizou-se pela importância frente ao desenvolvimento partidário rio-grandense, pois deu origem à criação da Ala Trabalhista do PSD, e conseqüentemente articulou assim, o berço petebista no estado. A respeito disso, Bodea complementa: “É interessante notar que a iniciativa da fundação do PTB partiu de lideranças sindicais de peso (geralmente presidentes de sindicatos) das mais variadas categorias.”⁷⁹.

O fato do PTB ter surgido da mescla de lideranças sindicais e dissidentes do PSD, deixou marcas profundas no sistema partidário do Rio Grande do Sul, a ponto de ser a causa

⁷⁸ OLIVEIRA, Lisandre M. de. Op. cit., p.77.

⁷⁹ BODEA, Miguel. Op. cit. p. 22.

principal da falta de alianças e coligações entre esses dois partidos gaúchos tanto em nível estadual quanto local, e o que fez não seguir a regra de coligações nacionais.

Ainda sobre a formação do PTB, Bodea descreve que das três vertentes formadoras do partido trabalhista gaúcho, duas são provenientes do PSD, a corrente sindicalista e a pragmático-getulista. A primeira citada surgiu sob articulação de José Diogo Brochado da Rocha e esteve intimamente ligada ao movimento Queremista gaúcho. A segunda corrente, a pragmático-getulista, foi o fim da passagem de políticos pró-getulista do PSD para o PTB. Tinha como figuras políticas de maior representação José Loureiro da Silva e José Diogo Brochado da Rocha, o qual ainda não havia se desligado do PSD, pois estava concorrendo à cadeira de deputado federal pelo partido pessedista. Essa corrente pragmática era composta por políticos profissionais que passaram do PSD para o PTB sob orientação de Vargas, conforme Bodea⁸⁰.

Dessa forma, esse processo de desgetulização do PSD, só veio a ter fim, em 1950, quando foi criado o PSD Autonomista (PSDA) de caráter pró-getulista. Formado sob liderança de Ernesto Dornelles, contava também com o apoio de João Batista Luzardo, João Neves da Fontoura, Francisco Brochado da Rocha, Victor Issler, Ney Brito e Mariano Beck, de acordo com Bodea.⁸¹

Mesmo através de todo esse poderio a favor de Vargas, o PTB em 1945 teve resultados fracos, isso porque não estava estruturado internamente pelo interior do estado igual o PSD, o qual detinha de antemão o poder das tradicionais oligarquias. Entre outros fatores, “o fraco desempenho do PTB em nível regional pode ser descrito segundo Bodea pelo relativo desinteresse de Pasqualini e seus seguidores da USB nas eleições nacionais; [...] a frieza dos trabalhadores diante da candidatura do general Dutra.”⁸².

A origem do PTB decorreu das cisões internas do PSD e de uma corrente de caráter doutrinário-pasqualinista, a qual sob a liderança de Alberto Pasqualini, agregou ao PTB a União Social Brasileira (USB) que caracterizou o partido sob um novo prisma, diferente do que vinham ocorrendo nacionalmente. A USB era caracterizada como reformista e doutrinária, o que segundo Bodea, tratava-se de uma esquerda democrática que optou por integrar-se no PTB e não na UDN,

⁸⁰ BODEA, Miguel. Op. cit., p. 28

⁸¹ Ibid., p. 62

⁸² Ibid., p. 30.

ao contrário do que ocorria em nível nacional. Ao nível regional, a consequência disto seria dupla: por um lado, o PTB adquire, desde o início, uma conotação de ‘partido de esquerda’ e não apenas ‘partido popular’ ou simplesmente ‘legenda popular’ como tendia a ser nos estados do centro do país. Por outro, sobrava pouco espaço para o Partido Socialista Brasileiro no Rio Grande do Sul.⁸³

O processo eleitoral no Rio Grande do Sul em 1945 se desenrola em torno da aproximação entre o PTB e a USB e de uma tentativa de ligação entre o PSD, PL e UDN. Vargas concorre a uma cadeira no Senado pelo PSD e na Câmara Federal pelo PTB e esquiva-se do cargo de presidente regional do PSD.á Diante da inércia de Vargas, Dutra tenta uma aliança com o PTB, por insegurança quanto vitória sem o apoio varguista, até que Getúlio lança um manifesto conclamando o apoio do PTB e do povo brasileiro à candidatura dutrista. Mas isso causa descontentamentos na USB e de Pasqualini, que não acatam o pedido de Vargas.

Frente às eleições que não envolviam PTB, ou melhor, a figura de Vargas, o sucesso eleitoral do PSD sobressaía-se diante dos demais partidos pouco articulados e sem herança política, o que diferenciava-os do PSD. Pode-se notar ainda que o prestígio de Vargas permanecia latente, mesmo após o Estado Novo, através do qual ganhou as eleições para senador pela sigla do PTB, fato que agregou mais adiante no poderio eleitoral do partido nas eleições de 1950.

Dutra foi eleito com 73,54% dos votos, assumindo a presidência em 1946 e nomeou para a interventoria do estado Cilon Rosa, até que fossem efetuadas as eleições para governador, a qual seria disputada por Walter Jobim (Secretário do Interior) pelo PSD, Alberto Pasqualini pela fusão PTB e USB e Décio Martins Costa pela aliança entre PL e UDN.

Vargas manteve-se favorável a uma aliança entre PSD e PTB até os últimos instantes, mas por fim, acabou decidindo-se pelo apoio a Pasqualini, o que causou a cisão entre o chefe político e o PSD gaúcho. O Partido Social Democrático contou com o apoio do PRP (integralistas), e PCB (comunistas), e elegeu Jobim com 43,84%, deixando Pasqualini em segundo lugar com 40,02% dos votos.

⁸³ BODEA, Miguel. Op. cit., p.28.

Esse duplo partidatismo de Vargas fez com que se acentuassem no estado gaúcho as clivagens em torno de sua personalidade política e ao mesmo tempo foi um dos fatores que impediram a aliança PSD e PTB. Desse modo, Bodea acrescenta:

Em relação ao PSD gaúcho, Vargas manteve, desde o início uma atitude ambígua: aceitava candidatar-se ao Senado na legenda pessedista, mas recusara vários apelos para assumir a presidência regional deste partido, inclusive os apelos de Walter Jobim e Cilon Rosa. Ao mesmo tempo, Getúlio aceitava concorrer para uma vaga na Câmara Federal, na legenda do PTB.⁸⁴

Ao se comparar as eleições de 1945 e as de 1947, nota-se que a diferença de votos entre os dois partidos PSD e PTB, vem aos poucos sendo amenizada. A margem de votos entre pessedistas e petebistas já não comporta mais uma distância que antes favorecia os primeiros. O PSD começa a se estagnar frente ao desenvolvimento eleitoral do PTB e do jogo de relações políticas que ocorre em torno da figura varguista.

Vargas tinha como objetivo nacionalizar o país, ou seja, torná-lo uno para que representasse uma nação coesa em suas mãos, o que veio a descontentar alguns antigos aliados, que estavam preocupados com a perda do poder regional rio-grandense, levando a rompimentos políticos. Várias lideranças políticas disputavam o espaço umas com as outras e a atenção especial de Vargas para trazê-lo de volta a realidade gaúcha. É a hegemonia de um lado, mas o controle dos pares e antigos companheiros de outro. Toda essa disputa entre poderes políticos e subjetivos interesses levou a ruptura entre Vargas e o PSD gaúcho, e fez com que houvesse uma aceleração da saída dos getulistas do quadros do PSD estadual. Bodea acrescenta que, “Tudo levava a crer que Vargas procurava confinar a crise surgida entre ele e o PSD ao Rio Grande do Sul, evitando que se consumasse uma ruptura sua com o PSD nacional.”⁸⁵. O que viria a prejudicar profundamente a aliança entre os dois partidos em nível nacional.

O período que compreende entre 1945 a 1950, é caracterizado por Cánepa como formação partidária rio-grandense. Pois a partir de 1945, começam a se organizar os partidos, mas devido a cisões e dissidências internas, somente em 1950, é que o PSD se encontrava totalmente ‘desgetulizado’. Processo esse que garante ao PTB, de acordo com Bodea, o título

⁸⁴ BODEA, Miguel, Op. cit., p. 32.

⁸⁵ Ibid., p. 47.

de “único e legítimo portador dos ‘ideais de 1930’ e do ideário nacional-desenvolvimentista.”⁸⁶.

Quando Vargas decide optar pelo PTB em nível estadual, a direção do PSD gaúcho se divide ainda mais, fato que Cánepa explica da seguinte forma:

A ala ‘dutrista’ reage fortemente exigindo que Getúlio abandone sua cadeira no Senado (já que fora eleito pelo PSD/RS) e a ala ‘getulista’, ou pelo menos boa parte dela, rompe com o PSD e ingressa no PTB (Embora a maior parte da rejeição ao posicionamento de Vargas se observe nos quadros do PSD, é importante dizer também no PTB, especialmente no interior do Estado, há uma reação desfavorável a uma candidatura própria do PTB em vez de uma aliança com Jobim).⁸⁷.

As eleições de 1950 são dotadas de um caráter peculiar para a política partidária no Rio Grande do Sul, pois é a única em todo período que coincidiu eleição para governador e presidente ao mesmo tempo.

Os partidos lançam seus candidatos a presidência: pelo PTB, Getúlio Vargas concorre com o apoio do PSDA e PSP. O PSD lança a candidatura de Cristiano Machado, com o apoio do PCB. Eduardo Gomes é candidato pela UDN, PL e PRP, e por fim, João Mangabeira concorre pelo PSB, que substitui a ED. De acordo com Cánepa, “No Rio Grande do Sul, a candidatura de Vargas pelo PTB, combinada com a cisão no PSD e a formação do PSDA, levará, definitivamente, para o seio do PTB, o restante da ala ‘getulista’ do PSD gaúcho, determinando [...] a precoce ‘udenização’ do PSD gaúcho.”⁸⁸

Contudo, Getúlio acreditava que poderia se efetivar uma aliança entre pessedistas e petebistas, a fim de compor maioria parlamentar e unificar forças que estavam a desmembrar-se. Mas isso não foi aceito pelo PSD, pois contava com o prestígio de seus próceres, mas na prática real das disputas acabaram por fim, cedendo ao prestígio que definia os grupos a favor e contra Vargas.

Para governador do estado a coligação PTB, PSDA e PSP lançou *a priori* Salgado Filho, mas devido a um acidente, ocupou seu lugar o candidato Ernesto Dornelles, o qual enredado pelos laços a Vargas concorre ao governo do estado pelo PTB. Cilon Rosa

⁸⁶ BODEA, Miguel. Op. cit., p. 204.

⁸⁷ CÁNEPA, Mercedes M^a L. Op. cit., p. 116.

⁸⁸ Ibid., p. 124-125.

encabeçou a coligação entre PSD, UDN e PRP. E o PL e o PSB lançaram seus candidatos sem apoio de outro partido, respectivamente, Edgar Schneider e Mendonça Lima.

Vargas é eleito pelo PTB para presidente da república com 48,49%, contra 29,02% do PSD com o candidato Cristiano Machado. Mas essa larga margem de votos entre os dois partidos confirma-se não só nas eleições para o cargo de presidente, mas também para vice e governador.

O capítulo 3 a seguir, faz menção à história local do Partido Social Democrático, na cidade de Passo Fundo, no período de 1945 a 1950, e expõe de maneira detalhada sua formação partidária, abrangendo num quadro geral as forças políticas locais, bem como as relações políticas existentes entre a elite oligárquica que compunha as fileiras do partido. Destaca-se ainda, a atuação partidária de políticos pessedistas dotados de relevância política tradicional como Nicolau de Araújo Vergueiro, Arthur Ferreira Filho, Bitencourt Azambuja, Túlio Fontoura, Dionísio Lângaro e sua relação com os demais partidos e Vargas.

3. FORMAÇÃO LOCAL DO PSD

Ao fazer referência à trajetória do Partido Social Democrático na cidade de Passo Fundo, deve-se ter claro que o processo de formação deste partido em Passo Fundo, ocorre concomitantemente à criação do diretório nacional e estadual. Desse modo, torna-se relevante o estudo em torno das relações assimétricas de poder na composição das instituições político-partidárias rio-grandenses e locais, ou seja, as relações de poder entre as instâncias dos diretórios pessedistas.

Serão demonstradas as disputas internas entre pessedistas com *status* político regional, como: Telmo Azambuja, Nicolau Vergueiro, Arthur Ferreira Filho, Túlio da Fontoura e Bittencourt Azambuja. Para tal, fez-se uso da combinação das fontes utilizadas no decorrer do trabalho (correspondências e jornais locais), para demonstrar os fatores que contribuíram para a formação do PSD, o papel da lideranças políticas nesse processo e as eleições de 1945 e 1947.

3.1 Política e Lideranças locais

O ano de 1945 foi mais um divisor de águas na história política brasileira, assim como outras datas marcantes, e que cabe citar as mais recentes como a Proclamação da República

em 1889 e 1930 com a Aliança Liberal⁸⁹ liderada por Vargas, que o levou ao poder. Mas 1945 foi um ano marcado pelo fim do estado de ditadura, pela abertura política, a regulamentação eleitoral e a formação dos partidos aspiravam novos ares democráticos ao país. No Rio Grande do Sul, sob o intuito de formarem agremiações de caráter nacional, articularam-se velhos partidos, Partido Libertador (PL), Partido Republicano (PR), Partido de Representação Popular (PRP) e surgiram novos.

O Partido Republicano Histórico (Castilhistas) não ressurgiu, havendo-se incorporado parte de seus remanescentes a União Democrática Nacional e outra parte, a maior, melhorando, a legislação social existente, dando-lhe continuidade, sem prejuízo dos princípios democráticos adotados. A Ação Integralista ressurgiu transmutada no Partido de Representação Popular. O Partido Comunista foi também reconhecido como entidade legal, mas como nada havia mudado em seus métodos teve, em breve, seu registro cassado, ainda no governo do Gal. Eurico Dutra.⁹⁰

A formação de novos partidos como PSD, PTB e UDN ocorreu em meio a desavenças e paixões partidárias, como em qualquer ato político que envolva disputa de poder entre partidos. Contudo, a formação dos partidos políticos em Passo Fundo ocorreu baseada nos seus antecedentes partidários, ou seja, prezou-se muito a linha política na formação dos mesmos. Advindos de partidos como Partido Republicano Liberal (PRL), PR ou PL formaram-se o PSD e a UDN local. Com lideranças já consolidadas no meio político e social, como também emergentes e aspirantes ao mesmo.

Dessa forma, será incabível, interpretar o surgimento e desenvolvimento do PSD local, sem fazer menção aos demais partidos, tendo em vista a mobilidade partidária com que agem seus políticos, em especial no processo de formação deste. “As hesitações e até as adesões são muito freqüentes nas primeiras horas das campanhas políticas até mesmo daqueles que todo mundo acreditava estarem firmes na sua corrente política.”⁹¹

⁸⁹ Formada entre os estados Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, contra a política café-com-leite, que ocupava a presidência alternando-se entre São Paulo e Minas Gerais. Ver ABREU, Alzira Alves de. BELOCH, Israel. LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Partido Social Democrático. Op. cit.

⁹⁰ FILHO, Arthur Ferreira. **História Geral do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1978. p. 242.

⁹¹ **Diário da Manhã**, 07 fev. 1945.

No Rio Grande do Sul também ocorre o processo de formação dos partidos políticos de caráter nacional e que tivesse como objetivo comum suprir as necessidades da época.⁹²

O PSD começou a tomar forma partidária no estado, a partir de fevereiro de 1945, com orientação getulista e sob a atenção de Cilon Rosa, Protásio Vargas, Paim Filho, Ernesto Dornelles, Batista Luzardo, José Diogo Brochado da Rocha e Walter Jobim.

Sob o âmbito local, o PSD foi organizado a partir de lideranças como Nicolau de Araújo Vergueiro, Arthur Ferreira Filho e Bittencourt de Azambuja. Sob o mesmo caráter particular do diretório estadual, se constituiu o diretório local, ou seja, com seguidores de Dutra e outros de Vargas, padronizando duas linhas dentro do partido.

Convém apresentar de forma rápida, um histórico político desses líderes locais que conduzem convictamente o Partido Social Democrático às urnas.

Nicolau de Araújo Vergueiro nasceu em Passo Fundo em 07 de março de 1882, descendeu de uma linha política republicana, devido aos interesses políticos de seu pai, e entrou para a política no ano de 1908, quando foi eleito presidente do Partido Republicano, destacando-se como militante e demonstrando desde logo seu apreço pela política. Logo após, foi eleito Deputado Estadual pelo Partido Republicano e reeleito durante cinco legislaturas, coube-lhe também a cadeira de Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul, sendo reeleito em 1935 e 1945, novamente. Seu prestígio local foi obtido através da administração no cargo de Intendente Municipal 1920 a 1924. Convém lembrar sua estima pela figura de Getúlio Vargas, o que lhe conduziu as fileiras do PSD.

Arthur Ferreria Filho, natural de São José do Norte, nasceu em 20 de setembro de 1899, foi jornalista e um intelectual destacado da época. Foi nomeado no ano de 1938 e depois em 1946 para o cargo de prefeito da cidade de Passo Fundo, ampliando seu poder político. Republicano convicto, Ferreira Filho seguia a mesma linha getulista de Vergueiro.

Com um viés político diferente dos outros líderes pessedistas, Antonio Bittencourt de Azambuja descendente do Partido Libertador, tornou-se integrante do diretório deste partido em Passo Fundo em 1933. E, durante o Estado Novo, tornou-se dutrista, devido à extinção do PL.

Passo Fundo detinha em seus grupos políticos, forte tendência republicana, dando assim, seguimento à consolidação do PSD no município, o qual estava embasado nas figuras políticas que compunham o cenário partidário na República e no Estado Novo. Desse modo,

⁹² **Diário da Manhã**, 13 mar. 1945.

aglutinou em suas hostes não apenas republicanos, mas também liberais. O quadro abaixo ilustra os líderes políticos locais e seus partidos na década de 30 e 40.

TABELA 1

QUADRO POLÍTICO NA DÉCADA DE 1930 EM PASSO FUNDO

PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL (1932)	LIGA ELEITORAL CATÓLICA (1932)	GRÊMIO NACIONALISTA FLORES DA CUNHA (1933)	DIRETÓRIO DO PARTIDO LIBERTADOR DE PASSO FUNDO (1933)	DIRETÓRIO DO PARTIDO REPUBLICANO DE PASSO FUNDO (1933)	PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL (1934)
Dr. Nei de Lima Costa	Alzira Guimarães	Anna Theodora da Rocha	A. Bittencourt de Azambuja	Nicolau Araújo Vergueiro	Max Ávila
Antenor de Miranda Reis	Amanda Camatte	Max Ávila	João Fagundes de Souza	Hiran Bastos	Simplicio Jaques
José Pinto de Moraes	Otacílio Ribas	Maximiliano de Almeida	João Miotto	Cantídio Pinto de Moraes	Brasílico Lima
Bonaparte de Lima e Costa	Zélio C. Leal	Dr. Rebello Horta	Lino Schell de Quadros	Arthur Lângaro	Lauro Loureiro Lima
Oreste de Carli	Ludovico Della Méa	Josino S. Marques.	Antônio Carlos Mena Barreto	Oribe Marques	Maximiliano d'Almeida
Gezerino Antunes Duarte	Oclides Paz Biasuz	Dr. Arthur Leite	Aurélio Willig	Almiro Ilha.	Otacílio Vieira
Higino Garcez	José Aleixo Dochinger	José de Sá Britto	Evaristo Wordel		Juvenal Xavier
Martim Madder		Vicente Silva			Eduardo Roca
Leão Nunes de Castro		João Alberto Lahorgue			Carlos Weigang
Cel. Quim César		Salathiel Sperrv			Luiz Meira
Napoleão Duarte		Juvêncio José de Farias			Aparício Lângaro
Pedro J. Estácio		Cap. Pedro de Vargas			Amador Cezar Sobrinho
Agenor Aguiar					João Batista Rotta
Silvestre Porto					Dorival Xavier Castro
João Escobar					Mário Braga
Armando Annes					Mário Garcia
Valzumiro Dutra					Vercidino Camargo
					Nelson Ehlers
					Olivo Giavarina
					Otlides O. Paz
					Alfeu Silva
					Theodorico Borges da Rosa
					Aquelino Translati

Fonte: PIMENTEL, Rodrigo. **Páginas da Nossa História**. Jornal Tropeiro dos Pampas. Caderno Especial. s/d.

TABELA 2

Republicanos e Libertadores de Passo Fundo na República Velha

PARTIDO REPUBLICANO				
Dr. Nei de Lima Costa	Gervásio Lucas Annes	Antonio João Ferreira	Firmino de Paula	Fernando Abbott
José Pinto de Moraes	João Brandísio de Almeida	Antenor de Miranda Reis	Claro Pereria Gomes	Eugênio Franco Di Primio
Bonaparte de Lima e Costa	Cantídio Pinto de Moraes	Gezerino Antunes Duarte	Nicolau Araújo Vergueiro	Francisco Antonino Xavier e Oliveira
Almiro Ilha	Oribe Marques	Arthur Lângaro	Martim Madder	Higino Garcez
Valzumiro Dutra	Armando Annes	João Escobar	Silvestre Porto	Pedro J. Estácio
Napoleão Duarte	Cel. Quim César	José Gabriel	Salvador França	Gabriel Bastos
Angelo Preto	Oreste de Carli			

Fonte: PIMENTEL, Rodrigo. *Páginas da Nossa História*. Jornal Tropeiro dos Pampas. Caderno Especial. s/d.

PARTIDO LIBERTADOR			
A. Bittencourt de Azambuja	João Fagundes de Souza	Antônio Carlos Mena Barreto	Lino Schell de Quadros
Aurélio Willig	João Miotto	Evaristo Wordel	

Fonte: PIMENTEL, Rodrigo. *Páginas da Nossa História*. Jornal Tropeiro dos Pampas. Caderno Especial. s/d.

No início do ano de 1945, essas lideranças locais mobilizaram-se para eleger os nomes que iriam compor o diretório local, e designar o chefe do diretório.

Para tomar parte no referido conclave vieram comissões do PSD e de todos os distritos, os quais juntamente com os correligionários locais estavam elegendo o diretório desta cidade do PSD. Entre os políticos mais prestigiados para ocupar a presidência do diretório local do PSD figura o Dr. Antonio Bittencourt Azambuja, que acaba de regressar da capital da República.⁹³

Em nível estadual, Alberto Pasqualini, incluiu seu nome na lista do Partido Libertador, ficando ao lado dos libertadores que não apoiaram Raul Pilla. Ou seja, em clima de agremiação partidária, os libertadores não pillistas, assumiram a posição pasqualinista, em que pretendia lançar um partido com normas mais progressistas.⁹⁴

⁹³ *O Nacional*, 23 jan. 1945.

⁹⁴ *Diário da Manhã*, 16 mar. 1945; *O Nacional*, 16 mar. 1945.

A data para convenção do PSD estava por aguardar a formação dos diretórios locais para depois formar o estadual, e por fim, o nacional, o que obedecia ao critério de organização do partido referente ao defendido em seu programa.

isto é, a escolha dos órgãos diretores partindo da periferia para o centro. Assim, serão organizadas, em primeiro lugar, as comissões distritais. A comissão do distrito da cidade será mais numerosa do que as demais, conforme as circunstâncias aconselharem. Essas comissões, escolhidas pelos cidadãos em dia eleitoral que se incorporem ao PSD elegerão, por sua vez, a comissão municipal que chefiará o partido no município e o representará junto à comissão estadual.⁹⁵

Em final de maio, Arthur Ferreira Filho iniciou as *démarches* para a fundação do PSD em Passo Fundo, acompanhado de Daniel Dipp⁹⁶. Muitos correligionários passo-fundenses aguardaram a decisão de Arthur Ferreira Filho quanto ao apoio a Dutra para se definirem politicamente.

A recepção do PSD em Passo Fundo foi satisfatória quanto à composição de suas fileiras. Um mês antes da formação do partido, além de somar intelectuais, estudantes, população urbana e rural, conseguem o apoio de inúmeros integrantes do Círculo Operário e ferroviários, que se declararam solidários com o partido local.

Quanto às proporções demográficas, sob o intuito de comparar dados populacionais para que no decorrer deste se possa fundamentar os índices eleitorais, faz-se menção ao número de habitantes nos três níveis, nacional, estadual e local.

Os quadros a seguir representam os índices demográficos no Brasil, Rio Grande Sul e Passo Fundo, entre o período de 1940 a 1950.

⁹⁵ **O Nacional**, 19 mai. 1945.

⁹⁶ Partidário da linha getulista, ajuda a estrutura o PSD local e depois segue nas fileiras trabalhistas.

TABELA 3

SITUAÇÃO DEMOCRÁTICA DO BRASIL	
ANOS	População (Milhares de Habitantes)
1940	41.114.000
1941	42.069.000
1942	43.069.000
1943	44.093.000
1944	45.141.000
1945	46.215.000
1946	47.313.000
1947	48.438.000
1948	49.590.000
1949	50.769.000
1950	51.976.000

Fonte: Estatísticas Populacionais. IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtm Acesso em: 03 de março de 2008.

TABELA 4

SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA DO RIO GRANDE DO SUL						
MILHARES DE HABITANTES						
1940	1942	1944	1945	1946	1947	1950
3.320.689	3.501.600	3.646.500	3.718.900	3.791.400	3.863.800	4.164.821

Fonte: Estatísticas Populacionais. IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtm Acesso em: 03 de março de 2008.

TABELA 5

SITUAÇÃO DEMOCRÁTICA MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO		
	1940	1950
ÁREA	4.384	4.906
POPULAÇÃO	80.138	103.704
POR Km ²	18,28	20,77

Fonte: Estatísticas Populacionais. IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtm Acesso em: 03 de março de 2008.

As tabelas acima demonstram que o aumento populacional em nível nacional, entre 1940 e 1950, foi de 20,89%, sendo que no Rio Grande do Sul este aumento foi de 20,26% e em nível local correspondeu a 22,72%. Logo, o aumento populacional em nível local foi o maior de todos os níveis, sendo que em escala nacional e estadual ocorreram em percentual quase igualitário.

Contudo, somado ao aumento populacional, Passo Fundo adquiriu lugar de destaque neste esboço de formação partidária, pois foi um dos primeiros municípios a se organizar politicamente, segundo notícia do Diário da Manhã:

Passo Fundo ao qual coube, no concerto das coletividades gaúchas, a primazia de ser o primeiro a organizar o PSD, constituirá um dos mais claros se não o maior exemplo de unidade política no clima que estamos vivendo, no sentido da redemocratização completa de nossas instituições.⁹⁷

Os municípios e seus chefes políticos se agitaram em torno do processo de formação dos partidos sob orientação de Ferreira Filho, conforme seu discurso:

Um período político é uma corrente de idéias a que se incorporam, espontaneamente, os que entendem ser esse o melhor caminho para atingir o bem público. [...] As quizilas pessoais não se poderão sobrepor aos altos interesses do Partido. [...] Apraz-me assegurar-vos que o Partido, que estamos organizando, contará em Passo Fundo, com o apoio de nomes tradicionais, alguns destes, de relevo no cenário do Rio Grande do Sul e da República, e outros são valiosas expressões das classes conservadoras, das profissões liberais, dos servidores do estado, dos trabalhadores dos intelectuais. [...] São provindos de velhas correntes políticas, que tendo cumprido honrosamente seus programas, afluem, agora, para a grande caudal do Partido Social Democrático.⁹⁸

⁹⁷ **Diário da Manhã**, 25 mai. 1945.

⁹⁸ Discurso pronunciado pelo Sr. Arthur Ferreira Filho, na posse da comissão distrital do PSD em Tapejara, no dia 31 de maio de 1945. Documento do **Arquivo Particular de Arthur Ferreira Filho** no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, no Memorial do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.

A comissão estadual do PSD encabeçou como presidente a figura de Protásio Vargas, e garantiu estar organizada até metade do mês de junho. O partido contou também com o apoio do Partido Republicano Castilhistas.⁹⁹

Assim a formação do diretório de Passo Fundo esteve embasada nas três lideranças políticas já citadas anteriormente, que segundo o Diário da Manhã, “representam, neste município, um penhor seguro de coesão para o novo partido que aqui surgiu amparado pelos elementos mais representativos do município, na ciência, nas letras, nas artes, no comércio, indústria e ruralismo”.¹⁰⁰

Assim, foram eleitos por unanimidade de votos esses três grandes líderes políticos, para dirigir o diretório municipal: Nicolau Araújo Vergueiro, Antonio Bittencourt Azambuja e Arthur Ferreira Filho. Este último, ficou encarregado do cargo de Presidente do diretório passo-fundense, e começou organizando comissões executivas do PSD.¹⁰¹ Para o cargo de secretário do partido, foi escolhido o nome de Daniel Dipp, que mais tarde faria frente com o PTB.

A respeito da presidência do PSD em nome de Arthur Ferreira Filho, o jornal O Nacional diz que, “constituiu prova do prestígio que S.S. já granjeou neste município onde vem atuando há vários anos, com espírito público através de vários cargos que aqui tem exercido, por delegação do governo do estado”.¹⁰². Entraram em concordância os dois jornais quanto ao prestígio de Ferreira Filho para a posse da presidência do partido.

No início de julho foi criada a Ala Trabalhista do PSD em Porto Alegre, sendo que este acontecimento antecedeu a convenção estadual do partido, a qual foi presidida por Protásio Vargas e composta de 30 membros.¹⁰³. Em discurso, Protásio Vargas reafirma a importância do apoio dos trabalhadores na candidatura Dutra:

⁹⁹ **Diário da Manhã**, 08 jun. 1945.

¹⁰⁰ **Diário da Manhã**, 23 jun. 1945.

¹⁰¹ **Diário da Manhã**, 22 jun. 1945.

¹⁰² **O Nacional**, 27 jun. 1945.

¹⁰³ Entre outros políticos do PSD, estarão presentes os seguintes: Protásio Dornelles Vargas, Walter Jobim, Firmino Paim Filho, Cilon Rosa, Coelho de Souza, José Diogo Brochado da Rocha, Oscar Carneiro da Fontoura, João Maximo dos Santos, Antonio Bittencourt de Azambuja, Camilo Teixeira Mercio, Aneto Moreira Leivas, Luiz Teixeira Mercio, Miguel Lopes de Almeida, João Rodrigues de Carvalho, Alfredo Simch, João Macedo Linhares, Jeronimo Mercio Silveira, Bayard Lucas de Lima, Marcial Terra, Osvaldo Vergara, Glicerio Alves, Domingos da Costa Lino, Alfredo Faveret, j. Osvaldo Rentzeh, Manoel Duarte, Canddo Machdado Carrion, Francisco Brochado da Rocha, Antonio Brochado da Rocha, Herofilo de Azambuja, Reinaldo Rech, Ernesto Marques da Rocha, Otalicio Morais, Torquato Arieo Petrarca, José Loureiro da Silva, Otavio de Abreu, Armando Peterlongo, Teodomiro Proto da Fonseca, Jesus Vieira, Silvio da Cunha Echique, Luiz Pacheco Prates, J. Cesar Tettamanzi, Clovis Pestana, Francisco Pedro Pereira de Souza, Manoel Pacheco Prates, Ataliba Figueiredo Paz, Odon Cavalcanti e Dinarte Dornelles. **O Nacional**, 7 jul. 1945.

o vosso 'queremos', que não é vosso, já agora não tem mais razão. O presidente da República indicou, em seu discurso de 1º de maio a candidatura do Gal. Dutra. Esta candidatura está apoiada pelas forças que prestigiam a política federal. Com essas condições jamais se poderá conceber a candidatura do presidente contra a do ministro.¹⁰⁴

Isso fez com que políticos com tendência trabalhista e ferroviários aderissem ao PSD seguindo as orientações de Vargas. Com a criação dessa corrente trabalhista, os ferroviários rio-grandenses e de Passo Fundo se manifestaram a favor da candidatura do nome de José Diogo Brochado da Rocha a governador do estado e publicaram no jornal O Nacional um manifesto: “nossa solidariedade é estritamente dirigida ao coronel Brochado, grande e sincero amigo dos ferroviários e não presente compromisso político-partidário. Assinado pelos Ferroviários de Passo Fundo.”¹⁰⁵. Assim, o presidente do Circulo Operário de Passo Fundo João Andrade¹⁰⁶ fundou a Ala Trabalhista local, a exemplo do que vinha acontecendo em outras cidades do Brasil e sob a orientação do diretório estadual.

Mas ocorreu que os trabalhadores filiaram-se à Ala Trabalhista do PSD, não apenas por ter Getúlio Vargas na orientação direta do partido, e sim porque aspiravam a continuidade do atual programa de assistência social ao proletariado brasileiro, segundo João Andrade.¹⁰⁷. O mesmo explica também o motivo da adesão de trabalhadores às fileiras pessedistas, ao citar que “os sentimentos morais e cívicos dos trabalhadores, são os motivos que justificam o entusiasmo desses pela criação da Ala Trabalhista do PSD”¹⁰⁸

Isso vem a comprovar que a união de trabalhistas ao diretório pessedista se deu por interesses favorecendo sua ala, o que já origina indícios de dissensões de idéias e favoritismos

¹⁰⁴ **Diário da Manhã**, 14 jul. 1945.

¹⁰⁵ Lista dos Ferroviários de Passo Fundo, que dedicam seu apoio a José Diogo Brochado da Rocha: Pedro Correa, Licio Machado, Salvelino Rosa, Damasio Cantídio Lamaison, Altamiro Mathias, Angelino Raphael Jacini, Eugenio Prolla, Napoleão Hercílio Figueira, João Lamachia Godino, José Carnacino, Aldamo Lemos Floriano, Antenor Costa Mendes, Plínio Borges Maciel, Mário Netto Junior, Pedro Castro, Carlos Magoga, Hugo Conti, Orlando Da Costa, Casemiro Breinack, Antonio Lamachia Godino, Octaviano Ribeiro Britto, Espeliano Pereira Dos Santos, Olmiro Xavier, Ricardo Pinto De Abreu, João Ferreira Ramos, Arthur Ramos Prates. **O Nacional**, 9 set. 1945.

¹⁰⁶ João Andrade, chefe do Posto do Ministério do Trabalho de Passo Fundo e presidente do Circulo Operário local, estava ligado diretamente à orientação de Getúlio Vargas.

¹⁰⁷ **O Nacional**, 25 jul. 1945.

¹⁰⁸ **O Nacional**, 25 jul. 1945.

quanto a líderes políticos que já vinham tomando forma dentro do PSD, isso tanto em nível estadual quanto local.

Ao findar o mês de agosto de 1945, ocorreu no Estado o primeiro comício pró-Dutra de Walter Jobim na cidade de Passo Fundo, promovido por Antonio Bittencourt Azambuja, membro da comissão executiva do partido no Estado e um dos dirigentes do mesmo nesta cidade. O que era para ser uma demonstração solidária e de apoio à candidatura de pessedistas à presidência da República e do Estado, tornou-se uma manifestação a favor da figura de Getúlio Vargas. Discursaram no comício: Azambuja, Frederico Guilherme Morsch, Guaracy Almeida Costa, Justo José Galvez, Mauro P. Machado. Findo o comício, adeptos de Getúlio Vargas, levantaram cartazes entre vivas e gritos de “Queremos Getúlio!”, os manifestantes seguiram em direção às residências de ilustres políticos que não compareceram ao comício, a fim de angariar apoio a sua manifestação pró-Getúlio. Em peregrinação e pregação do “queremos Getúlio”, os manifestantes dirigiram-se à residência de Celso Fiori, depois de Odalgiro Correa, Arthur Ferreira Filho, Eduardo Barreiro e, por fim, a de César Santos.

Entre ditos e não-ditos, o comício teve como estopim o desentendimento inicial das correntes dutristas e getulistas no interior do PSD local após a divulgação da notícia no jornal O Nacional, de que Arthur Ferreira Filho havia declarado em carta entregue ao jornal, não ter feito alusão à candidatura de Getúlio Vargas, negando o pronunciamento da frase: “Todas as portas abrem-se para a candidatura do Sr. Getúlio Vargas”. E disse ainda que falou à multidão referindo-se tão somente ao grande brasileiro, como presidente da República e como presidente do Partido Social Democrático neste Estado. ”¹⁰⁹. Ou seja, Ferreira Filho não quis entrar em atrito com nenhuma das linhas políticas, afirmando seu respeito pela figura de Vargas, mas defendendo-se do seu apoio ao movimento queremista.

Frente ao eminente choque interno do partido, Bittencourt Azambuja concedeu uma entrevista ao jornal O Nacional, deixando bem claro que o não comparecimento no comício dos líderes Arthur Ferreira Filho e Nicolau Vergueiro, não ocorreu por falta de convite, conforme os líderes vinham afirmando.

¹⁰⁹ **Diário da Manhã**, 27 ago. 1945; **O Nacional**, 27 ago. 1945.

Não compareceram, porque não quiseram - sua alma, sua palma! [...] Posso adiantar que foi esta a primeira iniciativa pública tomada de dentro do Partido Social Democrático. E o fiz intencional e deliberadamente. [...] Promovi e promoveria o comício, fosse ou não membro do diretório municipal, tivessem, ou não, os meus companheiros de direção local tomado, anteriormente sem audiência minha as iniciativas a que me referi de início.¹¹⁰

O secretário do diretório local do PSD Daniel Dipp, devido ao movimento que vinha se formando em apoio a Vargas, pediu exoneração em caráter irrevogável do cargo no final do mês de agosto, através de telegrama enviado ao presidente do mesmo, Arthur Ferreira Filho. Veio a público a cisão interna do PSD de Passo Fundo entre os que queriam e os que não queriam o Gal. Dutra, através da publicação no jornal Diário de Notícias de circulação em Porto Alegre. Este jornal publicou a respeito do comício do PSD, que acabou por tomar forma queremista e a entrevista de Bittencourt Azambuja ao jornal O Nacional. No entanto, o jornal porto alegreense acrescentou denominações nos campos dissidentes, ao transcrever as notícias, o que demarcou um alinhamento dutrista e getulista no PSD local:

a multidão saiu do comício promovido pelo líder *dutrista* [grifo da autora] Dr. Bittencourt Azambuja e dirigiram-se às residências do prefeito Arthur Ferreira Filho, Drs. Celso Fiori e N. de Araújo, também membros da direção local do PSD, aos brados de ‘Queremos Getúlio’ – o Dr. Bittencourt Azambuja falando ao jornal O Nacional, declarou que os fatos foram oportunos, pois ficaram definidas as posições...¹¹¹.

E ainda conclui o jornal porto alegreense: “como se vê, ‘as bombas atômicas’ políticas de Passo Fundo continuam arrojando estilhaços longe destas paragens...”¹¹². Em resposta a população rio-grandense, o prefeito de Passo Fundo, Arthur Ferreira Filho nomeado em 1946, e presidente do diretório do PSD da mesma cidade afirmou em nota publicada no Diário da Manhã, não existir cisão alguma no seio do PSD deste município que possa afetar as candidaturas lançadas pelo partido.¹¹³

¹¹⁰ **O Nacional**, 29 ago.1945.

¹¹¹ **O Nacional**, 13 set. 1945.

¹¹² **O Nacional**, 13 set. 1945.

¹¹³ **Diário da Manhã**, 18 set. 1945.

Findo o mês de setembro e a qualificação eleitoral na cidade de Passo Fundo, o número de eleitores é de 14.658, conforme dados do cartório eleitoral da cidade, publicado no Diário da Manhã em 23 do mês de setembro de 1945.

Entre-meio a propagandas e divulgação partidária, foi realizado o “comício monstro” pró-constituente Getúlio Vargas, encabeçado pelos queremistas e a Ala Feminina do movimento, foi transmitido da cidade de Passo Fundo um telegrama a Getúlio Vargas, informando: “que levarão vosso nome às urnas mesmo que V. Excia. não seja candidato à presidência da República.”¹¹⁴

Com todas as manifestações a favor de Vargas, o Estado Novo chegou ao fim com a deposição de Vargas. A respeito, o udenista Victor Graeff concedeu uma entrevista ao jornal O Nacional afirmando ser a nomeação de Benjamim Vargas para chefe de polícia, uma das causas do afastamento de Vargas do poder, mas diz também que a situação getuliana era insustentável, tanto que se torna visível o contentamento geral.¹¹⁵

Devido à profunda alteração governamental no país, seus efeitos atingiram os estados e municípios, àqueles que sentiam-se protegidos em seus cargos por Vargas, tomaram a iniciativa solidariamente como exemplo, Ferreira Filho e Daniel Dipp:

anuncia-se que, em face do pedido de demissão, formulado esta semana pelo Sr. Prefeito Arthur Ferreira Filho, em consequência dos fatos havidos no país e conforme já noticiaram, as funções de governador do município de Passo Fundo serão exercidas pelo juiz municipal desta comarca João Bigois que assumirá o seu lugar.¹¹⁶

Após a deposição de Vargas e seu pronunciamento reafirmando o apoio à candidatura Dutra, é que os queremistas passaram a apoiar o candidato de Vargas, depois de entendimento com o PSD.

Para justificar o apoio a Dutra, o presidente do comitê regional pró-candidatura Getúlio Vargas, Afonso de Assunção Viana diz que, “o queremismo não constituía partido político, mas apenas um movimento de opinião cuja bandeira é o Dr. Getúlio Vargas.”¹¹⁷ E

¹¹⁴ **O Nacional**, 4 out. 1945.

¹¹⁵ **O Nacional**, 31 out. 1945.

¹¹⁶ **O Nacional**, 3 nov. 1945.

¹¹⁷ **O Nacional**, 5 nov. 1945.

diz ainda que os queremistas deveriam se filiar a um partido para opinar nas urnas. E já que Getúlio Vargas indicou a candidatura de Dutra filiaram-se no PSD.

O diretório local do PTB foi criado, em início do mês de novembro, com a característica atenuante de ser fortemente fechado em suas fileiras do partido, não admitiam pedidos de exoneração e tinham posições rígidas no interior do PTB, quanto à mobilidade política de um partido para outro. Mas devido à diferença de idéias os primeiros dissidentes deste partido foram: Waldir Cecconi, Maturino Rabello e Filomeno Pereira Gomes.¹¹⁸

Após a renúncia do cargo de prefeito de Passo Fundo por Arthur Ferreira Filho, sob o fim de dar seguimento à campanha presidencial, Francisco Antonino Xavier e Oliveira assumiu a função no final do mês de novembro, indicado pelo desembargador Samuel Figueiredo da Silva.

A disputa pelos votos dos queremistas continuava entre pessedistas, udenistas e comunistas conforme nota publicada no jornal O Nacional, a pedido do Comitê local do PCB, a transcrição de uma nota do Correio do Povo de Porto Alegre, que incita os queremistas a votarem no candidato Yedo Fiúza do PCB, alegando que não devem trair as idéias e o chefe Getúlio Vargas e ainda dizendo o porquê não devem votar em Dutra e Gomes.¹¹⁹

Às vésperas das eleições de 02 de dezembro, o PSD local sofreu uma grave cisão interna, rompendo laços entre Arthur Ferreira Filho e Nicolau Vergueiro com Antônio Bittencourt Azambuja, devido ao caso das cédulas eleitorais falsificadas. Ou seja, Azambuja acusou Túlio Fontoura de fazer cédulas coletivas, as quais indicavam chapas do PSD, encabeçadas pelo nome de Nicolau Vergueiro. Acusou também o candidato em questão de fornecer as cédulas pessoalmente. Diante das acusações e defesas, entre os envolvidos, respaldaram-se os mesmos nos dois jornais da cidade. Bittencourt Azambuja disse, claramente, que o PSD fraudou as eleições em Passo Fundo, e denunciou como autores dos

¹¹⁸ **O Nacional**, 21 nov. 1945.

¹¹⁹ “Não votar em: Gaspar Dutra – porque – 1º vem traindo o nosso chefe, desde 1943, quando tramou uma revolução, conforme acusações do sr. Oswaldo Aranha, as quais não foram desmentidas e determinaram o afastamento do sr. Dinarte Dornelles, primo de Getúlio Vargas, do PSD. 2º - aliou-se aos inimigos do nosso chefe, para depor, na noite de 29 de outubro, conforme as suas próprias declarações e do Gal. Mendes de Moraes. 3º - aliou-se, agora, aos criminosos espíões integralistas que avisavam os submarinos do eixo, da saída dos nossos navios, mandando à morte milhares de brasileiros. Nem tão pouco em: Eduardo Gomes – porque: 1º é inimigo de nosso chefe e aliado da camarilha de políticos que tanto tem infelicitado o nosso país e a nós todos; 2º é agente do capitalismo estrangeiro, como o sr. Assis Chateaubriand que queria entregar as nossas bases aéreas aos EE.UU., conforme os vários artigos quinta - solunistas que escreveu na sua cadeia associada. Devemos votar em: Yedo Fiuza, porque é o candidato do povo, amigo leal de nosso chefe que o ajudou a construir as imensas estradas que cortam o Brasil afora. É trabalhador como nós, vivendo somente de seu trabalho. Não político, nem está ligado aos politiqueros. E, como já disse, o seu único aliado é o povo trabalhador e com ele quer governar.” **O Nacional**, 28 nov. 1945.

atos fraudulentos Arthur Ferreira Filho, o delegado de polícia, sub-delegados, comissários, etc.

Além a essa disputa interna do PSD os diretórios estavam formados para as eleições. Abaixo consta a composição dos diretórios locais do Partido Social Democrático (PSD), União Democrática Nacional (UDN), Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e líderes do Partido Comunista (PC), Partido Libertador (PL) e do Partido de Representação Popular (PRP):

TABELA 6

DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PSD EM PASSO FUNDO	
Presidente	Arthur Ferreira Filho
Membros	Nicolau Vergueiro
	Antonio Bittencourt Azambuja
	Odalgiro Correa
	Gelso Ribeiro
	Elpídio Fialho
	João Carlos Waihrich
	Manoel Araujo Bastos
	Ivo Pio Brum
Comissão de Finanças	Manoel Bastos
	Arno Jaguaribe de Oliveira
Comissão Eleitoral	Carlos Waihrich
	Manoel Araujo Bastos
	Ivo Pio Brum
Comissão de Propaganda	Odalgiro Correa
	Gelso Ribeiro
	Elpídio Fialho

Fonte: O Nacional, 18 mar. 1947

TABELA 7

DIRETÓRIO MUNICIPAL DA UDN EM PASSO FUNDO	
Presidente	Vitório Dinardo
Vice-presidente	Amador Cesar Sobrinho
Secretário	Pedro Paulo Pereira
Tesoureiro	Francisco Orocil Medeiros
Oradores	Benevenuto Rocha
	Antonio Gomes Jaques
	Jacob Biasus
	José Fagundes De Souza
	Oscar Vasconcelos
	Antonio Mello
	Agenor Aguiar
Representante junto à imprensa	Pedro Copett
	Donato José Ribeiro
	Eurico Rocha
	Romeu Abreu Lima
	Julio Cesar
	Nestor Ferreira Da Silva
	Julio Fischer
	José Cesar
	Antonio Rocha Ribeiro
	Aristides Boeira

Fonte: O Nacional, 30 jul. 1945

TABELA 8

DIRETÓRIO MUNICIPAL DO PTB EM PASSO FUNDO	
Presidente	Cesar Santos
Vice-presidente 2º Vice-presidente	Antonio Nunes Figueiredo Urbano Ribas
1º Secretário 2º Secretário	Celso Fiori Maturino Rabelo
1º Tesoureiro 2º Tesoureiro	Filomeno Pereira Gomes Guilherme Knack
Comissão Executiva	Celso Fiori
	Daniel Dipp
	Antonio Nunes Figueiredo
Comissão De Fundos	Waldir Cecconi
	Inocencio Pinto
	Oldemar Behrends
Comissão Eleitoral	Antonio Junqueira Rocha
	Orestes Mozatto
	Valencio Figueiredo

Fonte: O Nacional, 15 abr. 1946

TABELA 9

LÍDERES DO PC EM PASSO FUNDO	
João Roma	Eduardo Barreiro
Noé Dornelles Oliveira	Arlindo Dienstmann
Reinaldo Fazolo	José Mendes De Oliveira
Alkindar Da Rosa Rodrigues	Antonio Tomé
José Di Primo	Hugo L'sboa
Albertina Machado Rosado	Abilio Machado
Emilio Da Silva Quadros	Patricio Prestes De Sá
João Coni	Dério Luiz da Silva
Mario Fonseca Rodrigues	

Fonte: O Nacional, 02 jan. 1946

TABELA 10

LÍDERES DO PL EM PASSO FUNDO	
Innocencio Schleder	Gomercindo Dos Reis
João Bento De Souza Sobrinho	Antonio Carlos Menna Barreto
João Cony	Victório Martello
Emílio Da Silva Quadros	Nicanor R. Almeida
Arlindo Luiz Osório	Plínio Da Silva Rocha
Eduardo Barreiro	Patrício Prestes Sá

Fonte: O Nacional, 23 jan. 1945

TABELA 11

LÍDERES DO PRP EM PASSO FUNDO	
Sezefredo Vieira	Assis Machado
Di Primo Paz	Napoleão Sioggia
Jatyr Foresti	Erwin Crussius
Auhyldo Velloso De Linhares	Helmuth Closs

Fonte: O Nacional, 07 jan. 1945

A composição dos diretórios locais ocorreu em torno de lideranças políticas como: Arthur Ferreira Filho, Manoel Araújo Bastos, Antonio Bittencourt Azambuja, Elpídio Fialho, Nicolau Vergueiro, Vitório Dinardo, Victor Graeff, César Santos, Daniel Dipp, Urbano Ribas, Armando Annes, Eduardo Barreiro, Gomercindo dos Reis, Antonio Carlos Mena Barreto, Helmuth Closs, entre outros descendentes da linha republicana ou liberal.

Fazendo uso da lista nominal de lideranças políticas, será possível compreender o processo que envolveu as eleições de 1945 e 1947 em âmbito local, bem como os motivos que levaram às dissidências partidárias.

3.2 Eleições de 1945 e 1947

De acordo com o jornal O Nacional, a população foi as urnas para a escolha que iria eleger o presidente da República, deputados e senadores, a fim de garantir o direito extinto, o direito de voto livre, de democracia:

Assim, a maior vitória cabe indiscutivelmente ao próprio povo que, pela primeira vez em toda a sua acidentada história, pode assistir a um espetáculo cívico como o de 02 de dezembro, em que as correntes disputantes, sem nota desarmônica, ofereceram ao mundo livre e democrático um grandioso exemplo de cultura política.¹²⁰

As eleições de 1945 foram realizadas no dia 02 de dezembro de 1945, em que foram escolhidos os representantes para os cargos de Presidente da República, Senador e Deputado Federal. O número de habitantes neste ano eleitoral era de 46.590 milhões, sendo que 7.426 milhões estavam inscritos como eleitores, ou seja, 16,2% da população, dentro desse número de eleitores o percentual de abstenção nas urnas foi de 16,9%. Conforme a tabela abaixo a vitória do PSD sobre os demais partidos só vinha a comprovar a idéia de que os antigos chefes políticos ainda usavam de seu prestígio eleitoral.

TABELA 12

RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM 2/12/1945

VOTANTES: 6.200.805	ELEITORES: 7.459.849	PERC. ABST.: 16,9%
-------------------------------	--------------------------------	------------------------------

CANDIDATOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
EURICO G. DUTRA	PSD	3.250.516	52,42
EDUARDO GOMES	UDN	2,040,123	32,90
YEDO FIUZA	PCB	600,348	9,68
	BRANCOS E NULOS	309.818	5,00
	TOTAL	6.200.805	100

Fonte: Banco de Dados Políticos das Américas. (1999) Brazil: Eleições Legislativas de 1945 / 1945 Legislative Elections. [Internet]. Georgetown University e Organização dos Estados Americanos. Em: <http://pdba.georgetown.edu/Elecdata/Brazil/legis1945.html> Acesso em: 20 fevereiro 2008.

¹²⁰ O Nacional,

De acordo com as tabelas 2 e 3 abaixo, a representatividade do PSD tanto na Assembléia Federal quanto no Senado, abriu uma larga vantagem sobre a UDN. Com uma diferença de 16% elegeu 151 candidatos para Câmara Federal. E com uma vantagem de 24 cadeiras a mais que a UDN, o PSD elegeu 39 políticos para assumir o cargo de senador.

TABELA 13

RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA CÂMARA FEDERAL EM 2/12/1945

VOTANTES: 6.200.805	ELEITORES: 7.459.849	PERC. ABST.: 16,9%
-------------------------------	--------------------------------	------------------------------

Nº DE CADEIRAS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
151	PSD	2.531.944	42,27
77	UDN	1.575.375	26,30
22	PTB	603.500	10,07
14	PCB	511.302	8,45
7	PR	219.562	3,67
0	PRP	94.447	1,58
0	PRProg.	70.675	1,18
2	Outros Partidos	153.149	2,56
	BRANCOS E NULOS	440.851	3,2
	TOTAL	6. 200.805	100

Fonte: Banco de Dados Políticos das Américas. (1999) Brazil: Eleições Legislativas de 1945 / 1945 Legislative Elections. [Internet]. Georgetown University e Organização dos Estados Americanos. Em: <http://pdba.georgetown.edu/Elecdata/Brazil/legis1945.html> Acesso em: 20 fevereiro 2008.

Com grande poderio político-partidário o PSD vai se moldando em 1945, e realiza as eleições, com a certeza de sua vitória, pois contava com o apoio de Getúlio Vargas, figura de imenso prestígio, que orientava vários correligionários indecisos. Dutra se elege Presidente da República sem muitos esforços, pois o PSD era o partido mais estruturado politicamente. E contava com o apoio dos grandes líderes políticos em todos os estados.

TABELA 14**RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
NO RIO GRANDE DO SUL EM 2/12/1945**

VOTANTES: 625.840	ELEITORES: 753.232	PERC. ABST.: 17%
-----------------------------	------------------------------	----------------------------

CANDIDATOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
EURICO G. DUTRA	PSD	447.517	72,46
EDUARDO GOMES	UDN	110.444	17,89
YEDO FIUZA	PCB	50.200	8,13
ALVARO ROLIM TELLES	PAN	341	0,05
	BRANCOS	3.880	0,63
	NULOS	5.139	0,84
	TOTAL	625.840	100

Fonte: Banco de Dados Eleitorais – NUPERGS - http://www1.nupergs.ifch.ufrgs.br/eleicoes/TOTAL_RS.ASP Acesso em: 20 fevereiro 2008.

A tabela abaixo apresenta a legenda do Partido Social Democrático obteve oito vezes mais o número de cadeiras, para deputado federal em relação à União Democrática Nacional. Diferença essa no número de cadeiras pode ser notada ao se comparar o PSD com o Partido Trabalhista Brasileiro, que para o mesmo cargo obteve somente uma cadeira para representante de seu partido.

TABELA 15**RESULTADO ELEIÇÕES PARA CÂMARA FEDERAL NO RIO GRANDE DO SUL EM 2/12/1945**

VOTANTES: 625.840	ELEITORES: 753.232	PERC. ABST.: 17%
-----------------------------	------------------------------	----------------------------

Nº DE CADEIRAS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
17	PSD	388.872	63,45
2	UDN	58.459	9,53
1	PL	51.324	8,37
1	PTB	40.085	6,54
1	PCB	38.713	6,32
0	PRP	21.205	3,47
-	BRANCOS	9.244	1,51
-	NULOS	4.917	0,81
22	TOTAL	625.840	100

Fonte: Banco de Dados Eleitorais – NUPERGS - http://www1.nupergs.ifch.ufrgs.br/eleicoes/TOTAL_RS.ASP Acesso em: 20 fevereiro 2008.

Demonstrando o poderio do partido no Rio Grande do Sul e o prestígio efetivo de Vargas, o PSD elege com ampla vantagem sobre os demais partidos, o senador Getúlio Vargas e Ernesto Dornelles.

Dutra concorreu ao cargo de presidente com Eduardo Gomes da UDN e foi eleito pela legenda partidária do PSD com uma ampla margem de votos nos três níveis (nacional, estadual e local) totalizando respectivamente a diferença de 19,52%, 54,60% e 66,40% dos votos obtidos pelo PSD em relação a UDN. E cabe destacar que a diferença maior entre ambos partidos se deu em nível local.¹²¹

O município de Passo Fundo caracteriza-se nas eleições de 1945 como reduto pessedista no estado, em especial pela campanha política desenvolvida pelos seus líderes Nicolau Vergueiro e Arthur Ferreira Filho.

Ao compor a relação entre os partidos mais relevantes eleitoralmente, PSD e UDN, as tabelas 7, 8 e 9 a seguir indicam que o primeiro partido citado, atinge a diferença de 66,4% nas eleições para Presidente, 44,4% nas que indicam deputado federal e 37,6% para senador. Dados que só vem a confirmar o destaque eleitoral do PSD em âmbito local, estadual e nacional.

TABELA 16

**RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
DE PASSO FUNDO EM 2/12/1945**

VOTANTES: 12.318	ELEITORES: 14.658	PERC. ABST.: %
----------------------------	-----------------------------	--------------------------

CANDIDATOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
EURICO G. DUTRA	PSD	9.807	79,62
EDUARDO GOMES	UDN	1.628	13,22
YEDO FIUZA	PCB	880	7,15
ALVARO ROLIM TELLES	PAN	123	0,01
	TOTAL	12.318	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hélgio. *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994*. Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

¹²¹ Ver tabela no capítulo 4, página 114.

Pode-se notar que o número percentual de quase 80% dos votos em Passo Fundo na escolha para presidente da República, ultrapassou a média nacional de 52,42%, e a estadual de 72,46%, detalhe que demonstra o poder nas urnas em 1945 dos pessedistas passo-fundenses.

TABELA 17

RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA CÂMARA FEDERAL DE PASSO FUNDO EM 2/12/1945

VOTANTES: 11.703	ELEITORES: 14.658	PERC. ABST.: %
----------------------------	-----------------------------	--------------------------

Nº DE CADEIRAS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
17	PSD	7.372	63,0
2	UDN	2.176	18,6
1	PL	795	6,8
1	PTB	538	4,6
1	PCB	491	4,2
0	PRP	327	2,8
22	TOTAL	11.703	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hélgio. Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994. Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

Com uma diferença de apenas três votos de Dornelles para Vargas na disputa a cadeira na câmara federal em 1945, respectivamente angariaram 1074 e 1071 votos pela legenda do PSD, o que pode ser explicado através do respaldo político do partido em Passo Fundo, da figura de grande expressão política que era Vargas, mesmo após um regime ditatorial, mas acima de tudo, a corrente getulista que o compôs desde sua formação.

As eleições serviram para demonstrar que o prestígio e poder políticos de Arthur Ferreira Filho, Nicolau Vergueiro e Bittencourt Azambuja, eram ascendentes. Para garantir vitória nas urnas, cada ao seu modo desenvolveu artifícios somados ao prestígio local para elevar o PSD à presidência.

Quanto aos níveis, o local entrou em concordância com o nacional e estadual no referente à vitória de Dutra para presidência. É nítido o alinhamento com uma maior proximidade entre o estadual e local, por razões devido à baixa representatividade da UDN neste Estado. Este partido não teve repercussão de votos tendo em vista, que sua arregimentação reuniu dissidentes pillistas do partido libertador, e como se deu no todo geral

do partido, políticos contrários a Vargas. Já o PTB não teve tempo de demonstrar seu poderio eleitoral, pois suas bases estavam ainda em processo de formação e à espera de orientação política vertical. Ou seja, a Ala Trabalhista do PSD, já havia se manifestado quanto ao seu quererismo, mas dependia da orientação de Vargas referente ao apoio ou não a Dutra. Isso diferenciou e caracterizou os diretórios gaúchos neste período de formação e desenvolvimento.

O gráfico abaixo demonstra a evolução do PSD ao se comparar os níveis nacional, estadual e local, de acordo com as tabelas de dados eleitorais acima. Analisando o ano de 1945, e as eleições para presidente, deputado federal e senador, fica visível uma maior margem de votos em âmbito local, neste início de processo democrático, devido à tendência de proliferação dos partidos, a não concorrência petebista e a rápida formação dos partidos conservadores, no caso do PSD, nas áreas rurais devido à herança dos líderes políticos locais, o desempenho e dedicação destes na campanha eleitoral. Fator característico que se desalinha dos escores declinantes do partido nas próximas eleições.

Quanto à vitória do PSD nas urnas o jornal *Diário da Manhã* publica sua opinião:

Foram satisfeitos todos os desejos da oposição: afastado o presidente da República e governadores de estado, os prefeitos e sub-prefeitos dos municípios e até comissários distritais.

Procurou-se crer, ou melhor, criou-se ambiente desfavorável ao Partido Social Democrático, que não recuou um passo, convencido de que a opinião de seus correligionários não se deixaria intimidar ou enfraquecer, dando robusto exemplo de compreensão e tolerância que o futuro saberá apreciar com severa justiça.¹²²

Cilon Rosa assumiu a interventoria do Rio Grande do Sul sob o apoio de Getúlio Vargas e indicação de Dutra. E Arthur Ferreira Filho foi novamente nomeado em 1946 ao cargo de prefeito de Passo Fundo, fato que assumiu caráter de relevância por ter sido primeiro prefeito nomeado pelo novo governo gaúcho.¹²³

As peregrinações até Vargas para obter seu apoio político a candidatura de Walter Jobim para governador do Estado no ano seguinte, começaram dar sinais de cisão interna dos partidos como PSD e PTB. Vargas através de uma política conciliadora, na tentativa de estender ao local a união de PSD e PTB nacional, começou a definir estratégias, manobras

¹²² **Diário da Manhã**, 22 jan. 1946.

¹²³ **Diário da Manhã**, 9 fev. 1946.

políticas para não perder o apoio de nenhum dos dois, já que os mesmos foram criados sob sua orientação.

Mas muito políticos não estavam satisfeitos com esse caráter dúbio de Vargas, como é o caso de Loureiro da Silva, destacado líder do PTB no Rio Grande do Sul, o qual declarou que abandonaria a política se Getúlio Vargas se declarasse pessedista, apoiando a candidatura de Walter Jobim, como afirmaram os pessedistas que elegeram-no. O ex-chefe da nação que faz parte do PSD, prometeu seu incondicional apoio à candidatura do Walter Jobim, à presidência do Estado. Mas Loureiro da Silva, em entrevista também divulgada pela imprensa, afirmou categoricamente, que “o Sr. Getúlio Vargas faz parte do PTB conforme documento que possui do próprio punho do ex-presidente da República, aconselhando seus correligionários e amigos ao ingressar nas fileiras do Partido Trabalhista Brasileiro.”¹²⁴.

Em março de 1946, Arthur Ferreira Filho anunciou sua candidatura à Assembléia Legislativa pelo PSD. E apresentou como candidato ao governo de Passo Fundo para substituí-lo, Oscar Alfredo Klein, delegado de polícia licenciado e atuante na indústria madeireira do Estado. Um mês depois, Vargas foi empossado no cargo de senador do Rio Grande do Sul pela legenda que havia optado, a do PSD.

A demanda de políticos que até então estavam nas fileiras pessedistas começavam a se movimentar a favor do PTB e assim deixar claro a desfragmentação pessedista. A respeito dessa cisão no PSD, o jornal Diário da Manhã entrevistou o deputado Nicolau de Araújo Vergueiro que afirmou: “força alguma será capaz de cindir o PSD, que é incontestavelmente, no Rio Grande do Sul, a maior força eleitoral.”¹²⁵.

Mas situação interna do PSD de Passo Fundo requeria atenção, a acusação de Bittencourt das cédulas falsas, ainda gerava comentários de ambos os lados. Ferreira Filho, depois de saber do desejo de Bittencourt em realizar um plebiscito, encaminhou uma nota ao jornal Diário de Notícias esclarecendo a situação, dizia ser a favor de um ajuste de conta nas urnas:

¹²⁴ **Diário da Manhã**, 26 fev. 1946.

¹²⁵ **Diário da Manhã**, s/d abr. 1946.

Não pretendo ser candidato ao cargo de prefeito, mas aceitarei com prazer minha candidatura, no caso de que o candidato contrário seja Bittencourt Azambuja. [...] O Partido Social Democrático não tem dono, mas não poderá subsistir sem coesão e disciplina, muito lucrando com a direção dos elementos desordeiros que abertamente aviltam.¹²⁶

Seguindo, Ferreira Filho comentou sobre a agitada situação política de Passo Fundo e afirma não haver crise interna no PSD local, e sim uma indisposição pessoal:

atravessamos uma época estranhamente agitada. De ebulições políticas, eleições, democracia, etc.. época de paixões partidárias e recalques, de vencedores e vencidos. Há gente que quer produzir e há gente que quer destruir. [...] Apoiar o governo do general Eurico Gaspar Dutra e a candidatura do Dr. Walter Jobim são cousas tão lógicas, tão coerentes para nós do PSD do Rio Grande do Sul, que dispensam explanações ou comentários. [...] Ignoro qualquer divergência no PSD do meu município. Poderá haver alguma indisposição de ordem pessoal, que não afetará os altos interesses dessa vitoriosa entidade política, da qual em PF sou presidente.¹²⁷

Quanto a proposta de plebiscito feita por Bittencourt Azambuja ao governo do Estado para resolver o “caso” de Passo Fundo, a resposta foi negada por Arthur Lângaro, presidente do Comitê Pró-candidatura Walter Jobim, e entre os quais se pronunciaram a favor do PSD sob a presidência de Ferreira Filho.

O Sr. Bittencourt Azambuja, que nas últimas eleições, entre mais de dez mil votantes do PSD, recebeu apenas 812 sufrágios, teria proposto ao governo do estado um plebiscito em PF. [...] o deputado Azambuja não esconde seu velho recalque e o seu incurável ressentimento.¹²⁸

Ainda sobre acusação de fraude nas eleições de 02 de dezembro, acusação essa inverídica segundo Diário da Manhã, que o acusa de desleal com seu partido, pois nem mesmo o mais apaixonado udenista seria capaz de acusar de fraudulentas as eleições em Passo Fundo. Mas o clima nas hostes pessedistas é de espanto e surpreendimento em relação a

¹²⁶ **Diário da Manhã**, 10 abr. 1946.

¹²⁷ **Diário da Manhã**, 10 abr. 1946

¹²⁸ **Diário da Manhã**, 10 abr. 1946

essa atitude de Azambuja, por parte dos líderes do PSD, e o próprio presidente da República. Concluindo a nota: “Pessedista como esse, é como bem dizia o coronel Valzumiro Dutra: ‘O diabo ‘vomita’ às dúzias e fica com a ‘boca cheia’...”¹²⁹

Essa acusação do deputado Azambuja, representou “uma traiçoeira punhalada vibrada contra o seu próprio partido”¹³⁰, o mesmo digno de repulsa por seu partido, principalmente entre aqueles que o cederam seu voto nas urnas. O pleito que estava sendo questionado foi organizado por Arthur Oscar Germany (juiz eleitoral), Francisco Antonino Xavier e Oliveira (representante do interventor federal e prefeito de Passo Fundo), Samuel Figueiredo da Silva (desembargador), Augusto Muniz dos Reis (delegado de polícia), Arthur Ferreira Filho (ex-prefeito), sendo que estes seguiram rigorosamente todas as proibições, dentre elas que os sub-prefeitos, dias antes do pleito, foram transferidos dos distritos onde vinham atuando.

Depois de meses após a divulgação do resultado do pleito, o desembargador Samuel Figueiredo entregou o governo do Estado a Cilon Rosa, e este indicou Arthur Ferreira Filho para assumir a administração de Passo Fundo.

Cinco meses após as discussões políticas entre os membros do PSD, foi publicado nos jornais toda a história das eleições de 02 de dezembro e acusando Arthur Ferreira Filho de ser autor das ‘fraudes’ verificadas no pleito. Mas as acusações surtiram efeito contrário, sendo que resultou em benefício do prestígio do presidente do diretório do PSD local.

No entanto, se o resultado das eleições de Passo Fundo deve-se, como afirmaram os vencidos, aos processos ‘fraudulentos’ usados pelo presidente do diretório do PSD. Assim, são apontadas algumas questões a Azambuja e sua vitória nas urnas:

Tendo havido ‘fraude’, como estamos acreditando, o deputado Azambuja está na obrigação de renunciar a sua cadeira no Parlamento Nacional, pois a ‘fraude’ foi praticada, criminosamente pelo mesmo partido que o elegeu a deputado por quatro anos, a 15 mil cruzeiros por mês. Como poderá ele sentir-se bem numa cadeira que lhe foi dada por um partido que fraudou as eleições? Teria o mesmo examinado com calma a sua vitória eleitoral, quando articulou a grave acusação contra o seu próprio partido? Se houve fraude, o Sr. Bitencourt Azambuja dela se aproveitou largamente, desfrutando, como está uma posição para a qual não seria eleito se o pleito corresse lisamente.[...] É que desejávamos muito ver o Sr. Bitencourt Azambuja novamente na sua cadeira incomoda de advogado, nesta terra tão generosa para com os ingratos...¹³¹

¹²⁹ **Diário da Manhã**, 18 abr. 1946

¹³⁰ **Diário da Manhã**, 18 abr. 1946

¹³¹ **Diário da Manhã**, 19 abr. 1946

Contudo, ao indagar Cilon Rosa se seria realizado o plebiscito proposto por Azambuja para o prefeito Arthur Ferreira Filho, respondeu textualmente da seguinte maneira: “- absolutamente, não. O plebiscito não vai se realizar. Aliás, não recebi nunca participação formal para sua realização.” Salientou, por fim, que “a acusação a Arthur Ferreira Filho, de que houve distribuição de chapas que favoreciam Nicolau Vergueiro, era falsa, pois este parlamentar, por ser antigo médico na região, detém enorme prestígio na mesma.”¹³²

Dando prosseguimento à campanha eleitoral e sob o intuito de angariar votos de todas as classes sociais, foi instalada Ala Estudantil do PSD de Passo Fundo, próximo ao fim do mês de abril de 1946, por uma comissão constituída dos estudantes José Porto, Balbina Machado, Naura Roca, Osvaldo Cruz e Aldo Nozari e constituíram assim a diretória estudantil do PSD, esquematizada na tabela abaixo¹³³:

TABELA 18

ALA ESTUDANTIL DO PSD EM 1946	
Presidente	Pedro Portela
Vice-presidente	José Porto
Secretário	Balbina Machado
Tesoureiro	Nara Roca
Oradores	Otílio Bormann e Miguel Dib
Representante junto a imprensa	João Ramos

Fonte: Diário da Manhã, 30 abr. 1946.

¹³² **Diário da Manhã**, 16 mai. 1946

¹³³ **Diário da Manhã**, 30 abr. 1946

3.3 Sinais de fumaça

A respeito da crise no PSD tanto estadual quanto local, em entrevista ao jornal O Globo no Rio de Janeiro, Cilon Rosa ao ser indagado a respeito da cisão no PSD gaúcho, respondeu negativamente: “Nada disso. A bancada do PSD do Rio Grande é, apenas, pessedista. E lhe asseguro que está absolutamente coesa.” Isso segundo Cilon só pode ser intriga da oposição, “é a velha técnica de ‘dividir para vencer’. Ao lhe perguntarem se Vargas seria o motivo da cisão, Cilon concluiu: “Não creio. Não há esse perigo. Acredito nos sentimentos patrióticos do Sr. Getúlio Vargas e na sua já destacada integração de apoiar o governo do Gal. Dutra. O resto são conclusões cerebianas...”¹³⁴

A respeito da crise no seio do PSD gaúcho, o Gal. Firmino Paim Filho diz ser esta resultado da divisão de favoritismos no interior do partido, entre quemistas e dutristas:

essa vitória [do pleito de 2 de dezembro] é atribuída por uns ao prestígio pessoal do ex-ditador Getúlio Vargas que hoje, conta com grande parte dos parlamentares pessedista rio-grandenses e, por outros, como fruto do prestígio do situacionismo naquele Estado. A verdade, já não mais possível de ser encoberta, é que os ‘quemistas’ estão em luta dentro do PSD gaúcho contra os que são por um apoio decidido ao presidente Eurico Dutra, inclusive no movimento coalizionista.¹³⁵

Em âmbito local ao falar sobre as *démarches* iniciadas na capital da República, Nicolau de Araújo Vergueiro se posiciona contra as coligações partidárias, com o fim de reestabelecer um clima de apaziguamento político:

Não vejo, no entanto, necessidade de coalizão de partidos. Cada agremiação deve ter a sua vida própria e lutar por si, na defesa dos seus programas, sendo apenas útil a existência de cordialidade política... Sou partidário de uma compreensão mútua dos dirigentes de partidos com relação aos altos interesses da nacionalidade, mas para isso não se precisa fazer acordos mesmo porque estes prejudicam muito a vitalidade dos partidos democráticos.¹³⁶

¹³⁴ **Diário da Manhã**, 12 jun. 1946

¹³⁵ **Diário da Manhã**, 20 jul. 1946

¹³⁶ **Diário da Manhã**, 01 out. 1946

Vergueiro elegeu ainda dois deveres de honra que o PSD tinha a cumprir neste Estado, ou seja, “apoiar o ilustre interventor Cilon Rosa, figura exemplar de dignidade cívica e de governante esclarecido, e levar às urnas, com todo o vigor, o nome consagrado do seu candidato, esse eminente gaúcho que é o Dr. Walter Jobim.”¹³⁷

No clima agitado da política passo-fundense, a mobilidade e troca de partidos vinha se concretizando aos poucos. Entre exonerações e inclusões de nomes nas agremiações partidárias, Odalgiro Correa e Arno Jaguaribe de Oliveira, pediram demissão do PSD, mas afirmaram continuar pertencendo ao Partido Social Democrático, mas sem responsabilidade alguma de direção.

Diante dessa fragmentação no PSD gaúcho, Túlio Fontoura diz a Arthur Ferreira Filho em carta: “inconstestavelmente, este PSD não tem mais cura. Parece ter nascido torto, e coisa torta nem o diabo indireita...”¹³⁸. Desse modo, se percebe que a crise tomou formas que nem ao menos os membros do partido acreditavam na sua recuperação.

O acordo entre PSD e PTB que vinha ocorrendo em nível nacional, a fim de unir sob os cuidados de Vargas, seus dois partidos, em uma frente forte contra à oposição, não teve sucesso no Estado do Rio Grande do Sul. A hipótese de acordo político entre os partidos, foi afastada por ambos e explicada através de nota publicada pelo PSD:

os representantes dos dois partidos têm mantido cordiais palestras no sentido de criar um ambiente de harmonia e elevação cívica para o pleito de janeiro próximo. [...] Segundo as melhores indicações, apesar dos desejos de Getúlio Vargas, não haverá acordo político entre o PSD e PTB.¹³⁹

Contudo, os dirigentes do PTB em constante troca de idéias com Alberto Pasqualini, em virtude da semelhança dos programas da União Social Brasileira e PTB, lançaram o nome de Pasqualini à presidência do Estado, e os membros da USB ingressaram nas fileiras do PTB. Quando foi acordado politicamente a fusão do PTB com USB.

A respeito do acordo entre os partidos, Protásio Vargas diz: “colaborei, empenhadamente, com um acordo entre PSD e PTB, a fim de que não houvesse divisa entre

¹³⁷ **Diário da Manhã**, 01 out. 1946

¹³⁸ **Carta de Túlio Fontoura para Arthur Ferreira Filho**, enviada em 15 de outubro de 1946.

¹³⁹ **Diário da Manhã**, 10 nov. 1946

os rio-grandenses... o PTB, entretanto, discordando do Dr. Getúlio Vargas, negou-se a fazer o acordo e lançou outra candidatura.”¹⁴⁰

Após o discurso de Getúlio Vargas demonstrando seu favoritismo ao PTB, na convenção estadual deste partido, o PSD nutriu um desapontamento por Getúlio Vargas, o qual havia sido eleito senador pelo PSD e presidente da comissão estadual do PSD no RS, discursou na convenção do PTB e mostrou-se inclinado para tal partido: “é que o Sr. Getúlio Vargas, por várias vezes em declarações públicas divulgadas pela imprensa e mesmo em discurso, confessou ter como único compromisso político a candidatura do Sr. Walter Jobim candidato pessedista a presidência do RS.”¹⁴¹

O senador Getúlio Vargas, no entanto, diz não ter recebido nenhuma comunicação sobre seu afastamento das fileiras do PSD. Mas confirmou o fato, havia renunciado a senatoria pelo PSD, pois iria se candidatar pelo PTB, sendo possivelmente companheiro de chapa de Loureiro da Silva.¹⁴² Essa decisão de Vargas deu novos rumos nos partidos do RS. Protásio Vargas após saber da candidatura de Vargas pelo PTB, rompeu politicamente com o seu irmão, senador Getúlio Vargas. E políticos que vinham seguindo as orientações de Vargas e que estavam inclinados desde a formação do PSD para a ala trabalhista do mesmo, entre eles Theodomiro Porto da Fonseca, José Diogo Brochado da Rocha e Coelho de Souza deixaram a comissão estadual do PSD.¹⁴³

O PTB vinham aos poucos tomando forma e força, não só no âmbito estadual, mas também local. O diretório do PTB em Passo Fundo, esboçava o poderio eleitoral do partido trabalhista, o que veio a influenciar no declínio do PSD não só local e estadual, mas também nacionalmente:

o Gal. Dutra jamais seria eleito presidente da república sem os votos dos chamados quemistas, obedientes a orientação do grande senador Getúlio Vargas. É celebre o seu manifesto, que decidiu o pleito presidencial. O PSD, de per si, jamais elegeria o presidente da república [...] a decomposição do PSD não é só local, nem estadual. Tem caráter nacional, principalmente agora, que o Gal. Eurico Gaspar Dutra, cansado de carregar a fraqueza desse partido, resolveu abandoná-lo.¹⁴⁴

¹⁴⁰ **Diário da Manhã**, 5 dez. 1946

¹⁴¹ **Diário da Manhã**, 13 nov. 1946

¹⁴² **Diário da Manhã**, 8 dez. 1946

¹⁴³ **Diário da Manhã**, 22 nov. 1946

¹⁴⁴ **O Nacional**, 3 jan. 1947

Quanto às próximas eleições, sobre a decisão de concorrer sozinho o PSD esclarece que não existe acordo político nenhum entre PSD e PRP, em nota formal publicada no Diário da Manhã, e informa que os correligionários perrepistas aderiram ao candidato Jobim nas urnas por ser o mais indicado para o posto de governador.¹⁴⁵

As eleições de 1947 foram realizadas no dia 19 de janeiro de 1947, em que foram escolhidos os representantes para os cargos de Governador, Deputado Estadual e Prefeito Municipal. O número de habitantes neste ano eleitoral era de 48.732 milhões, sendo que 7.711 milhões estavam inscritos como eleitores, ou seja, 15,8% da população, dentro desse número de eleitores o percentual de abstenção nas urnas foi de 29,3%.

Ao se comparar com as eleições anteriores o percentual de eleitores diminuiu, mesmo com um aumento insignificante dos habitantes e eleitores. Mas o percentual de abstenção aumenta consideravelmente, isto é, o que em 1945 era de 16,9% nessas eleições aumentou para 29,3%.

A votação de 1947 era para escolha do Governador do Estado, suplente de senador de 1945 e deputado estadual. Foram realizadas em 19 de janeiro de 1947, em que contou com a presença de 555.659 votantes, tendo 30% de abstenção num total de 788.659 eleitores inscritos.

TABELA 19

RESULTADO ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EM 19/1/1947

VOTANTES: 522.659	PERC. ABST.: 30%
-----------------------------	----------------------------

CANDIDATO	SIGLA	VOTAÇÃO	%
WALTER JOBIM	PSD-PRP-PCB	229.129	43.8498
ALBERTO PASQUALINI	PTB	209.164	40.029
DÉCIO MARTINS COSTA	PL-UDN	105.062	20.1063
	BRANCOS	10.254	1,85
	NULOS	2.000	0,37
	TOTAL	617.512	100

Fonte: Banco de Dados Eleitorais – NUPERGS - http://www1.nupergs.ifch.ufrgs.br/eleicoes/TOTAL_RS.ASP. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

¹⁴⁵ Diário da Manhã, 3 jan. 1947

Na eleição para governador do Estado, a coligação Walter Jobim (PSD-PRP-PCB) atingiu 41% dos votos, enquanto que a união PL-UDN, que não foi tão frutífera quanto se esperava, atingiu apenas 19% dos votos para governador do estado, e Alberto Pasqualini do PTB fez 38%.

TABELA 20

**RESULTADO ELEIÇÕES PARA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
NO RIO GRANDE DO SUL EM 19/1/1947**

VOTANTES: 522.659	PERC. ABST.: 30%
-----------------------------	----------------------------

Nº DE CADEIRAS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
23	PTB	171.605	30,88
16	PSD	170.786	30,73
5	PL	54.832	9,86
4	UDN	47.280	8,50
4	PRP	46.783	8,42
3	PCB	32.005	5,76
-	PSP	2.727	0,49
-	ED	2.543	0,46
-	BRANCOS	25.172	4,55
-	NULOS	1.876	0,35
55	TOTAL	555.609	100

Fonte: Banco de Dados Eleitorais – NUPERGS - http://www1.nupergs.ifch.ufrgs.br/eleicoes/TOTAL_RS.ASP. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

A tabela 20 representa as eleições para a Assembléia Legislativa, em que o PSD obteve 7 cadeiras a menos que o PTB, o qual conseguiu 23. O que demonstra o processo de ascensão do partido trabalhista. Mas a vitória do candidato pessedista a governador do estado representa a força eleitoral que o uso da máquina pública pôde representar, aliada a pouca estruturação eficiente do PTB pelo interior do estado, ao apoio do clero em muitos municípios, e a aliança com PRP.

Os resultados eleitorais garantiram o cargo de governador a Walter Jobim, candidato pela aliança PSD+PRP+PCB, com uma diferença de 22.208 mil votos sobre o candidato trabalhista Alberto Pasqualini. Mas perdeu em âmbito local com uma diferença de 12,2%, isso demonstra nas urnas o resultado de todo o processo de fragmentação pelo qual o PSD local vem passando em paralelo à ascendência do partido trabalhista conforme a tabela a seguir.

TABELA 21

RESULTADO ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR DO ESTADO DE PASSO FUNDO EM 19/1/1947

VOTANTES: 15.204	PERC. ABST.: %
----------------------------	--------------------------

CANDIDATO	SIGLA	VOTAÇÃO	%
WALTER JOBIM	PSD-PRP-PCB	5.200	34,2
ALBERTO PASQUALINI	PTB	7.054	46,4
DÉCIO MARTINS COSTA	PL-UDN	2.949	19,4
	TOTAL	15.204	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hélgio. *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994.* Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

O clima de fragmentação e declínio que se abateu no PSD com a estruturação do PTB e o desmantelamento interno do partido conservador, em virtude das dissensões a apoiar Vargas, está nitidamente estampado na vitória trabalhista no município de Passo Fundo. Em que o PTB abriu uma vantagem de 12,2% em relação ao PSD nos resultados das eleições para Governador, e sete cadeiras a mais do que o PSD para representantes na Assembléia Legislativa. O PTB passo-fundense começa a desabrochar seu poderio político e afastar assim, os pessedistas do poder.

TABELA 22

RESULTADO ELEIÇÕES PARA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DE PASSO FUNDO EM 19/1/1947

VOTANTES: 14.677	PERC. ABST.: %
----------------------------	--------------------------

Nº DE CADEIRAS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
23	PTB	6.090	41,5
16	PSD	3.757	25,6
5	PL	954	6,5
4	UDN	748	5,1
4	PRP	1.600	10,9
3	PCB	675	4,6
-	PSP	851	5,8
-	ED	29	0,2
55	TOTAL	14.677	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hélgio. *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994.* Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

O ano de 1947 reflete um alvoroço nos campos partidários, pois o PSD, partido até então majoritário, enfrenta o PTB numa disputa acirrada para o cargo de chefe municipal. Sendo eleito o candidato trabalhista por uma estreita margem de votos. Da mesma forma ocorre com seu vice e partidário trabalhista, Daniel Dipp.

TABELA 23

RESULTADO ELEIÇÕES PARA PREFEITO MUNICIPAL DE PASSO FUNDO EM 2/12/1947

VOTANTES: 12.434		PERC. ABST.: %	
CANDIDATOS - PREFEITOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
ARMANDO DE ARAUJO ANNES	PTB-UDN	5.560	44,71
DIONÍSIO LÂNGARO	PSD	5.395	44,27
CARLOS GALVEZ	PL-PRP	1.479	12,14
	TOTAL	12.434	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hégio. *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994*. Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

Convém salientar a aliança que elegeu o candidato Armando Annes, difere totalmente das orientações estaduais e nacionais dos partidos. A coligação deveria ser feita entre PSD e PTB, seguindo a linha nacional, estaria discordando da estadual, mas os líderes pessedistas e trabalhistas do município de Passo Fundo não entraram num acordo, e continuaram em desvelado combate que já se arrasta desde os anos republicanos.

Em disputa acirrada, o resultado do pleito de 5 de novembro em Passo Fundo, deu vitória a Armando Araújo Annes, candidato da coligação PTB – UDN, pela diferença de 165 votos a mais do que o candidato do PSD, Dionisio Lângaro.

Concorreu ao cargo de vice-prefeito para as eleições de 1947, Ivo Pio Brum pelo PSD, então prefeito do município de Passo Fundo. E assume assim, o cargo de prefeito Mario Daniel Hoppe. Devido às alterações no quadro político, a direção do PSD local passa para as mãos de Odalgiro Correa, que assume a presidência do mesmo.¹⁴⁶

¹⁴⁶ **O Nacional**, 10 nov. 1947

TABELA 24

RESULTADO ELEIÇÕES PARA VICE-PREFEITO MUNICIPAL DE PASSO FUNDO EM 2/12/1947

VOTANTES:		PERC. ABST.:	
12.181		%	

CANDIDATOS – VICE-PREFEITOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
DANIEL DIPP	PTB-UDN	5.449	44,73
IVO PIO BRUM	PSD	5.309	43,58
FRANCISCO FORETTI	PL-PRP	-	-
	TOTAL	12.434	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hégio. *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994*. Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

Concorriam pela legenda do PSD, os seguintes nomes às cadeiras da Câmara Municipal de Passo Fundo:

Aquelino Translatti (advogado);

Arno Fett (industrialista);

Cantídio Lamaison (ferroviário);

Elpídio Fialho (médico);

Hermínio Tagliari (comerciante);

Mario Goelzer (industrialista);

Miguel Tabbal (médico);

Sabino Ribas dos Santos (professor).¹⁴⁷

Antonio Col Debella (industrialista);

Aurelio Eugenio Brunetto (industrialista);

Diogo Morsch (industrialista);

Fabricio de Oliveira Pillar (func. público);

João Gasperin (industrialista);

Manoel A. de Bastos (industrialista);

Pedro dos Santos Pacheco (advogado);

O PSD não conseguiu a vitória para prefeito municipal, porém as eleições para representante da câmara municipal rendeu uma vitória de 60% contra 33,33% do PTB. Ou seja, o PSD elegeu 9 dos 15 vereadores eleitos, de acordo com a tabela abaixo, que permite visualizar a bancada pessedista eleita. Contudo, dos representantes municipais eleitos, 5 deles elegeram-se pela coligação PTB-UDN e apenas 1 pela coligação de PRP-PL.

¹⁴⁷ **Diário da Manhã**, 26 out. 1947

TABELA 25

VEREADORES ELEITOS NO PLEITO DE 1947				
CANDIDATOS	PARTIDOS	PROFISSÃO	DATA DE NASCIMENTO E LOCAL	VOTOS
ELPIDIO FIALHO	PSD	MÉDICO	24.9.1909 GUAPORÉ	1.262
PEDRO DOS SANTOS PACHECO	PSD	PROMOTOR	29.04.1885 GUARAPUAVA – PR	528
MARIO GOELZER	PSD	AGRICULTOR	22.01.1901 -	462
MIGUEL TABBAL	PSD	MÉDICO	10.11.1917 ELIAS FAUSTO – SP	461
JOÃO GASPERIN	PSD	INDUSTRIALISTA	10.05.1907 BENTO GONÇALVES	455
ARNO FETT	PSD	CONTABILISTA	19.04.1909 LAJEADO	433
AURÉLIO EUGENIO BRUNETTO	PSD	INDUSTRIALISTA	23.11.1912 VERANÓPOLIS	382
MANOEL ARAUJO BASTOS	PSD	INDUSTRIALISTA	18.01.1887 PASSO FUNDO	288
FABRICIO OLIVEIRA PILAR	PSD	ESCRIVÃO	04.12.1893 PASSO FUNDO	248
WOLMAR SALTON	PTB-UDN	INDUSTRIALISTA	26.4.1911 BENTO GONÇALVES	862
JANDIR LIMA CRUZ	PTB-UDN	FERROVIÁRIO	16.10.1905 PASSO FUNDO	681
TRANQUILO BASSO	PTB-UDN	CONTABILISTA	06.11.1919 PORTO ALEGRE	386
BASILIO OSMUNDO RAMBO	PTB-UDN	ADVOGADO	14.11.1921 SELBACH	349
POLICARPO NUNES VIEIRA	PTB-UDN	INDUSTRIALISTA	10.11.1906 PASSO FUNDO	346
CARINO CANALI	PRP-PL	AGRICULTOR	23.6.1896 CAXIAS DO SUL	175

A coligação PTB-UDN não obteve o mesmo êxito nas urnas que lhe garantiu o cargo de prefeito municipal, ao se comparar com o número de vereadores municipais eleitos e suplentes. Dentre os 14 suplentes, 6 eram do PSD, 5 representavam a coligação PRL-PL e apenas 3 da coligação PTB-UDN, conforme a tabela acima.

VEREADORES SUPLENTE

CANDIDATOS	PARTIDOS	PROFISSÃO	DATA DE NASCIMENTO E LOCAL	VOTOS
ANTONIO COLDEBELA	PSD	INDUSTRIALISTA	02.11.1897 VERANÓPOLIS	-
CANTÍDIO LAMAISSON	PSD	FERROVIÁRIO	05.08.1904 JULIO DE CASTILHOS	-
DIOGO MORSCH	PSD	COMERCIANTE	25.08.1908 JULIO DE CASTILHOS	-
HERMINIO TAGLIARI	PSD	AGRICULTOR	09.08.1915 PASSO FUNDO	-
SABINO RIBAS SANTOS	PSD	PROFESSOR	30.12.1909 ALEGRETE	-
TULIO FONTOURA	PSD	JORNALISTA	22.02.1905 SANTANA DO LIVRAMENTO	-
AQUELINO LUIGI TRANSLATTI	PTB-UDN	INDUSTRIALISTA	21.02.1892 CAXIAS DO SUL	-
AUHYLDO VELOSO DE LINHARES	PRP-PL	CORRETOR DE IMÓVEIS	10.2.1910 NONOAI	-
GUILHERME KNACK	PTB-UDN	INDUSTRIALISTA	12.10.1911 PORTO ALEGRE	-
HONORIO LUIZ DE ALMEIDA	PTB-UDN	COMERCIANTE	21.11.1984 PASSO FUNDO	-
JATYR FRANCISCO FORESTI	PRP-PL	CONTABILISTA	11.09.1921 BENTO GONÇALVES	-
JOÃO JOSÉ HERPEN	PRP-PL	-	-	-
OCTACILIO MOURA ESCOBAR	PRP-PL	CONTABILISTA	16.9.1910 SÃO BORJA	-
WILLIBALDO NEUHAUS	PRP-PL	INDUSTRIALISTA	22.06.1902 ESTRELA	-

Fonte: OLIVEIRA, Edenir. DAL'CORTIVO, Ademir. *Câmara Municipal de Passo Fundo 1857 a 1988*. Passo Fundo: Berthier, 1988.

Ao relacionar as eleições para governador e deputado estadual, percebe-se que encontram-se em um estado nivelado, nos três níveis: nacional, estadual e local. Ou seja, o PSD encontrava-se em seu processo de estagnação, tentava manter-se no poder, enquanto outros partidos como o PTB iam tomando espaço e votos.

Mas as dissidências começavam a assombrar as hostes trabalhistas também em âmbito local. Cezar Ribas, líder trabalhista, rompe com o PTB e adere ao Movimento Popular Trabalhista (MPT), que seria uma ala dissidente do PTB liderada por Hugo Borghi. Ribas ficou incumbido de fundar em Passo Fundo o MPT sob orientações de Borghi.

Ocorreram mudanças nos cargos de presidentes dos diretórios estadual e local no início do ano de 1947. Cilon Rosa é o novo presidente da comissão executiva estadual do PSD. E o deputado federal, Nicolau de Araujo Vergueiro, assumiu a presidência do diretório

do PSD local, depois que Arthur Ferreira Filho se exonerou dos cargos de presidente e membro do diretório pessedista local.¹⁴⁸

Em Passo Fundo, os partidos políticos convergem suas atenções para os candidatos ao governo municipal. As conversações para escolha deste se iniciam com olhos de mudança. O PSD local experimenta uma depuração nos seus quadros, ou seja,

vem sendo notada uma disposição das partes de figuras integrantes do PSD para recompor de modo inteligente o quadro partidário, dando-lhe uma orientação mais programática e menos personalista e reacionária, extinguindo de uma vez para sempre as ‘tacadas coronelícias’, tão antiquadas e fora da moda...¹⁴⁹

Sobre esse mesmo desejo de democracia que aflora com as eleições para prefeito municipal, acrescenta um líder trabalhista em entrevista ao O Nacional:

é preciso de uma vez para sempre acabar com essa ‘história medieval’ de indicar prefeitos a ‘dedo’ ou de ‘indicar’ a moda coronelística, coisa arcaica que, de tão embolorada possuem apreciáveis reservas de penicilina... é preciso por fim a certos ‘cordões umbilicais’, que perduram: essa mania deplorável do ‘chefete’, embora ausente, estar mandando de longe como se numa cidade culta houvesse campo para ‘sucursais caudilhescas’.¹⁵⁰

Armando Annes, descendente do Partido Republicano Liberal (PRL) e membro da UDN apostava em um chefe de consenso, para unir todos os partidos. Foi convidado então, a concorrer as eleições para prefeito pelo PTB. E foi assim, o primeiro candidato ao governo municipal, sendo lançado pela coligação PTB – UDN. Este acordo entre UDN e PTB ficou conhecido como Acordo Histórico em relação ao contexto nacional de oposição política entre esses dois partidos.

O clima político continuava efervescente, após uma combinação política entre PL – PRP – Telmo Bittencourt Azambuja, ex-líder trabalhista, faz parte da comissão estadual do PSD, foi lançado o nome do jovem bacharel Carlos Galvez a candidatura. Falta agora o

¹⁴⁸ **Diário da Manhã**, 7 mar. 1947

¹⁴⁹ **O Nacional**, 31 jan. 1947

¹⁵⁰ **O Nacional**, 31 jan. 1947

terceiro candidato a ser escolhido pelo PSD, que sozinho se lançará na luta, com candidato próprio.

Mas as coligações não geram agitação somente no interior do Estado. Uma crise sem precedentes ocorre no seio do PSD gaúcho em consequência do acordo secreto firmado por Oscar Fontoura e Francisco Brochado da Rocha, com os dirigentes do PRP, antes do pleito de 19 de janeiro. O acordo gerou conflitos internos no partido e pedidos de demissão por parte de alguns pessedistas, como Hermes Pereira de Souza,

merecendo formal repulsa de todos os verdadeiros patriotas à atitude tomada por aqueles dirigentes do PSD, que assinaram um acordo com uma agremiação nitidamente não democrática e contrária aos nossos princípios. Pelo que se observam os dirigentes estão procurando encontrar uma fórmula de solucionar a grave crise, cujas consequências são imprevisíveis para a agremiação, que dentro em breve terá que enfrentar outra batalha de grandes proporções, nas eleições municipais.¹⁵¹

Ao final do mês de abril é proclamada pelo diretório local do PSD a candidatura de Dionísio Lângaro, o qual concorrerá sozinho contra duas coligações (PTB e UDN; PRL e PL).

Temos o prazer de repetir frisando melhor, que vamos sós para a pugna eleitoral com as nossas próprias forças acrescentando que repeliremos todo e qualquer contato direto ou indireto, com 'partido político ou associação, cujo programa e ação contraste o regime democrático' conforme letra expressa na Constituição de 1946. [...] O candidato que, neste momento, proclamamos é um cidadão de linhas definidas, de atitudes retas, de orientação uniforme, de caráter esmeraldino e não é elemento estranho e embutido no partido, ao qual sempre prestou, desde seus primórdios, toda a sua dedicação e lealdade, cobrindo-se de méritos que todos lhe reconhecemos.¹⁵²

A respeito do acordo entre PSD e PTB passo-fundense, não obteve êxito devido às disputas políticas ocorridas entre Vergueiro e Annes quando foram interventores. Apesar de todo o esforço de Arthur Ferreira Filho para conseguir o apoio de Vergueiro ao candidato petebista, o resultado foi infrutífero. No encontro entre pessedistas, petebistas e udenistas, na tentativa de fechar o acordo entre os partidos, o PTB colocando-se na condição de cedente ao

¹⁵¹ **Diário da Manhã**, 12 jul. 1947

¹⁵² **Diário da Manhã**, 30 abr. 1947

acordo proposto pelo PSD, irritou o lado pessedista que rebateu dizendo “que seu partido ali estava porque fora informado que o PTB era quem desejava um acordo e não o PSD...”¹⁵³. Dessa forma, ambos chegaram à mesma conclusão, de que não haveria acordo. Ou seja, a aliança nacional entre PSD e PTB, não ocorreu no RS devido ao caráter de formação do partido trabalhista. Sob o prisma local, alguns integrantes do PSD, deram base à formação do PTB.

Entre dissidências e discórdias, no começo do mês de abril foi organizado em Passo Fundo, o diretório municipal da dissidência trabalhista, cujo presidente eleito foi o Cap. Telmo Azambuja, e definindo laços políticos, apoiaram a candidatura de Carlos Galvez.¹⁵⁴ Tendo em vista todo o passado de acusações das últimas eleições entre Arthur Ferreira Filho, Vergueiro e Bittencourt Azambuja, após a renúncia do cargo de presidente do diretório local do PSD, Azambuja tentou impedir junto à comissão executiva estadual, o reconhecimento do novo diretório que tem como presidente Nicolau Vergueiro. “A decisão da Comissão executiva Estadual do PSD, reconhecendo o atual diretório pessedista de Passo Fundo, importa numa indisfarçável derrota ao deputado Bittencourt Azambuja, que não conseguiu ver vitoriosos os seus objetivos políticos.”¹⁵⁵

Houve dissidência também no seio do PTB gaúcho, “estando o grupo dividido em duas correntes, uma solidária a seu presidente José Vecchio e a outra, com Loureiro da Silva e Alberto Pasqualini, que vêm romper com a direção do PTB neste Estado.”¹⁵⁶ No entanto, a fim de estender a união PSD-PTB nacional para o Rio Grande do Sul, Getúlio declarou seu apoio a Vecchio e “além disso, afirmou que José Vecchio, bem como o senador Getúlio Vargas, são favoráveis a uma colaboração do PTB com o governo Walter Jobim, com que discordou dos líderes: Loureiro da Silva e Alberto Pasqualini.”¹⁵⁷

Ainda sobre as eleições e o possível acordo, nota publicada no jornal O Nacional, deixa bem claro que não há acordo e nem entendimentos para isso entre os candidatos do PRP-PL e PTB-UDN.¹⁵⁸

Organizou-se no final do mês de agosto e início de setembro, a Ala Moça e a Feminina da campanha pró-candidatura Dioniso Lângaro. E inicia-se a propaganda eleitoral da

¹⁵³ **O Nacional**, 23 abr. 1947

¹⁵⁴ **O Nacional**, 30 abr. 1947

¹⁵⁵ **Diário da Manhã**, 8 jun. 1947

¹⁵⁶ **Diário da Manhã**, 4 jun. 1947

¹⁵⁷ **Diário da Manhã**, 4 jun. 1947

¹⁵⁸ **O Nacional**, 21 jul. 1947

candidatura de Lângaro. “A campanha de propaganda do PSD será feita pela imprensa, rádio, boletins e cartazes, cobrindo todos os recantos do município.”¹⁵⁹

Os meses de outubro e novembro de 1947 foram palco de acusações e discussões entre dois tradicionais líderes políticos de Passo Fundo: Nicolau de Araújo Vergueiro e Armando Annes. Em que o primeiro acusa Annes de ter realizado em sua gestão de 1932 uma má administração, de ter lhe mandado prender, também por ter demitido seu filho Rui Vergueiro. E Annes rebate as acusações, dizendo que Vergueiro tem ciúmes de seu crescente prestígio enquanto o poder eleitoral de Vergueiro só vem decaindo com os anos.

Diante de todo esse debate em público, as partes envolvidas fizeram uso dos dois jornais locais para exteriorizar suas opiniões. Sendo que os impressos, declaravam suas posições abertamente, ou seja, Annes rebateu as acusações de Vergueiro através do jornal O Nacional, e Vergueiro da mesma forma, utilizou como veículo de comunicação o jornal Diário da Manhã. Desse modo, isso vem a confirmar o confronto entre os dois partidos PTB e PSD e a não realização, portanto da coligação entre ambos. De certa forma, essas questões foram levantadas em época eleitoral, para fins de prejuízo nas urnas, a qualquer um dos lados. Diante disso, o Diário da Manhã publica ao final de uma reportagem: “O que está em equação não é Vergueiro e Armando. É Armando e Dionísio. Povo de Passo Fundo: estude bem Armando Annes e Dionísio Lângaro. Povo de Passo Fundo: medite bem sobre os processos de nossos antagonistas!”¹⁶⁰

A respeito de Túlio Fontoura sabe-se que na condição de fundador do Diário da Manhã, era seguidor das idéias de Vergueiro. E deixa claro que não importa o partido, não ficaria contra Nicolau Vergueiro nunca. Sobre as discussões entre Vergueiro e Armando, Túlio afirma sua devoção ao prestígio eleitoral do político Nicolau Vergueiro, através de trecho da carta enviada a Arthur Ferreira Filho falando de sua posição a favor do republicano Vergueiro,

O velho é de boa têmpera e demonstra coragem para prosseguir na luta, até a vitória total. [...] Havia, Ferreira amigo, resolvido a flamula de ‘lutador’ pela boa causa destes pagos, mas não posso recolher-me a uma posição de relativa comodidade, deixando na linha da frente amigos da estatura moral de um Nicolau Vergueiro. [...] O velho Armando vai governando e fazendo sua politicazinha [...] em matéria política, tem acontecido coisas por aqui, meu caro Ferreira, que causa espanto a um frade.¹⁶¹

¹⁵⁹ **Diário da Manhã**, 29 ago. 1947

¹⁶⁰ **Diário da Manhã**, 4 out. 1947.

¹⁶¹ **Carta de Túlio Fontoura para Arthur Ferreira Filho**, enviada em 31 de dezembro de 1947.

Em 1947 foi organizado o novo diretório do PSD de Passo Fundo¹⁶², ficando da seguinte forma constituído:

Presidente: Nicolau Araújo Vergueiro;

1º Vice-presidente: Dionísio Langaro;

Secretário: Mario Daniel Hoppe;

2º Vice-Presidente: Gelso Ribeiro;

Tesoureiro: João Andrade;

Membros: Aurélio Amaral, Odalgiro Correa, Antonio marinho de Albuquerque, Arno Jaguaribe de Oliveira, Aquilino Translatti, Benias Pinheiro, Celso da Cunha Fiori, Diogo Morsch, Evaristo Tagliari, Elpídio Fialho, Ivo Pio Brum, José de Mamann, João Gasperin, João Carlos Waihrich, José Carlos de Medeiros, João Jaques, Licio Machado, Lauro Paiva, Leandro Missel, Manoel de Araújo bastos, Nativo Oliveira, Olivio Giavarina, Pedro dos Santos Pacheco, Sabino Santos, Theodoro Della Méa, Thadeu Anoni Nedef, Waldemar Lângaro, Antonio Bittencourt de Azambuja.

No ano de 1948, definiram-se melhor as posições políticas nos níveis nacional e estadual, pois movimentam-se com mais vigor à escolha do candidato à sucessão presidencial. Desse modo, foi ratificado o acordo interpartidário, em janeiro de 1948 entre o PSD, UDN e PR, onde os partidos comprometem-se a cooperar estreitamente com o governo reforçando a utilidade político-administrativo do país.¹⁶³

Em âmbito estadual e local, ocorre o mesmo arranjo de posições políticas. Dissolveu-se a dissidência do PTB, em vista de haver cessado os motivos que levaram um grupo de trabalhistas a se organizarem em dissidência, devido aos atos despóticos do José Vecchio, o Cap. Telmo Azambuja, líder da mesma, afirma que essa deixaria de existir quando Vecchio deixasse a direção estadual do partido. O capitão presidiu a reunião de fechamento da dissidência e deixou claro que o motivo da dissolução foi a face da modificação na direção

¹⁶² **Diário da Manhã**, 5 out. 1947.

¹⁶³ **Diário da Manhã**, 21 jan. 1948

estadual do PTB, assim, com o afastamento dos totalitários, não havia mais razões para a existência de sua ala dissidente em Passo Fundo.¹⁶⁴

O PSD de Passo Fundo posiciona-se contra os acordos partidários, diz em entrevista ao Diário da Manhã, o deputado Nicolau Vergueiro, e manifesta-se solidário com a linha política de Gal. Paim filho.¹⁶⁵

No interior do diretório do PTB gaúcho, o momento é de crise com a saída do líder Loureiro da Silva, por discordar das orientações que vêm sendo dada ao partido nos últimos tempos devido à sucessão presidencial. É importante citar que o PTB estava em processo de formação ainda. E acentua-se a situação de discórdia no seio dos diretórios do PTB gaúcho.

Com rumores de que se pretende levar o senador Getúlio Vargas à presidência efetiva do partido cresce o movimento para fazer a ascensão do senador salgado filho, aquele posto. Observa-se que vários correligionários do ex-ditador Vargas, aderiram a corrente do ex titular da aeronáutica.¹⁶⁶

Contudo Vargas comunica o senador Salgado Filho que aceitará a presidência efetiva do PTB, e incendeia a luta entre as correntes queremistas e ideológica:

o oferecimento da presidência do PTB ao ex-ditador Vargas, é visando a unificação dessa agremiação que se encontra em crise em vários estados, principalmente aqui [Rio Grande do Sul], onde existe forte corrente contra o queremismo. Observadores políticos acreditam, no entanto, que com o senador Getúlio na presidência do partido não será solucionada a crise, existente, pois o choque entre as duas correntes distintas, surgidas no seio do partido, a queremista e a ideológica perdurará.¹⁶⁷

Em Convenção Nacional, os líderes pessedistas afirmam que o partido está coeso nacionalmente, dizendo: “demos uma soberba demonstração de coesão partidária, mostrando que os interesses pessoais desapareceram quando outros superiores exigiram nossa solidariedade, declarou o senador Nereu Ramos, presidente do partido majoritário.”¹⁶⁸

¹⁶⁴ **Diário da Manhã**, 29 fev. 1948

¹⁶⁵ **Diário da Manhã**, 12 mar. 1948

¹⁶⁶ **Diário da Manhã**, 20 jun. 1948

¹⁶⁷ **Diário da Manhã**, 24 jun. 1948

¹⁶⁸ **Diário da Manhã**, 23 jul. 1948

Mas em nível local, o PSD vem demonstrando sinais de fragmentação constante. Conforme Pedro dos Santos Pacheco, líder da bancada do PSD na Câmara Municipal, após seu pedido de demissão do cargo e afastamento das fileiras pessedistas, profere discurso a respeito de Walter Jobim dizendo que “tem tanto de grande, quanto de fraco e pusilânime”¹⁶⁹.

Desse modo o jornal O Nacional, de posição política petebista, contrário do segmento pessedista, publica uma nota em que acusa os dirigentes do PSD local de usarem métodos tortuosos e dúbios para a conservação da integridade do partido. Ou seja:

todos quantos foram assisitr a sessão da câmara municipal, podem atestar que La estavam, em forma, na primeira fila, quase todos os dirigentes e membros do diretório muncipal do PSD, aplaudindo, sem reservas, as palavras do dr. Pacheco, [...] Esteve, portanto, a partir deste instante declarado o rompimento do diretório do PSD local com o governador Walter Jobim. Outra não era a conclusão de toda aquela gente que estava no recinto da câmara.¹⁷⁰

Assim, concluindo a nota, afirmando que o PSD local, tomou essa atitude a fim de não perder o líder Pedro dos Santos Pacheco de suas fileiras, mas acabou por fim, o diretório local negando esse apoio ao líder municipal, pois sabiam que as conseqüências seriam maiores com o rompimento estadual,

Que fez então o diretório do PSD? Negou tudo, antes que o galo cantasse pela terceira vez. Deautorizou tacitamente as palavras do líder, que ele antes autorizara, esqueceu a autoridade que lhe havia emprestado e apressou-se, impudicamente, a ratificar sua atitude anterior para cair novamente nos braços do governador. [...] a direção do Partido Social democrático, acendeu uma vela pra Deus e outra ao Diabo¹⁷¹

Diante disso, Túlio Fontoura expressa sua opinião e comunica a Ferreira Filho a situação partidária local e garante sua posição a favor dos interesses partidários e não pessoais, mesmo defrontando-se com a orientação do chefe do governo rio-grandense:

¹⁶⁹ **O Nacional**, 28 out. 1948

¹⁷⁰ **O Nacional**, 01 nov. 1948

¹⁷¹ **O Nacional**, 01 nov. 1948

Para isso, parti do princípio que os interesses do partido devem pairar acima dos interesses pessoais. Ora se ficássemos de braços cruzados, o Pacheco estaria com o PTB, combatendo contra o governo, o que seria mais grave ainda, contra o partido e seus dirigentes, que na hora difícil preferiram a posição de subserviência, ficando com o Governador. [...] Defendo a atitude do partido, como a única aconselhada pela dignidade de seus dirigentes. Lamento o caso e sei que o governador não está satisfeito com a conduta do PSD local. Paciência. Entre o dever a cumprir e os interesses do governador, ficamos sempre com aquele.¹⁷²

Dissidências e pedidos de exclusão partidária se tornam notícias constantes nos meios de comunicação. Telmo Azambuja, que já nas eleições passadas havia formado uma dissidência do PTB e logo depois a dissolveu por questões de orientação interna do partido. Agora rompe definitivamente com o PTB alegando falta de atenção com a classe brigadiana, em que o diretório estadual do PTB não apoiou sua bancada na Assembléia do Estado, negando aumento de vencimentos aos mesmos.¹⁷³ A fim de ilustrar essas dissidências de toda ordem cito as palavras do ilustre político João Neves, “Em política as divergências surgem e se extinguem à medida dos acontecimentos.”¹⁷⁴

Após as eleições de 1947, o PSD já demonstrava indícios de fragmentação interna, em relação ao PTB que vinha mantendo uma ascendência eleitoral. O capítulo a seguir faz reflexões sobre os acordos sucessórios que envolveram o PSD nos três níveis e que abriram caminho para dissidências internas, como o PSD Autonomista.

¹⁷² **Carta de Túlio Fontoura para Arthur Ferreira Filho**, enviada em 08 de dezembro de 1948, de Passo Fundo.

¹⁷³ **O Nacional**, 21 dez. 1948

¹⁷⁴ **Carta de João Neves para Francisco Brochado da Rocha**, enviada em 13 de fevereiro de 1950, do Rio de Janeiro.

4. A FRAGMENTAÇÃO DO PSD LOCAL

O período entre os anos 1948 a 1950, demonstra um visível processo de fragmentação do diretório local pessedista, através de dissensões internas, da mobilidade de políticos locais entre os partidos e do declínio eleitoral. Todo esse processo, será evidenciado a partir das conversações sobre os acordos para sucessão presidencial, o que findou o processo de desgetulização do Partido Social Democrático, através da dissidência formada pelos autonomistas, que nas eleições para presidência em 1950, apoiaram Getúlio Vargas.

4.1 Acordos Sucessórios

Dentre os políticos que faziam parte das hostes pessedistas, nada diminuía o prestígio eleitoral que Nicolau Vergueiro tinha na cidade de Passo Fundo e que se estendia por todo o Estado. Entre homengens, festas e jantares, eram organizadas comissões de municípios vizinhos para representar seu diretório nestes eventos a fim de solidarizar-se com o político em destaque. Mas todo esse clima de festanças e demonstrações de apreço a figura do líder político não disfarça o caráter de fragmentação que envolve o PSD de Passo Fundo, segundo Túlio Fontoura,

Consideramos que a presença do Dr. Cilon Rosa, ao banquete [oferecido para Vergueiro], no próximo dia 7 seria de grande importância para o partido, pois vamos reunir aqui os líderes do PSD dos municípios vizinhos. Aqui, nada de novo. Vamos prosseguindo na luta, batalhando pelo reagrupamento do Partido, mas as notícias políticas dos municípios vizinhos e do próprio estado, não são nada tranquilizadoras. Ainda agora, Carazinho baqueou. A situação do PSD em Getúlio, Marcelino Ramos, Carazinho e Guaporé, é a pior possível.¹⁷⁵

Quanto à sucessão dos cargos políticos, em declarações ao jornal O Nacional, no início do ano de 1949, Vargas declarou da Estância de Itú, não ter pressa de voltar e ainda, palpita a respeito dos nomes possíveis à candidatura para a sucessão governamental no Rio Grande do Sul: José Diogo Brochado da Rocha, Salgado Filho e Alberto Pasqualini, os possíveis.¹⁷⁶

Já os udenistas estavam intransigentes quanto ao não apoio a Nereu Ramos, presidente do diretório nacional do PSD, pois havia ficado acordado entre os partidos a escolha de um candidato apartidário. “O seu partido não pode apoiar nem participar da chapa de sucessão do presidente Dutra, encabeçada por Nereu Ramos, o qual tem arraigado espírito partidário sendo intransigente defensor dos interesses pessedistas.”¹⁷⁷ Entre boatos e fuxicos políticos, a sucessão presidencial é o “prato do dia” em todas as camadas políticas.

Enquanto isso nas legendas partidárias rio-grandenses, a disputa era pela permanência ou não do secretário do interior. Membros do PTB e PRP uniram-se contra o afastamento de Otacílio Moraes da secretaria do interior. As fileiras do PSD gaúcho estavam em pólvora, e previam um novo incêndio nas hostes políticas pessedistas, pois temiam os líderes do PSD uma série de controvérsias ‘domésticas’ e desentendimentos em face da escolha do novo nome para ocupar o cargo de secretário do interior do Estado. O que é certo, porém, é que entre os pessedistas existiam duas correntes – uma a favor da permanência de Octacílio Moraes – outra pró-nomeação de Oscar Fontoura que era do PSD.¹⁷⁸

Com a vitória, a corrente a favor de Fontoura, em meados do mês de junho nomeou para o cargo de secretário do interior gaúcho, Oscar Fontoura. Neste mesmo período alinharam-se posições a favor e contra candidaturas à presidência, Getúlio e Adhemar

¹⁷⁵ Carta de Túlio Fontoura para Arthur Ferreira Filho, enviada em 02 de março de 1949.

¹⁷⁶ O Nacional, 9 mar. 1949

¹⁷⁷ O Nacional, 30 mar. 1949.

¹⁷⁸ O Nacional, 30 mai. 1949

declararam seus apoios à candidatura de Nereu Ramos, o mais cotado pelo partido,¹⁷⁹ mesmo havendo uma lista de 5 nomes para a sucessão.

Começaram as negociações a respeito das coligações para tornar real o acordo interpartidário entre PSD, UDN e PR, para juntos marcharem a favor da solução do problema de sucessão presidencial. A primeira reunião dos presidentes dos 3 partidos ocorreu, no entanto, no final do mês de junho.¹⁸⁰

Os acordos para a sucessão presidencial iniciaram mesmo no ano de 1948, quando o PSD e a UDN mineiras entraram em negociação para a busca de um nome em comum sob a fórmula da união nacional, em que o cargo de presidente caberia ao PSD e o governo de Minas Gerais a UDN. No entanto, esta fórmula serviu somente de base para o Acordo Interpartidário, fechado em janeiro de 1948, entre PSD - UDN - PR. Logo, as negociações em torno de um candidato único que agradasse ambos era praticamente nula.

Em março de 1949, a UDN reafirmou que só negociaria com o PSD se o candidato fosse assim extrapartidário. No entanto em junho do corrente ano, Walter Jobim pessedista gaúcho, apresentou a Dutra a Fórmula Jobim, que se resumia no seguinte parâmetro de que, todos os presidentes de partidos deveriam ser consultados a respeito da sucessão presidencial. E assim, a UDN de Prado Kelly, mais o PSD de Nereu Ramos e PR de Arthur Bernardes aceitaram a Fórmula Jobim. Mas não houve evoluções, pois Nereu indicou seu nome à presidência e Dutra interferiu e vetou o mesmo. Assim O PSD mostrou-se irredutível, não aceitando, sem modificações a fórmula proposta.

As cisões internas que surgiram nos partidos dificultaram muito as negociações políticas interpartidárias, entre os que são a favor ou contra determinados candidatos, como é o caso dos pessedistas a favor de Dutra e contra, como João Neves da Fontoura, o qual proferiu discurso criticando a orientação política do presidente e, “advertindo-o que o Rio Grande desflorou a bandeira da revolução por que o presidente da República persistiu na indicação de um nome para substituí-lo no catete.” O discurso causou repercussão enorme, sendo considerado como “verdadeira bomba atômica”, tanto na sociedade política quanto no interior do partido. Assim, os dirigentes do PSD gaúcho Protásio Vargas, Firmino Paim Filho, Cilon Rosa, Pacheco Prates e Marcial Terra, reuniram-se para redigir uma nota a ser publicada na imprensa que desautoriza em nome do PSD, as palavras de João Neves da

¹⁷⁹ **O Nacional**, 20 jun. 1949

¹⁸⁰ **Diário da Manhã**, 28 jun. 1949

Fontoura.¹⁸¹ Esse discurso de João Neves rendeu notícias aos principais jornais do país, como O Correio da Manhã publicou em manchete: “A crise do PSD localiza-se no Rio Grande do Sul.” E o jornal A Manhã inciou sua nota dizendo: “O PSD gaúcho ratifica a Fórmula Jobim.”¹⁸²

Na marcha dos entendimentos para a sucessão, o conselho nacional do PSD manifestou seu apoio integral ao general Eurico Gaspar Dutra. Mas decidiram por lançar no tabuleiro da sucessão, Nereu Ramos, para a presidência, com Prado Kelly na vice. O jornal O Nacional publicou que Nereu é o candidato da ala queremista do PSD e de João Neves, o que afasta Dutra das negociações políticas.¹⁸³

Prosseguiram os entendimentos de Nereu com a UDN e PR, e chegaram a um acordo. O primeiro passo firme para a campanha da sucessão, e a certeza comum entre os três grandes foi de que o candidato devia ser político, ou seja, partidário.¹⁸⁴

Quanto a sucessão estadual, uma nota publicada no jornal O Nacional disse que até o fim do mês de julho de 1949, oitenta municípios gaúchos já haviam se manifestado a favor dos candidatos para a disputa eleitoral no Estado, ou seja, Cilon Rosa pelo PSD e Brochado da Rocha pelo PTB.¹⁸⁵

Fim de julho de 1949, foi aprovada a Fórmula Jobim para a sucessão presidencial. Foi publicada no Diário da Manhã a nota oficial do PR, UDN, e PSD a propósito da aprovação da Fórmula Jobim para a escolha do sucessor do general Eurico Gaspar Dutra, “declaram terem chegado a um acordo quanto a necessidade de serem consultados todos os partidos políticos para escolha dos candidatos à presidência e a vice-presidência da República, num esforço para assegurar ao país eleições livres, honestas e pacíficas.”¹⁸⁶ Essa nota oficial veio confirmar as informações extra-oficiais de que os presidentes dos três grandes partidos brasileiros haviam concordado em adotar a Fórmula Jobim, para os entendimentos em torno da sucessão presidencial da República. Dessa forma, tomam rumo mais concreto os entendimentos interpartidários, voltando ao cartaz nos círculos políticos o caso do ‘candidato único’.

Em relação ao acordo interpartidário e uso da adoção da Fórmula Jobim, Túlio Fontoura posicionou-se contra e expôs seu desapeço pelo pessedeista Jobim:

¹⁸¹ **Diário da Manhã**, 12 jul. 1949

¹⁸² **O Nacional**, 13 jul. 1949

¹⁸³ **O Nacional**, 16 jul. 1949

¹⁸⁴ **O Nacional**, 18 jul. 1949

¹⁸⁵ **O Nacional**, 27 jul. 1949

¹⁸⁶ **Diário da Manhã**, 29 jul. 1949

Com referência à nota oficial do PSD, devo dizer-te que causou ela, aqui, a mais penosa das impressões, alimentando-se profundamente que tenha o documento recebido as assinaturas de Paim e Cilon. O velho castilista, na entrevista que deu dois dias após, reanimou um pouco dos ânimos dos pessedistas desta região, muitos dos quais já odeiam a passos, o governador Jobim conforme ouvi de um companheiro de Carazinho, onde a onda de indignação é maior que a que vai aqui por Passo Fundo. Porque o Jobim não passa logo para o PTB, levando todos os brochados, dagobertos, josinos, e outros espécimes raros da nossa fauna política? [...] Olhe Ferreira amigo, a nossa situação é delicadíssima, pois a revolta que lavra no seio do eleitorado, em virtude das fórmulas, acordos e conchavos políticos, já assume proporções alarmantes. O panorama da política nacional é ameaçador. Estamos sem teto, correndo risco aqueles que o destino colocou dentro do PSD. Para muitos, ser pessedista é verdadeira temeridade.¹⁸⁷

Túlio remeteu a Ferreira Filho em carta, as palavras de Vergueiro ao voltar da viagem ao Rio de Janeiro, sobre os acertos para a sucessão presidencial, “diz o velho republicano que o momento é de confusão e apreensões. Muitos homens e nenhum nome para candidato. É o que dizem os adversários de Getúlio e Adhemar.”¹⁸⁸

Foram nomeados os emissários dos “três grandes” (PSD, UDN, PR) para se entenderem com os demais partidos.

Para entender-se com o PTB, foi nomeado Cirilo Junior, pessedista, amigo de Getúlio, havendo concordado a UDN e PR com a escolha. Para entender-se com os partidos, cujos presidentes se encontram no Rio, foi escolhido o sr. Gabriel Passos, sabendo-se que Prado Kelly entender-se-á pessoalmente com Raul Pilla.¹⁸⁹

Entre meio as negociações concordou o PSD que o candidato fosse um pessedista, mas temiam seus dirigentes de que o partido se fracionaria iniciando uma nova luta interna para escolha desse candidato.¹⁹⁰

¹⁸⁷ **Carta de Túlio Fontoura para Arthur Ferreira Filho**, enviada em 10 de setembro de 1949.

¹⁸⁸ **Carta de Túlio Fontoura para Arthur Ferreira Filho**, enviada em 10 de setembro de 1949.

¹⁸⁹ **O Nacional**, 4 ago. 1949

¹⁹⁰ **Diário da Manhã**, 27 ago. 1949

Divulgada pela direção do PSD gaúcho uma nota oficial, assinada pelos dirigentes do PSD gaúcho, explicava como funcionava o partido, de acordo com os seus estatutos, e esclarecia que a opinião isolada de correligionários por mais destacado que fossem, jamais poderiam representar o partido. “Apenas os dirigentes do PSD, de acordo com os estatutos, podem e tem autoridade bastante para falar em nome do partido, isso mesmo em determinados casos.”¹⁹¹. A nota de autoria do 1º vice-presidente da comissão executiva do PSD, Gal. Paim Filho, terminou reafirmando a sua integral solidariedade ao Gal. Gaspar Dutra, expressou, ainda, a sua perfeita concordância ao acordo interpartidário, do qual faziam parte o PSD, UDN e PR, para a escolha do candidato à presidência da República nas próximas eleições.

O acordo interpartidário passou por momentos tortuosos e de pleno desacordo pouco antes de ser encerrado o ciclo de consultas aos partidos. Em especial quando Arthur Bernardes, representante do PR, desgostoso, deixou a comissão dos “três grandes”, e se fez justificar sua demissão dizendo que se sentia diminuído pela figura de Benedito Valadares nas negociações partidárias.¹⁹²

No Rio Grande do Sul entraram em concordância depois de várias conversações o governador Jobim com os dirigentes do PSD gaúcho, Protásio Vargas, Paim Filho e Cilon Rosa de que o rumo das conferências toma o sentido de harmonização interna do partido, sobretudo quanto a aplicação da Fórmula Jobim.

Os “três grandes” pareciam decididos a prosseguir nas *demarches* para a escolha do próximo sucessor do Gal. Dutra, sem Ademar e Getúlio. Em meio aos boatos, surgiu no mês de setembro de 1949, a possível formação da chapa Nereu Ramos – Prado Kelly.

Falou-se que o presidente Dutra afirmara ao Sr. Prado Kelly, ver com bons olhos e desejava mesmo que o candidato à sucessão fosse um mineiro, o que fez recrudescer as especulações em torno dos nomes dos srs. Bias Fortes, por parte do PSD e Milton Campos, pela UDN. Verdade ou não, certo é, que esses nomes já estão em plena efervescência, sendo que no seio do PSD fala-se em Nereu Ramos e Bias Fortes, enquanto que a UDN levará à mesa dos 3 grandes, o brigadeiro Eduardo Gomes, Milton Campos e Otavio mangabeira.¹⁹³

¹⁹¹ **Diário da Manhã**, 6 set. 1949

¹⁹² **O Nacional**, 8 set. 1949

¹⁹³ **Diário da Manhã**, 13 set. 1949

Quanto ao PTB, declarou Salgado Filho em São Paulo, que o partido não participará dos entendimentos sucessórios caso não seja colocado em pé de igualdade como o “quarto grande”. E anunciou ainda que Getúlio assumiria a sua cadeira no senado, em outubro vindouro.¹⁹⁴

O mês de outubro caracterizou-se por ser decisivo na sucessão presidencial, e segundo Paim Filho, “entendemos que o candidato deve sair das fileiras do PSD, acrescentando que o RS não terá candidato próprio. Achamos que o nome escolhido deve ser apresentado à aprovação do presidente Dutra.”¹⁹⁵

Mas os entendimentos entre os “três grandes” ainda estão em torno da seguinte questão: candidato partidário ou extra-partidário? Há duas tendências que norteiam essa indagação, uma apoiando o candidato interpartidário, outro extra-partidário. Mas as razões eram evidentes e indicavam que o PSD tinha mais probabilidades de apontar um nome, sobretudo se o fizessem em termos não impositivos e, portanto, sem criar para os outros aliados um confronto. Já a UDN, não está uma no ponto de vista a respeito do candidato partidário, pretendendo, a maioria, apoiar uma candidatura extra-partidária.¹⁹⁶

Prado Kelly, Nereu Ramos e Arthur Bernardes voltaram a se reunir nos meses de setembro e outubro, mas sem nenhum resultado, principalmente depois que Dutra declarou-se inclinado para a candidatura mineira, de Bias Fortes, o que levou o PSD a acabar com o acordo interpartidário, que queria elevar o nome de Nereu Ramos a presidência, o qual foi vetado por Dutra. Volta-se a estaca zero.

O Nacional publicou a manchete de que havia uma ruptura no PSD gaúcho, provocada pela divergência interna de duas alas no partido. O mesmo realizou convenção imediata para o afastamento de Paim Filho da executiva estadual do PSD, o que resultou na “explosão da crise latente que vinha lavrando no seio do PSD gaúcho, em face da divergência de orientação entre a Ala Paim Filho e a Ala Terra e Brochado da Rocha.”¹⁹⁷ Paim Filho, no entanto, reagiu à decisão da ala contrária do PSD gaúcho com as seguintes palavras: “Arrancarei as máscaras dos falsos pessedistas que vivem tramando à sombra, com aproximação a Getúlio e Adhemar,

¹⁹⁴ **O Nacional**, 24 set. 1949

¹⁹⁵ **Diário da Manhã**, 4 out. 1949

¹⁹⁶ **O Nacional**, 5 out. 1949

¹⁹⁷ **O Nacional**, 31 out. 1949

numa inglória campanha que, caso vitoriosa, o que é impossível, isolaria o Rio Grande do Sul dos quadros políticos nacionais.”¹⁹⁸.

Os murmúrios continuam e no dia seguinte a ruptura declarada, o mesmo jornal publicou manchete de O Globo, “informando que o grosso do PSD gaúcho é solidário com Nereu Ramos e Jobim, com tendência e sentido de uma composição de forças com o PTB.”¹⁹⁹. Os meios de comunicação começam a dar forma à especulações como a de que “o PSD está agora dividido em três alas: quemistas, que acompanham Getúlio, populistas, que já fazem parte do governo de Adhemar; e dutristas, que ficarão ao lado do presidente, se Dutra aceitar...”²⁰⁰.

Nesse emaranhado de dissidências e fragmentação interna, os círculos ligados a UDN diziam que,

mesmo unido, disciplinado e coeso, o PSD não poderia, sozinho eleger o candidato ao Catete, e muito menos agora que o partido se apresenta anarquizado em todo o país, como verdadeira colcha de retalhos, fragmentado em correntes, grupos e sub-grupos, numa incrível desinteligência entre chefes e sub- chefes. Acredita-se que o PSD é justamente o partido que mais perturba a política nacional e o que mais dificuldades cria para Dutra.²⁰¹

O diretório estadual da Ala Moça do PSD publicou uma moção hipotecando solidariedade aos diretórios nacional e estadual e ao Chefe da Nação, ou seja, declarou seu apoio a Dutra e Jobim,

reafirmam, finalmente, a sua inteira e absoluta desaprovação a quaisquer manifestações que visem enfraquecer a coesão do nosso glorioso partido e romper os liames da disciplina partidária, condição fundamental para a sobrevivência de toda a organização política.²⁰²

¹⁹⁸ **O Nacional**, 31 out. 1949

¹⁹⁹ **O Nacional**, 01 nov. 1949

²⁰⁰ **O Nacional**, 08 nov. 1949

²⁰¹ **O Nacional**, 08 nov. 1949

²⁰² **Diário da Manhã**, 11 nov. 1949

Desse modo, o PSD do RS apresentou-se solidário com o Acordo Interpartidário e ao lado do presidente Dutra. Mas em novembro, ocorreria a substituição da Fórmula Jobim pela Fórmula Mineira, a qual foi proposta ao diretório nacional do PSD por Valadares, propondo um candidato de união nacional, mas pessedista e mineiro.

Envolto em mistério, se dão as conversações sobre a sucessão presidencial que levou Nereu ao Rio Grande do Sul.

Nereu encontrou o ambiente do PSD propício para a solução do problema sucessório, nos termos do acordo interpartidário. Entretanto, Protásio Vargas, presidente do PSD gaúcho, declarou à reportagem que a viagem de Nereu era decorrência lógica do funcionamento da Fórmula Jobim acrescentando que João Neves está agindo.²⁰³

Publicada nos meios de comunicação a opinião do PSD gaúcho sobre o candidato à sucessão presidencial.

O governador Jobim, deliberou aceitar a ‘Fórmula Valadares’, ampliada, entretanto, com outros nomes para serem considerados, como concorrentes ao pleito presidencial, para que, de acordo com a ‘Fórmula Jobim’ sejam submetidos ao exame das demais agremiações registradas. Os nomes indicados para figurar na lista são os seguintes: Nereu Ramos, Barbosa Lima, Góis Monteiro, Pinto Aleixo e Cirilo Jr.²⁰⁴

O PSD gaúcho aceitou a Fórmula Mineira mas com algumas restrições. Ou seja, aceita os nomes propostos por Valadares, mas sugere também que não sejam esquecidos os nomes de Nereu Ramos, Góis Monteiro, Barbosa Lima Sobrinho e Cirilo Junior. A nota foi assinada por Ernesto Dornelles, mas sem assumir a responsabilidade pela citação dos nomes. “Segundo essa decisão do PSD do RS, observou-se que o diretório regional do partido insistiu ainda na Fórmula Jobim pelo menos em parte. Provavelmente o PSD gaúcho pretendia realizar um entrosamento da Fórmula Jobim com a Fórmula Mineira.”²⁰⁵

²⁰³ **O Nacional**, 14 nov. 1949

²⁰⁴ **O Nacional**, 25 nov. 1949

²⁰⁵ **Diário da Manhã**, 26 nov. 1949

A partir da declaração do PSD, a UDN não aceitará candidatos pessedistas. E descontente com os resultados das conversações afastou-se da fórmula de candidato único à sucessão presidencial e lançou a candidatura de Eduardo Gomes com o apoio do PL e PRP.

os principais udenistas manterão a decisão anterior da UDN a propósito da nota pessedista em que se declarava que o partido entendia que o candidato deveria sair dos seus quadros. Essa decisão foi no sentido de não aceitar a resolução do PSD. Isto é, não aceitar candidato exclusivamente pessedistas.²⁰⁶

Devido ao apoio do PRP (integralistas) a UDN, o PSB (socialistas) manteve sua rivalidade com o PRP, não pôde apoiá-lo, e lançou a candidatura própria de João Mangabeira.

Em fins de novembro assumiu a presidência do PSD gaúcho, Cilon Rosa. E o mesmo é convidado para assumir o cargo de patrono da Ala Moça do PSD passo-fundense, entidade local, que passaria a denominar-se Centro Cívico Cilon Rosa.²⁰⁷

Reiniciou-se em dezembro, o acordo para tratar do problema sucessório, segundo notícia veiculada através de O Nacional, “o reatamento dos entendimentos interpartidários diziam que o PSD, UDN e PR voltariam a tratar, por intermédio de seus diretores, do caso sucessório [...] O jornal informa que Oscar Fontoura, delegado do PSD gaúcho, é partidário da fórmula ‘acordista’.”²⁰⁸

O Nacional anunciou os candidatos mais falados como capazes de reunir pelo menos o PSD, UDN e PR no próximo pleito, ou seja, Arthur Bernardes, Pedro Aleixo, Jobim e Adroaldo, mas o mais citado foi Jobim.²⁰⁹ Mas os nomes propostos não eram aceitos pelo PR e UDN.

O ano de 1950 iniciou com novos nomes propostos para a solução do problema sucessório: Gal. Canrobert, Juraci Magalhães e Prado Kelly. Candidatos agora udenistas e não pessedistas.

Mas Getúlio se impôs nas disputas partidárias com uma nova proposta, a aliança entre PTB e PSD. Mas este acordo não foi bem recebido, tanto nas hostes do PSD local, quanto

²⁰⁶ **O Nacional**, 28 nov. 1949

²⁰⁷ **Diário da Manhã**, 16 dez. 1949

²⁰⁸ **O Nacional**, 12 dez. 1949

²⁰⁹ **O Nacional**, 21 dez. 1949

estadual, conforme trecho da carta de Túlio Fontoura enviada a Arthur Ferreira Filho sobre os reflexos causados na sociedade política passo-fundense:

a respeito do acordo do PSD com o PTB [...] Tenho impressão que o maior sábio do mundo e mesmo a própria divindade, não poderiam descobrir, no vocabulário, palavras com as quais justificassem semelhante acordo. Tenho para mim a impressão que esse acordo não sairá. É preciso que todos tenham perdido a vergonha, para que semelhante absurdo seja transformado em realidade. Entendo que poderíamos fazer acordos com a UDN, com o PL, com o PRP, com o PSP, com o PTN, com os comunistas, mas nunca com o PTB do Sr. Getúlio Vargas. Não acredito nesse acordo, porque ainda creio nos homens responsáveis pela sobrevivência do regime.²¹⁰

Túlio Fontoura confirmou seu apoio a Cilon e Vergueiro e falou a respeito da decadência partidária do PSD, se o partido viesse a aceitar o acordo com o PTB.

considero que tal acordo importaria no suicídio do PSD, e estou velho demais para andar agarrando em alça de caixão de defunto. Os compromissos que tens, com homens, são os mesmos que eu tenho. Lutarei pelo Dr. Cilon e pelo Dr. Vergueiro, e por mais ninguém, para isso não preciso estar filiado a partido algum. Mas, como disse, não acredito na possibilidade desse acordo. [...] Na verdade, o PSD está arriscando muito, permitindo que alguém possa admitir a possibilidade de semelhante acordo, que em matéria de imoralidade política, causa espanto e intranquilidade as ciências cívicas. Infelizmente, o partido está sem direção, sem rumos, tateando ao sabor das ondas, tudo pela ambição de certos líderes que não querem saber de riscos de espécie alguma no próximo pleito. O partido está se desprestigiando perante a opinião pública, e esse desprestígio está assumindo proporções de imprevisíveis conseqüências, na expressão do velho Antonino Xavier. É lamentável isso que está acontecendo com um partido que tem por obrigação selar pelo nome majoritário e velar pelos destinos da Democracia, que segundo tudo indica, está mesmo agonizando.²¹¹

E disse ainda, que se fosse selado o acordo, o partido que obteria resultados positivos seria a UDN, devido ao grande número de adesões dos correligionários, tanto pessedistas quanto petebistas, descontentes com a decisão tomada por seus partidos.

²¹⁰ Carta de Túlio Fontoura para Arthur Ferreira Filho, enviada em 05 de janeiro de 1950.

²¹¹ Carta de Túlio Fontoura para Arthur Ferreira Filho, enviada em 05 de janeiro de 1950.

A impressão dominante, aqui, entre pessedistas e trabalhistas, é de que se tal acordo fosse selado, muito lucraria a UDN, pois é uma grande porcentagem de eleitores do PSD e do PTB, passariam a apoiar o candidato udenista. Os pessedistas que assim procederem continuarão na luta contra o getulismo, e os trabalhistas lutarão para derrotar o PSD, seu maior inimigo.²¹²

Francamente favorável à realização do acordo entre o PTB e o PSD, Getúlio disse que,

todos devem cooperar para que seja escolhido o presidente, sem tantas desilusões. E não deixaria de ser interessante que os partidos se fizessem conexões mútuas, para escolha do candidato e do programa comum, o PTB está apenas interessado em cooperar da melhor forma possível para a pronta escolha do candidato comum.²¹³

Continuou, dizendo que “sem dúvida seria muito interessante a disputa entre vários candidatos, mas atualmente não se deve olhar para o interesse, e sim para o futuro do país.”²¹⁴

No Rio Grande do Sul, o PSD abalou-se com a demissão de Protásio Vargas da presidência do partido. Já há três meses havia feito o pedido de demissão, e veio a público, o que indicara que o partido aceitou seu pedido, mesmo assim diz o político que continuaria defendendo os ideais pessedistas.²¹⁵

Em reunião, o PSD não se preocupou com a proposta de nomes à presidência. “isto porque os pessedistas gaúchos desejam apenas, unidos as demais secções do partido, solucionar o quanto antes, o problema da sucessão presidencial, não havendo interesse em provocar uma cisão”²¹⁶

Em abril de 1950, o PSD rejeitou a candidatura extrapartidária e decidiu lançar o nome de Cristiano Machado, mineiro, para o cargo de presidente. O candidato do partido majoritário era líder da corrente liberal do PSD mineiro – a escolha do nome foi feita pela representação gaúcha e muito bem recebida em todo o país²¹⁷

Em âmbito local, foram organizados comitês que batalharam pelas candidaturas de Nicolau Vergueiro e Odalgiro Correa. Na presidência do comitê pró-candidatura, Nicolau

²¹² Carta de Túlio Fontoura para Arthur Ferreira Filho, enviada em 05 de janeiro de 1950.

²¹³ Diário da Manhã, 01 fev. 1950

²¹⁴ Diário da Manhã, 01 fev. 1950

²¹⁵ Diário da Manhã, 23 abr. 1950

²¹⁶ Diário da Manhã, 23 abr. 1950

²¹⁷ Diário da Manhã, 16 mai. 1950

Vergueiro, Celso Fiori; e no comitê pró-candidatura, Odalgiro Correa, tem como seu presidente Pedro dos Santos Pacheco.²¹⁸

4.2 Dissidência, fragmentação e declínio

Entre ditos e não-ditos, havia-se anunciado que João Neves e Batista Luzardo não aprovariam a escolha do nome de Cristiano Machado, pelo menos, sem prévio entendimento com o governador Walter Jobim. Ambos, entretanto, desautorizaram tal versão, realizando uma visita ao candidato e hipotecando-lhe sua solidariedade.²¹⁹

A ala queremista do PSD gaúcho entrou em ação e confirmou a dissidência dentro do partido liderada por João Neves, esperado em companhia de Batista Luzardo, e contam com a adeseção de Gabriel Obino, Francisco Brochado da Rocha, Nei Britto, Aramis Silva, Rafael Borges, Paulo Acioli, e outros. João Neves também contava com a solidariedade de Ernesto Dornelles, Glicério Alves e Bittencourt Azambuja.

A respeito dessa dissidência partidária, publica o Diário da Manhã, “esse movimento de rebeldia com que os queremistas do PSD planejam quebrar a força eleitoral do partido, informa-se em círculos autorizados, que isso não é nada mais e nada menos do que o plano delineado pelo Sr. Getúlio Vargas.”²²⁰

Dissidência e a fragmentação pessedista gaúcha tomaram conta de todos os círculos políticos. Desse modo, comentou Góis Monteiro em notícia publicada no Diário da Manhã, a respeito da falta de importância que o PSD não estava dando ao movimento de rebeldia anunciado nos pampas. Disse o senador alagoano que:

de qualquer modo, a crise gaúcha não poderia durar muito, pois os divergentes teriam mais cedo possível de regressar a disciplina partidária ou então formar uma cisão verdadeira. E concluiu o Gal. Góis Monteiro: - são coisas da política. O Rio Grande está tranquilo e não suscita receios ao PSD.²²¹

²¹⁸ **Diário da Manhã**, 16 mai. 1950

²¹⁹ **Diário da Manhã**, 21 mai. 1950

²²⁰ **Diário da Manhã**, 24 mai. 1950

²²¹ **Diário da Manhã**, 24 mai. 1950

Já o secretário do interior, Oscar Fontoura, líder pessedista da bancada gaúcha, afirmou que “o PSD está unido e marchará para as urnas levando o nome do Sr. Cristiano Machado para seu candidato à presidência a República.”²²² Mas sua impressão era a mesma de Góis, de que os dirigentes do PSD mostraram-se tranqüilos, não dando importância alguma à propalada dissidência que prometeu chefiar no Rio Grande do Sul, João Neves da Fontoura.

Mas os integrantes do partido que discordaram do movimento de rebeldia encabeçado por João Neves, movimentaram-se e exigiram que a direção do PSD afastasse dos postos de importância do partido, o grupo de queremistas, que tanto vinha prejudicando a coesão partidária.

Por sua vez, afirmou o governador Walter Jobim estar de pleno acordo com a direção do partido, “indicando que a ‘rafaelada’, como é denominado o movimento dos rebeldes, não passará de tempestade em copo d’água.”²²³

E em âmbito local, em meio a toda essa confusão de apoio e negação partidária, o diretório do PSD de Passo Fundo, expressou sua solidariedade a Cristiano Machado,

através dos apaludos do PSD pela escolha do seu nome. [...] Também, declararam os pessedistas enviar uma mensagem, aos delegados do PSD gaúcho, junto ao Conselho Nacional, srs. Cilon Rosa, Oscar Fontoura e Marcial Terra, manifestando integral apoio pelas atitudes que assumiram quando da escolha do candidato do partido.²²⁴

A ala queremista dissidente do PSD afastou-se do partido e assumiu a nomeação de PSDA, ou seja, Partido Social Democrático Autonomista. Em entrevista, o líder da ala autonomista gaúcha, João Neves da Fontoura, manifestou-se a respeito dos rumos do movimento rebelde contra a escolha do nome de Cristiano Machado, para a presidência da República pelo PSD, disse que o manifesto do PSDA estava para ser lançado, seguido na próxima semana, de um discurso de Francisco Brochado da Rocha, na Assembléia e outro de Batista Luzardo, na Câmara Federal.

²²² **Diário da Manhã**, 24 mai. 1950

²²³ **Diário da Manhã**, 24 mai. 1950

²²⁴ **Diário da Manhã**, 25 mai. 1950

Enquanto isso, os dirigentes situacionistas dirigem seus diretórios municipais, solicitando-os prévio pronunciamento sobre o nome do Sr. Cristiano Machado e assegurando-se, assim, desde já, um balanço de como votarão a representantes das colunas gaúchas.²²⁵

Apresentaram-se ao Estado os líderes e membros do PSD autonomista através dos discursos na Câmara Federal e no Senado e na Assembléia de Ernesto Dornelles, Batista Luzardo, João Neves da Fontoura, Glicério Alves, Bittencourt Azambuja, Brochado da Rocha, sob o intuito de explicar os fins do movimento e também para convidar Nereu Ramos, a assumir a liderança do movimento.²²⁶

Em entrevista à imprensa de Porto Alegre, Cilon Rosa vice-presidente do PSD gaúcho, disse que não houve ainda uma resolução do PSD sobre a aplicação da Fórmula Jobim no Estado. E disse ainda que nunca ouviu o Gal. Dutra pronunciar o nome de Cristiano Machado.

É preciso acabar com esse mito de que a democracia precisa viver de fórmulas. Através do comício, das urnas e moção das emendas redondas é que se evidencia a vitalidade democrática. O que se faz necessário isto sim, é estabelecer, em definitivo, o divisor de águas, que separa a mentalidade saudosista e marcada de estado novo dos que verdadeiramente tentaram e sonharam por uma democracia o que separe, igualmente, a tendência socialista inconformada e perturbadora do populismo, do espírito do contra o equilíbrio que marca o conteúdo de uma concepção humana da vida e da sociedade. Entre os que cotejam de um lado e outro, esse divisor não será possível jamais, num entendimento honesto.²²⁷

A respeito da tentativa de acordo interpartidário proposto por Vargas, João Neves declarou sua opinião:

só pode ser uma e creio que de todos os homens desapaixonados. Getúlio deu a nação a sensação do que ainda é possível um acordo visando a solução de paz e harmonia interpartidária. Abrindo caminho para os entendimentos, colocou-o acima de ambições e rivalidades. Deu um bom exemplo e abriu possibilidades.²²⁸

²²⁵ **Diário da Manhã**, 28 mai. 1950

²²⁶ **Diário da Manhã**, 30 mai. 1950

²²⁷ **Diário da Manhã**, 03 jun. 1950

²²⁸ **Diário da Manhã**, 8 jun. 1950

Acerca dos resultados possíveis da proposta de Getúlio Vargas, continuou o João Neves, “não me animaria a responder, pois tudo depende da UDN, PSD e seus ilustres candidatos.”²²⁹. Prosseguiu João Neves dizendo que ainda que não se concretize o candidato único. Completando seu pensamento, disse: “penso que a hora é de união de forças.”²³⁰

Concorreram indicados pelo PSD de Passo Fundo, os nomes de Nicolau Vergueiro e Odalgiro Correa, como candidatos à Câmara Federal e ao Legislativo estadual. Sendo que, o número de eleitores passo-fundenses até o mês de junho através da qualificação eleitoral era de um pouco mais de 18.000.²³¹

A chapa do PSD gaúcho à Câmara Federal concorrem:

Adroaldo Mesquita da Costa - Arthur de Souza Costas – Antero Leivas
– Bayard Lucas de Lima – Daniel Faraco – Darci Grega - Fausto de
Freitas e Castro – Luiz Mércio Teixeira - Nicolau Vergueiro – Pedro
Vergara – Abelardo José Nacul – Américo Godoi Ilha – Antonio
Xavier da Rocha – Armando Vitorino Prates – Arthur Fischer – Carlos
Eurico Gomes – Clovis Pestana – Francisco Machado Carrion –
Hermes Pereria de Souza – Joaquim Duval – Júlio Limeira da Silva –
Marcial G. Terra – Mario Godoi ilha – Nestor Jost – Oscar Adams –
Raimundo Cauduro.

E para Assembléia Legislativa os nomes são:

Eloi José da Rocha – Albano Wolkman - Adail Moraes – Antonio
Campani – Frederico Guilherme Schmidt – Jacinto Rosa, Jeronimo
Mercio Silveira, Valter Peracchi Barcelos, Adolfo Schneider – Alberto
Cigana – Aldo Arioli – Ariosto Jaeger – Armando Peterlongo –
Artemio Camargo – Dirceu Cachapuz de Medeiros – Flavio Menna
Barreto Matos – Joãp B. Marchese – Liberato Vieira S. Cunha – Mario

²²⁹ **Diário da Manhã**, 8 jun. 1950

²³⁰ **Diário da Manhã**, 8 jun. 1950

²³¹ **Diário da Manhã**, 8 jun. 1950

Azambuja – Valmir Viana Lautert – Odalgiro Correa – Pompilio
Gomes Sobrinho – Procópio D. G. de Freitas – Raul Gudole – Romeu
Scheibe.

A divisão nas hostes pessedistas, entre os que apoiavam Getúlio nas eleições para presidente, chegou ao diretório passo-fundense no mês de julho, sob o lançamento de um manifesto assinado por Gonçalino Curio de Carvalho, “O PSD autonomista se levanta em todos os cantos do Brasil, divergindo da orientação política de PSD oficial, acaba também de estender-se a Passo Fundo.” Segundo notícia do Jornal O Nacional,

peças de destaque do PSD oficial de Passo Fundo acabam de aderir a esse movimento de renovação política, chefiado pelo srs. João Neves da Fontoura, Batista Luzardo e Ernesto Dornelles, sob uma orientação do mais alevantado patriotismo. E dessa maneira, mais uma pujante agremiação política acaba de lançar seus fundamentos nesta cidade, sob os mais francos e simpáticos suspícios.²³²

Em entrevista ao jornal O Nacional, o líder autonomista Victor Issler, natural de Passo Fundo, afirmou que o PSD consciente era o que apoiava a ala autonomista, e disse que, “numerosos municípios se manifestaram solidariamente ao movimento que empolga o PSD consciente.”²³³ E declara ainda ser, “a ala autonomista do PSD é, hoje, uma avalanche cívica que envolve as consciências livres do pessedismo gaúcho.”²³⁴

A respeito da fragmentação notória do PSD em 1950, foi publicado no Jornal O Nacional, comentários sobre a situação de decadência do partido.

De tudo isso, denota-se que o partido situacionista está em franca decadência. De um lado, a chefia estadual já não esconde a fraqueza e a antevisão do fracasso; por outro os partidários mostram-se rebelados em véspera da cisão... E se levarmos em conta que esses partidários representavam até aqui a nata do pessedismo no interior, nata restrita e minguada, podemos então bem imaginar as conseqüências tremendas que virão para o PSD, partido cujas fileiras já se apresentam rotas, com enormes vazios, completamente rompidas pelos embates da má sorte... é mais do que decadência: é a própria agonia.²³⁵

²³² **O Nacional**, 18 jul. 1950

²³³ **O Nacional**, 22 jul. 1950

²³⁴ **O Nacional**, 22 jul. 1950

²³⁵ **O Nacional**, 5 ago. 1950.

No início do mês de agosto, a direção do PSD rejeitou o acordo extra-partidário e deixou claro que qualquer proposta para um entendimento com o PSD deveria ser feita em torno do nome de Cilon Rosa. A comissão executiva do PSD esteve em reunião convocada pelo seu presidente para resolver quanto ao movimento iniciado pelos chamados pequenos partidos no sentido de conseguirem um candidato apartidário ao governo rio-grandense.

Após amplo exame da situação política, a comissão executiva do PSD resolveu, por unanimidade de votos não tomar conhecimento de qualquer proposta de acordo que implicasse no afastamento da candidatura do Sr. Cilon Rosa. Com a decisão da direção regional do PSD, os chamados partidos menores foram mais uma vez notificados de que qualquer proposta para um entendimento político deve ser feito em tom do candidato do partido, Sr. Cilon Rosa, escolhido e homologado em memorável convenção.²³⁶

O mês de agosto foi marcado também pelo lançamento oficial da candidatura de Getúlio Vargas, o qual deixou a Fazenda de Itu acompanhado de Adhemar de Barros, que juntos fecharam acordo entre PTB e PSP.²³⁷

O PSD local apostou na propaganda política para garantir a vitória nas urnas. Fazia uso de uma frequência radiofônica, o PSD contava com a colaboração de Valdo Nunes Vieira, Prof. Aurélio Amaral, Anael Dipp, Bráulio de Senna e outros membros dessa agremiação política, “tem por escopo difundir as candidaturas dos srs. Cristiano Machado, para a presidência da República, Cilon Rosa, para governo do Estado, Nicolau Araújo Vergueiro e Odalgiro Correa para Câmara Federal e Assembléia Estadual, respectivamente.”²³⁸. Preocupados os pessedistas do diretório local com a indecisão dos dirigentes do órgão estadual do partido, reafirmou dessa forma, através de propagandas eleitorais e afirmações públicas, sua solidariedade ao candidato do governo do Estado, Cilon Rosa.

²³⁶ **Diário da Manhã**, 8 ago. 1950

²³⁷ **Diário da Manhã**, 10 ago. 1950

²³⁸ **Diário da Manhã**, 15 ago. 1950

Afirmou em entrevista ao jornal Diário da Manhã, Protásio Vargas, “Concito o meu partido à fidelidade aos nossos compromissos assumidos, manifestando aplausos pela decisão do partido”²³⁹, encerrando assim, as negociações com as demais agremiações políticas.

O Partido Trabalhista no Rio Grande do Sul se manifestou em grandes comícios, e proclamou no final do mês de agosto o candidato a concorrer ao cargo de governador do Estado, Ernesto Dornelles pelo PTB. Que apoiava as eleições para a presidência do PSD autonomista, o qual elegeu Victor Loureiro Issler, “um dos mais destacados membros do autonomismo gaúcho e figura de relevo do nosso alto mundo econômico.”²⁴⁰ Essa ligação entre Dornelles e o PSDA, só veio a confirmar, ao menos em âmbito local o pensamento predominante nos círculos políticos de Passo Fundo, de que petebistas, pessepeistas (PSP) e autonomistas marcharão unidos nas eleições municipais.

O movimento autonomista passo-fundense vinha crescendo, conseguindo diariamente, valiosas adesões, como o professor Sabino Santos e Max Ávila.

Em entrevista ao jornal O Nacional, Victor Issler, respondeu os motivos pelos quais foi criada a dissidência autonomista,

Continuamos na dissidência do PSD. O objetivo, expressamente, declarado, ao ser fundado, em 1945, o nosso partido, era o de preservar os princípios, as conquistas e as reivindicações de 1930. Estamos, portanto, com a razão de nossa existência. E o natural, e isso está se verificando em escala impressionante, é a confluência do pessedismo gaúcho para o nosso movimento renovador.²⁴¹

As eleições de 1950 foram realizadas no dia 03 de outubro de 1950, em que foram escolhidos os representantes para os cargos de Presidente da República, Vice- Presidente, Senador, Deputado Federal, Deputado Estadual e Governador. O número de habitantes neste ano eleitoral era de 51.944 milhões, sendo que 11.440 milhões estavam inscritos como eleitores, ou seja, 22,0% da população, dentro desse número de eleitores o percentual de abstenção nas urnas foi de 27,9%.

Pode-se notar que o percentual de abstenção nessas eleições diminuiu em comparação com a anterior em 1947, que acusou 29,3%, mesmo em decorrência de um aumento na taxa populacional, número de eleitores e o percentual de votantes.

²³⁹ **Diário da Manhã**, 22 ago. 1950

²⁴⁰ **O Nacional**, 25 nov. 1950

²⁴¹ **O Nacional**, 20 dez. 1950

TABELA 26**RESULTADO DAS ELEIÇÕES PARA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM 3/10/1950**

VOTANTES: 8.254.989	ELEITORES: 11.455.149	PERC. ABST.: 27,9%
-------------------------------	---------------------------------	------------------------------

CANDIDATOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
GETÚLIO VARGAS	PTB	3.849.040	48,90
CRISTIANO MACHADO	PSD	2.342.384	29,76
EDUARDO GOMES	UDN	1.679.193	21,33
	BRANCOS E NULOS	354.964	4,3
	TOTAL	8.254.989	100

Fonte: Banco de Dados Políticos das Américas. (1999) Brazil: Eleições Legislativas de 1945 / 1945 Legislative Elections. [Internet]. Georgetown University e Organização dos Estados Americanos. Em: <http://pdba.georgetown.edu/Elecdata/Brazil/legis1945.html>. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

A década de 50 já apresentava fatores de declínio do Partido Social Democrático, o que se percebe na diferença de quase 20% que o PTB obteve do PSD em âmbito nacional. Momento em que o PTB se fortaleceu trazendo Getúlio Vargas de volta à presidência.

TABELA 27**RESULTADO ELEIÇÕES PARA CÂMARA FEDERAL EM 3/10/1950**

VOTANTES: 8.254.989	ELEITORES: 11.455.149	PERC. ABST.: 27,9%
-------------------------------	---------------------------------	------------------------------

Nº DE CADEIRAS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
112	PSD	2.068.405	26,99
81	UDN	1.301.484	16,99
51	PTB	1.262.000	16,47
24	PSP	558.792	7,29
11	PR	216.207	2,82
9	PST	163.341	2,13
5	PL	55.338	0,72
5	PTN	211.090	2,75
1	PRT	73.501	0,96
5	Outros Partidos	1.752.050	22,85
	BRANCOS E NULOS	577.849	7,0
	TOTAL	8.254.989	100

Fonte: Banco de Dados Políticos das Américas. (1999) Brazil: Eleições Legislativas de 1945 / 1945 Legislative Elections. [Internet]. Georgetown University e Organização dos Estados Americanos. Em: <http://pdba.georgetown.edu/Elecdata/Brazil/legis1945.html>. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

Convém analisar que na Câmara Federal o PSD ainda manteve seu poderio eleitoral, sobre a UDN e o PTB. De acordo com a tabela acima o partido estava com 10,53% a frente do PTB nos dados eleitorais em nível nacional.

Quanto as eleições de 1950 no estado do Rio Grande do Sul, o PSD demonstrou pelas urnas que sua decadência ocorreu em todas as disputas eleitorais realizadas neste ano. Isso se devia em especial à desgetulização que ocorreu no partido com a dissidência dos autonomistas que haviam formado a Ala Trabalhista dentro do PSD, mas que devido ao confronto com idéias entre estes e os líderes do partido, optaram por apoiar Vargas e suas fileiras trabalhistas. O que veio a consolidar o PTB na posição majoritária no estado e completar seu processo de formação com a adesão dos autonomistas.

TABELA 28

**RESULTADO ELEIÇÕES PARA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
NO RIO GRANDE DO SUL EM 3/10/1950**

VOTANTES: 719.334	ELEITORES: 987.236	PERC. ABST.: 27,14%
-----------------------------	------------------------------	-------------------------------

CANDIDATOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
GETÚLIO VARGAS	PTB-PSDA-PSP	346.798	48,21
CRISTIANO MACHADO	PSD	207.613	28,86
EDUARDO GOMES	UDN-PL-PRP	147.571	20,51
JOÃO MANGABEIRA	PSB	636	0,06
	BRANCOS	11.893	1,68
	NULOS	6364.823	0,68
	TOTAL	719.334	100

Fonte: Banco de Dados Eleitorais – NUPERGS - http://www1.nupergs.ifch.ufrgs.br/eleicoes/TOTAL_RS.ASP. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

A diferença de votos obtida nos resultados para presidência do país demonstra o prestígio de Vargas no seu estado e a pouca confiança dos pessedistas em seu candidato. Escolhido em meio a discussões a favor e contra.

TABELA 29**RESULTADO ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL EM 3/10/1950**

VOTANTES: 719.334	ELEITORES: 987.236	PERC. ABST.: 27,14%
-----------------------------	------------------------------	-------------------------------

CANDIDATOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
ERNESTO DORNELLES	PTB	329.884	45,85
CILON ROSA	PSD	283.942	39,47
EDGAR SCHNEIDER	PL	80.798	11,23
MENDONÇA LIMA	PSB	858	0,13
	BRANCO	18.101	2,53
	NULO	5.451	0,76
	TOTAL	719.334	100

Fonte: Banco de Dados Eleitorais – NUPERGS - http://www1.nupergs.ifch.ufrgs.br/eleicoes/TOTAL_RS.ASP. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

TABELA 30**RESULTADO ELEIÇÕES PARA CÂMARA FEDERAL NO RIO GRANDE DO SUL EM 3/10/1950**

VOTANTES: 719.334	ELEITORES: 987.236	PERC. ABST.: 27,14%
-----------------------------	------------------------------	-------------------------------

Nº DE CADEIRAS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
10	PTB	296.421	41,20
8	PSD	225,129	31,29
2	PL	54.195	7,53
1	PRP	48.728	6,77
1	UDN	858	0,13
-	PSP	11.329	1,57
-	PR	7.135	0,99
-	BRANCO	18.401	2,56
-	NULO	5.451	0,76
	TOTAL	719.334	100

Fonte: Banco de Dados Eleitorais – NUPERGS - http://www1.nupergs.ifch.ufrgs.br/eleicoes/TOTAL_RS.ASP. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

TABELA 31**RESULTADO ELEIÇÕES PARA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
NO RIO GRANDE DO SUL EM 3/10/1950**

VOTANTES: 719.334	ELEITORES: 987.236	PERC. ABST.: 27,14%
-----------------------------	------------------------------	-------------------------------

Nº DE CADEIRAS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
21	PTB	250.108	34,76
17	PSD	209.404	29,11
6	PL	70.343	9,77
4	PRP	53.861	7,48
4	UDN	53.423	7,42
2	PSP	26.165	3,63
1	PSB	12.867	1,78
0	PR	12.329	1,71
	BRANCOS	20.321	2,88
	NULOS	10.513	1,46
	TOTAL	719.334	100

Fonte: Site: Banco de Dados Eleitorais – NUPERGS - http://www1.nupergs.ifch.ufrgs.br/eleicoes/TOTAL_RS.ASP. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

Visualizando que a vitória do PTB ocorreu em todos os cargos em disputa, com uma diferença de 6,38% para governador, 9,91% para deputado federal e 5,65% para deputado estadual. As dissidências ocorridas no diretório estadual refletiram na política local com a mesma intensidade, e fortaleceram assim, o PTB da mesma forma. O que se pode notar pela margem de 22,8% de vantagem do PTB sobre o PSD nas eleições para presidente.

TABELA 32**RESULTADO ELEIÇÕES PARA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM PASSO FUNDO EM 3/10/1950**

VOTANTES: 22.117	PERC. ABST.: 1,5%
----------------------------	-----------------------------

CANDIDATOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
GETÚLIO VARGAS	PTB-PSDA-PSP	12.274	55,5
CRISTIANO MACHADO	PSD	7.232	32,7
EDUARDO GOMES	UDN-PL-PRP	2.255	10,2
JOÃO MANGABEIRA	PSB	0	0,0
	BRANCOS	221	1,0
	NULOS	110	0,5
	TOTAL	22.117	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hélgio. *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994*. Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

TABELA 33**RESULTADO ELEIÇÕES PARA VICE-PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
EM PASSO FUNDO EM 3/10/1950**

VOTANTES: 22.117	PERC. ABST.: 1,5%
----------------------------	-----------------------------

CANDIDATOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
CAFÉ FILHO	PTB-PSP-PSDA	6.259	28,3
ALTINO MARQUES	PSD	7.121	32,2
ODILON BRAGA	UDN-PL-PRP	2.654	12,0
VITORINO FREIRE	PST	66	0,3
ALPÍDIO C. NETO.	PSB	0	0
	BRANCOS	5.927	26,8
	NULOS	110	0,5
	TOTAL	22.117	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hégio. *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994.* Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

Caracterizados com exceção aos outros níveis, a representação dos pessedistas passo-fundenses nas urnas para a escolha do vice-presidente obteve um sucesso maior do que dos trabalhistas, resultando numa diferença modesta de 4% para o PSD.

No entanto, seguindo a constante estadual e nacional, os pessedistas de Passo Fundo não diferiam quanto a preferência pelos candidatos petebistas, conforme apresentam as tabelas a seguir.

TABELA 34**RESULTADO ELEIÇÕES PARA GOVERNADOR DO ESTADO EM PASSO FUNDO EM 3/10/1950**

VOTANTES: 22.117	PERC. ABST.: 2,10%
----------------------------	------------------------------

CANDIDATOS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
ERNESTO DORNELLES	PTB	12.097	54,7
CILON ROSA	PSD	8.669	39,2
EDGAR SCHNEIDER	PL	884	4,0
MENDONÇA LIMA	PSB	0	0
	BRANCO	353	1,6
	NULO	110	0,5
	TOTAL	22.117	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hégio. *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994.* Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

TABELA 35**RESULTADO ELEIÇÕES PARA CÂMARA FEDERAL EM PASSO FUNDO EM 3/10/1950**

VOTANTES: 22.117	PERC. ABST.: 3,0%
----------------------------	-----------------------------

Nº DE CADEIRAS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
10	PTB	11.301	51,1
8	PSD	8.240	33,4
2	PL	818	3,7
1	PRP	995	4,5
1	UDN	420	1,9
-	PSP	420	1,9
-	PR	110	0,5
-	BRANCO	508	2,3
-	NULO	154	0,7
	TOTAL	22.117	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hégio. *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994.* Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

TABELA 36**RESULTADO ELEIÇÕES PARA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA EM PASSO FUNDO EM 3/10/1950**

VOTANTES: 22.117	PERC. ABST.: 3,4%
----------------------------	-----------------------------

Nº DE CADEIRAS	SIGLA	VOTAÇÃO	%
21	PTB	10.041	45,4
17	PSD	6.723	30,4
6	PL	1.415	6,4
4	PRP	1.194	5,4
4	UDN	663	3,0
2	PSP	1.216	5,5
1	PSB	44	0,2
0	PR	110	0,5
	BRANCOS	530	2,4
	NULOS	221	1,0
	TOTAL	22.117	100

Fonte: NOLL, Maria Izabel. TRINDADE, Hégio. *Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul. 1945-1994.* Porto Alegre: Sulinas, 1995. Acesso em: 20 fevereiro 2008.

Os dados eleitorais das eleições de 1950 nos permite visualizar com propriedade, uma constante maior de votos dos pessedistas de âmbito local em relação aos outros níveis. O que

vem a garantir uma estabilidade do PSD local, não comparando a outros partidos, mas com sua representação no demais níveis e diretórios.

Com o intuito de apresentarem a trajetória do PSD em Passo Fundo, nas eleições referentes ao período em pesquisa, 1945-1950, conclui-se que a ascensão do PSD só ocorreu em momentos de coligação partidária, pois devido ao forte desempenho eleitoral do PTB, e concomitante à formação, neste partido inicia-se uma fragmentação interna do PSD, fazendo com que o partido descendesse de seu posto de poderio político.

Contudo, o declínio do partido revela-se mais em caráter local e estadual, devido às dissidências internas que migraram em grande parte ao partido trabalhista e a falta de acordo entre ambos, o qual foi firmado em nível nacional, e que, entretanto, não garantiu uma estabilidade total ao PSD nacional e só fez aumentar a disparidade de ideologias entre o diretórios nacional e estadual ou local.

A fim de demonstrar a trajetória do PSD em nível local, os gráficos abaixo foram projetados para ilustrar os dados eleitorais de 1945 a 1964 em Passo Fundo, numa escala de tempo maior, mesmo fugindo do recorte temporal deste trabalho, mas sob o objetivo de apresentar a continuidade do declínio pessedista apresentado aqui desde as eleições de 1950.

REPRESENTAÇÃO DO PSD EM PASSO FUNDO

GRÁFICO 1

Eleições para Presidente

1945: PSD

Eleito: Eurico Gaspar Dutra (PSD)

1950: PSD

Eleito: Getúlio Vargas (PTB)

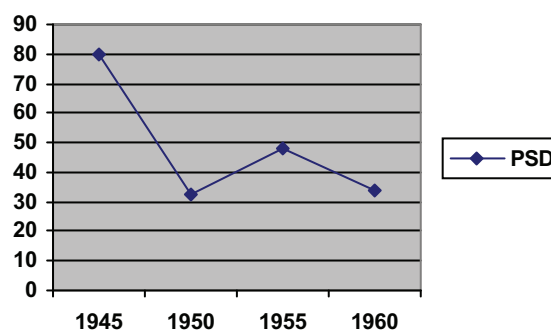
1955: PSD+PTB

Eleito: Juscelino Kubitscheck (PSD)

1960: PSD+PTB

Eleito: Jânio Quadros (UDN)

Percentual por votos



Ano de eleições

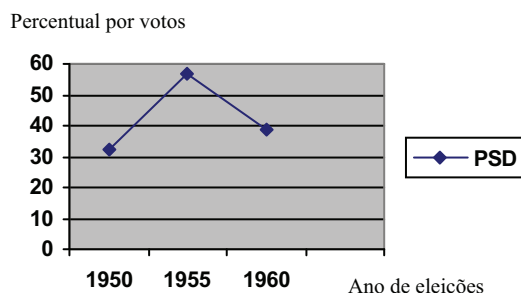
GRÁFICO 2

Eleições para Vice – Presidente

1950: PSD (Altino Arantes Marques)
Eleito: Café Filho (PSP)

1955: PSD+PTB (João Belchior Marques Goulart)
Eleito: João Goulart (PTB)

1955: PSD+PTB (João Belchior Marques Goulart)
Eleito: Fernando Ferrari (MTR)



Nota-se uma queda considerável de 46,92% da primeira eleição para presidente até a segunda, ou seja, de 1945 a 1950. Contudo, após as coligações com o PTB, o PSD teve um considerável aumento de 15,3% de votos, no período de 1950 a 1955, nas eleições para presidente e vice-presidente. Coligação essa, realizada somente em nível nacional.

GRÁFICO 3

Eleições para Senador

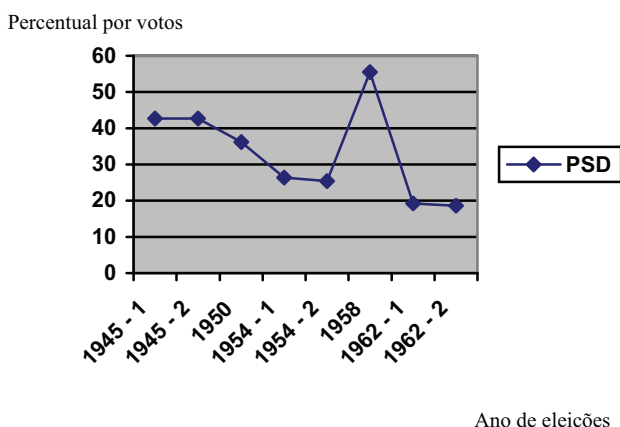
1945 - 1: PSD (Getúlio Dornelles Vargas)
- **2:** PSD (Ernesto Dornelles.)
Eleitos: Getúlio Vargas (PSD)

Ernesto Dornelles (PSD)
1950: UDN+PSD+PRP (Plínio Salgado)
Eleitos: Alberto Pasqualini (PTB)
Plínio Salgado (PRP)
Décio Martins Costa (PL)

1954 - 1: FD (UDN+PSD+PL) (Arnaldo P. Câmara)
- **2:** FD (UDN+PSD+PL) (Daniel Krieger)
Eleitos: Ildo Meneghetti (FD)
Alberto Pasqualini (PTB)

1958: FD (UDN+PSD+PL) (Carlos de Brito Velho)
Eleito: Guido Fernando Mondin (PTB - PRP)

1962 - 1: ADP (UDN+PSD+PL+PRP+PDC) (Mem de Sá)
- **2:** ADP (UDN+PSD+PL+PRP+PDC) (Daniel Krieger)
Eleitos: Mem de Sá (ADP)
Daniel Krieger (ADP)



Para eleger senador, o eleitorado pessedista de Passo Fundo, manteve-se constante de 1945 a 1950, quando elegeu Getúlio Vargas e Ernesto Dornelles. Torna-se importante fundamentar que Vargas era um dos fundadores do partido e nesse momento ainda desfrutava do prestígio eleitoral nas hostes pessedistas. O PSD concorreu sozinho à vaga no senado em 1945, mas o período após 1945 até 1954 na tentativa de frear o avanço político do PTB declinou 16,3%, mesmo coligado em 1950 com a UDN e o PRP e em 1954, formando a Frente Democrática com UDN e PL.

GRÁFICO 4

Eleições para Câmara Federal

1945: PSD (17 cadeiras)

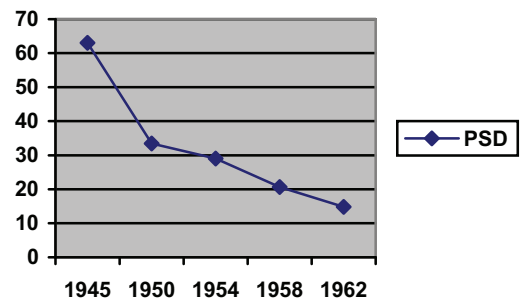
1950: PSD (8 cadeiras)

1954: PSD (7 cadeiras)

1958: PSD (7 cadeiras)

1962: PSD (7 cadeiras)

Percentual por votos



Ano de eleições

A representatividade dos deputados federais pela legenda do PSD declina bruscamente entre 1945 e 1950, continuando em baixa após essa data. O número de cadeiras na câmara federal que o PSD consegue em 1945 cai pela metade nas próximas eleições em 1950.

GRÁFICO 5

Eleições para Governador

1947: PSD+PRP+PCB (Walter Jobim)
Eleito: Walter Jobim (PSD)

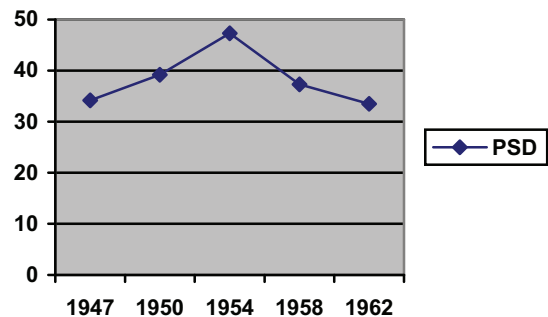
1950: UDN+PSD+PRP (Cilon F. da Rosa)
Eleito: Ernesto Dornelles (PTB)

1954: FD (UDN+PSD+PL) (Ildo Meneghetti)
Eleito: Ildo Meneghetti (FD)

1958: FD (UDN+PSD+PL) (Walter Peracchi Barcelos)
Eleito: Leonel de Moura Brizola (PTB)

1962: ADP (UDN+PSD+PRP+PL+PDC) (Ildo Meneguetti)
Eleito: Ildo Meneguetti (ADP)

Percentual por votos



Ano de eleições

Para as eleições a governador do estado, o PSD concorreu coligado a outros partidos no período de 1947 a 1954, conforme legenda do gráfico acima, mas de modo algum com o PTB. Elegeu Walter Jobim como primeiro governador após a abertura democrática, com uma diferença vantajosa sobre o PTB que ainda estava em formação político-partidária. O lento processo de ascensão da trajetória do PSD para eleger governadores rio-grandenses, consegue emergir devido às coligações partidárias, pois o partido estava neste período passando por uma forte desfragmentação devido às dissensões internas²⁴². Não firmou aliança com o PTB em nenhuma eleição, pois o partido trabalhista estava forte eleitoralmente e suas posições ideológicas estavam muito contrárias para assumirem o papel de mãos dadas.

GRÁFICO 6

Eleições para Assembléia Legislativa

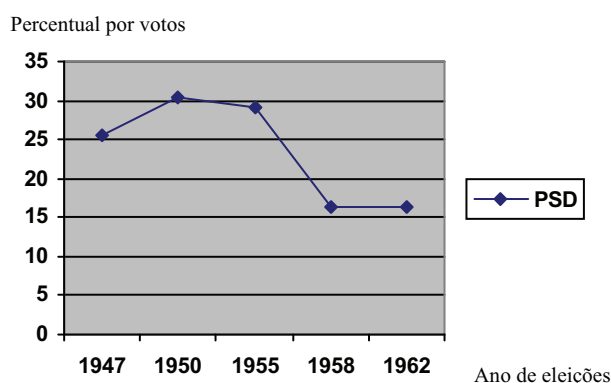
1947: PSD (16 cadeiras)

1950: PSD (17 cadeiras)

1955: PSD (15 cadeiras)

1958: PSD (13 cadeiras)

1962: PSD (11 cadeiras)



A representatividade através dos deputados pessedistas na câmara estadual mantém-se constante quanto a outros níveis e cargos eleitorais do partido. O que vem a demonstrar a força dos políticos no estado. Entretanto, com o visível aumento no percentual de votos (4,8%) entre 1947 a 1950, o PSD conseguiu somente uma cadeira a mais na Assembléia Legislativa. Sendo que o PTB obteve um aumento de 3,9% no mesmo período, o que lhe garantiu apenas uma constante no número de cadeiras obtidas na Assembléia.

²⁴² Transformação da Ala trabalhista do PSD na dissidência autonomista (PSDA) que evacua o partido e apóia os trabalhistas.

GRÁFICO 7

Eleições para Câmara Municipal

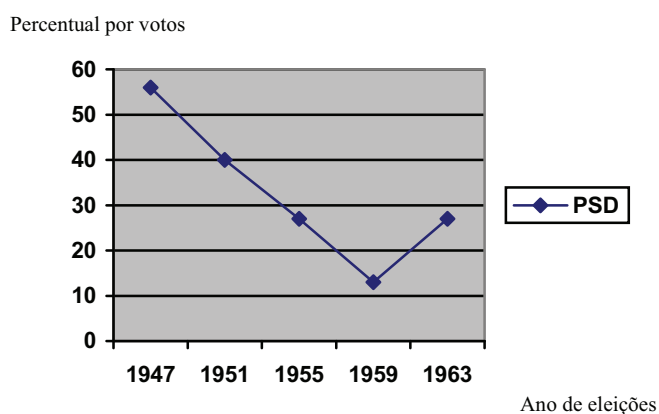
1947: PSD (6 eleitos)

1951: PSD+PRP+UDN (5 eleitos)

1955: PSD (4 eleitos)

1959: PSD+PL (2 eleitos)

1963: CPP (4 eleitos)



O gráfico demonstra claramente o declínio na trajetória eleitoral do PSD em âmbito local, mesmo coligado a outros partidos como nas eleições de 1951 e de 1959, o partido continuou em declínio. Sendo que o PTB nas mesmas eleições ascende iniciando em 1947 com 38% e respectivamente, 47%, 53%, 47%, 46%. O Partido Trabalhista concorreu coligado a outro partido (UDN) somente nas eleições de 1947, a qual teve a menor porcentagem na trajetória eleitoral do partido.

Em relação ao PTB, pode-se afirmar que pelo fato do partido ter surgido da mescla de lideranças sindicais e dissidentes do PSD, deixou marcas profundas no sistema partidário estadual e local, a ponto de ser a causa principal da falta de alianças e coligações entre esses dois partidos gaúchos nos dois níveis, e o que fez não seguir a regra de coligações nacionais. Pode-se notar que na trajetória eleitoral dos dois partidos para a Câmara Municipal não ocorreu aliança entre ambos em nenhum momento no período de 1945 a 1964.

Deve-se fazer menção também ao cargo de prefeito e sua trajetória durante os anos de 1947 a 1964. Somente nos anos de 1946 e 1947, o PSD esteve na presidência do município com Arthur Ferreira Filho e Ivo Pio Brum, respectivamente, ambos elevados ao cargo de prefeitos por nomeação do chefe do Estado. Em 1947 ocorreu a primeira eleição para prefeito elegendo Armando Annes, da UDN coligado ao PTB e segue-se sucessivamente petebistas no poder: 1952, Daniel Dipp, 1956, Wolmar Antonio Salton, 1960, Benoni Rosado e em 1964 Mário Menegaz.

Deve-se fazer menção ainda aos dados populacionais do período analisado, a fim de comprovar que o declínio pessedista não decorre de fatores populacionais, conforme apresentam os quadros comparativos a seguir:

TABELA 37

SITUAÇÃO DEMOCRÁTICA - RIO GRANDE DO SUL - URBANO E RURAL					
POPULAÇÃO PRESENTE					
1940			1950		
Total	Situação do domicílio		Total	Situação do domicílio	
	Quadro urbano e suburbano	Quadro rural		Quadro urbano e suburbano	Quadro rural
3 320 689	1.034.486	2 286 203	4 164 821	1.421.980	2 742 841
Percentual	31,15%	68,84%	Percentual	31,14%	68,85%

Fonte: Estatísticas Populacionais. IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtm Acesso em: 03 de março de 2008.

No quadro referente aos dados populacionais no Rio Grande do Sul, comparando os números entre a população urbana e a rural, o número de habitantes na região urbana, pode-se notar que foi quase nula, isto é, a diferença durante o período analisado foi de 0,01%. Quanto os dados do quadro rural, houve um declínio populacional de 2,99%. O que não ocorreu no município de Passo Fundo conforme demonstra a tabela abaixo:

TABELA 38

SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA – COMPARATIVO ENTRE RIO GRANDE DO SUL E PASSO FUNDO					
POPULAÇÃO DE FATO					
TOTAL	SEGUNDO A LOCALIZAÇÃO				
	CIDADE E VILAS	%	ZONA RURAL	%	
1940					
RIO GRANDE DO SUL	3.320.689	1.034.486	31,15	2.286.203	68,84
PASSO FUNDO	80.138	20.584	26,58	59.554	74,31
1950					
RIO GRANDE DO SUL	4.164.821	1.421.980	31,14	2.742.841	68,85
PASSO FUNDO	103.704	24.395	23,52	79.309	76,47

Fonte: Estatísticas Populacionais. IBGE. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/estatisticas_populacionais.shtm Acesso em: 03 de março de 2008.

Devido à análise comparativa entre a situação demográfica de Passo Fundo e do Rio Grande do Sul, ambas referente ao quadro urbano e rural, demonstrados em percentual, pode-se perceber que, o declínio de 2,16% em nível urbano e conseqüentemente, o valor percentual ascendente do quadro rural, ocorre de maneira inversa da escala estadual, que descende em referência a seus dados rurais.

Torna-se importante a referência aos dados populacionais do período, a fim de comprovar que não houve um êxodo rural no município de Passo Fundo, o que de certa forma, seguindo a característica de formação do PSD, de angariar maior número de votos na área rural, pode-se assim concluir não se referir ao declínio eleitoral do partido em 1950. Desse modo, percebe-se que o aumento populacional referente ao quadro rural de 2,16%, não dá indicativos de declínio eleitoral, mas sim de ascendência, o que não ocorreu.

Pode-se portanto enumerar os sintomas do declínio da força partidária do PSD através da fragmentação de suas lideranças, que em busca do poder, cindiram internamente as idéias no diretório tanto estadual quanto local. Outro fator é a decadência da estrutura organizacional, isto é, a não verticalidade entre os diretórios (nacional, estadual e local), fazendo com que em determinados momentos do contexto político houvesse alinhamento entre os níveis local e estadual, outrora, entre local e nacional. E ainda, pode-se citar como fator de declínio político, a transferência dos líderes do partido para outro, conforme as dissidências internas, o processo de desgetulização e a criação da ala autonomista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ano de 1945 originou-se o PSD, como filho da ditadura e combinado a ele os interesses da oligarquia rural e dos novos setores urbanos vinculados à burocracia estatal sob o comando de Getúlio Vargas. Isso fez com que o partido nascesse com força eleitoral na zona rural e prestígio na zona urbana perante seus adversários. Ainda no Estado Novo, interventores mobilizaram os prefeitos municipais de seus estados para estruturar o partido em nível municipal.

O PSD local foi formado por líderes políticos de destaque nos meios partidários do município, como Nicolau Araújo Vergueiro, Arthur Ferreira Filho e Bittencourt Azambuja. Seguindo a divisão do diretório estadual, haviam políticos que se encaixavam na linha dutrista e outros na getulista. Divisão essa que, na década de 50 iria gerar grandes dissidências no seio do partido. Essa divisão ocorria geralmente, tendo em vista o poder político, as disputas locais, os desentendimentos anteriores a 1945, entre figuras políticas e Vargas.

Em processo de formação e sob orientação de Vargas muitos trabalhistas inscreveram-se nas fileiras pessedistas. No entanto, essa adesão se deu, em parte, pela esperança de continuidade do programa de assistência social à massa trabalhista.

Em âmbito estadual, formou-se o movimento queremista a partir da Ala Trabalhista do PSD. De um lado encontravam-se os líderes políticos tradicionais elitistas, Walter Jobim, Carneiro da Fontoura e Cilon Rosa e do outro lado estavam os líderes getulistas de massa, José Diogo Brochado da Rocha e outros ferroviários.

Tão logo se forma o PSD tanto gaúcho quanto local, os indícios de dissensões de idéias e favoritismos quanto a líderes políticos já vinham tomando forma dentro do PSD. Sob a mesma linha de comparação, o local entrou em concordância com os outros níveis no referente à vitória de Dutra para presidência.

Os resultados das eleições para presidente em 1945 demonstram um alinhamento com uma maior proximidade entre o estadual e local, por razões devido à baixa representatividade da UDN neste estado, devido ao alto poder que o PL ainda mantinha no estado.

Tornava-se visível que líderes políticos passo-fundenses como Ferreira Filho, Nicolau Vergueiro e Bittencourt de Azambuja, não conseguiram administrar sob uma mesma sigla partidária, todo o poder político de que eram portadores, havendo por essa razão, expressivas divergências. A disputa de poder local entre os líderes aparece com propriedade nas notícias dos dois jornais: O Nacional e Diário da Manhã.

Devido a forte tendência política desses líderes pessedistas, e desentendimentos passados, afasta-se a hipótese de acordo político entre PSD e PTB, tanto no estado quanto em Passo Fundo. Esse detalhe da coligação merece destaque, pois é um momento em que o PSD de âmbito local e estadual difere do nacional convictamente. A aliança entre PTB e PSD, não ocorreu em Passo Fundo, devido a desentendimentos entre César Santos e Nicolau Vergueiro. Sendo que Vergueiro vem desde os tempos da república velha confrontando-se com Armando Annes, devido a problemas de ordem administrativa no município.²⁴³ A tentativa de um acordo entre pessedista e petebista foi efetuada por Arthur Ferreira Filho pois era o partido de Vargas, mas foi inútil. O acordo entre UDN e PTB ficou conhecido como Acordo Histórico devido à sua importância na história política, pois rendeu a vitória aos trabalhistas passo-fundenses coligados a um partido conservador e adversário número um nacionalmente.

O partido começa a demonstrar sinais de declínio eleitoral em comparação com a ascensão de outros partidos. O diretório local do PTB esboça o poderio eleitoral do partido trabalhista e afirma que o declínio do PSD não é só local e estadual, mas também nacional. O que pode ser comprovado através das tabelas que contém dados eleitorais de 1950.

As movimentações em torno da sucessão presidencial, os acordos interpartidários, em âmbito nacional, demonstraram a fragilidade de um sistema político-partidário ainda não consolidado e que vinha sendo operado por “raposas” formadas no esquema da República Velha e da ditadura do Estado Novo.

O PSD de Passo Fundo posicionou-se contra estes acordos partidários que se promoveram nacionalmente na tentativa de solução para o problema da escolha do candidato sucessório de Dutra. Em meio a toda essa confusão de apoio e negação política, o diretório

²⁴³ Quando os dois líderes ocuparam o cargo de prefeito da cidade, alternando entre eles o cargo, as intrigas sobre má administração anterior ou posterior, rondava ambos.

pessedista local expressou sua solidariedade ao governo do estado, Cilon Rosa, através de propagandas eleitorais e afirmações públicas, e a candidatura de Cristiano Machado para as eleições de 1950.

O processo todo de formação do Partido Social Democrático, passou por três fases que pemeiam-se as dissidências, vitórias e derrotas eleitorais: 1) No ano de 1946, deu-se a demissão das fileiras partidárias pessedistas de Loureiro da Silva e José Diogo Brochado da Rocha agravando a distância entre dutristas e getulistas; 2) Formação da Ala Trabalhista nas hostes internas do PSD, que originou ao movimento queremista ao início do processo de desgetulização; 3) Por fim, a escolha de Cristiano Machado para cargo de presidente, contrariando a ala que apoiava um acordo partidário com Getúlio ou a candidatura de Nereu Ramos, e principalmente que ia contra as orientações de Dutra. Isso levou a um gradativo afastamento dos correligionários com tendência trabalhista, que em movimento dissidente formaram o PSD Autonomista, ou seja, políticos de linha getulista que encontravam-se presente nas hostes pessedistas.

Assim, esse longo processo de desgetulização caracterizou o PSD gaúcho quanto à sua independência em relação ao diretório nacional. E a dissidência, o PSDA cresce e se levanta em todos os cantos do Brasil.

Ao interpretar os dados populacionais nas três escalas, obtidos através do IBGE, faz-se menção, em especial, à comparação realizada entre a situação demográfica do Rio Grande do Sul e Passo Fundo ao longo da década de 1940. O que veio a comprovar que não houve um êxodo rural no município de Passo Fundo no período observado. Desse modo, o declínio eleitoral do partido, não ocorre devido a urbanização, já que este processo decaiu em 2,16%. Por outro lado, o aumento da população rural, mesmo em baixo percentual, indicaria uma ascensão eleitoral, segundo características partidárias pessedistas de angariar votos em maior quantidade na área rural, fato que não ocorreu em Passo Fundo.

Pode-se notar que a divisão que deu origem à formação do partido, ou seja, dutrista e getulista, subsidiaram a decadência do mesmo, juntamente com outros fatores de ordem interna e externa. Não sendo tomado como regra, os políticos que fundaram o PSD tomando como base uma linha que apóia Dutra ou Getúlio, passaram a apoiar outra durante a trajetória do partido na década de 1950. Faz-se lembrar então, que os interesses partidários que movem as dissidências se dão devido aos acontecimentos que envolvem o processo político num todo.

Contudo, é possível visualizar que o rápido declínio estadual e local sofrido pelo PSD no período de 1945 a 1950, ocorreu por motivos como: adesão a Vargas de ponderáveis

setores e ilustres correligionários do partido, tanto local quanto estadualmente; o ressurgimento da estrutura organizacional e o sistema político, pois esses não nasceram em 1945, eles apenas deram continuação histórica aos elementos políticos. O que segundo Soares, significou:

A infra-estrutura sócio-econômica na qual se apoiavam o sistema político, em geral, e esses partidos, em particular, tampouco tinha sido criada em 1945. Ela veio de antes. Tanto da organização política quanto a infra-estrutura econômica do início desse período eram uma herança de um Brasil arcaico.²⁴⁴

São sintomas visíveis do declínio da força partidária do PSD: a fragmentação das lideranças, a decadência da estrutura organizacional (choque entre os diretórios) e a transferência dos líderes do partido para outro.

Não cabe a este trabalho portanto, o ato de reduzir o Partido Social Democrático à decadência geral, o que se pretendeu mostrar foi seu surgimento com força total devido a fatores já citados, e o seguinte declínio eleitoral e enfraquecimento de sua estrutura partidária até o processo de desgetulização findar, isto é, até a cisão interna entre PSD e autonomistas. Mas quer se afirmar que a trajetória do partido não finda neste recorte temporal, muito pelo contrário. O PSD foi um partido que exerceu forte influência sobre a política brasileira e que além de eleger dois presidentes da República e um grande número de governadores, manteve sempre a maioria na Câmara dos Deputados e no Senado.

No estado do Rio Grande do Sul, o PSD manteve uma rigorosa alternância junto com o PTB, na ocupação do cargo de governador do Estado desde 1947. Essa disputa rigorosa ocorria entre PTB e anti-PTB, manifestando a força eleitoral petebista e a união das oposições. O PSD criado com poderio político, perdeu sua hegemonia tanto em nível estadual quanto local, devido à formação da Ala Trabalhaista do PSD e conseqüentemente o processo de desgetulização do partido, que se finda com a fundação do PSDA. A respeito da decadência partidária, utiliza-se a teoria de Giovanni Sartori²⁴⁵, que serve em grau e número para o PSD, pois afirma que a força de um partido é, em primeiro lugar, a sua força eleitoral.

²⁴⁴ SOARES, Ary D. *A democracia interrompida*. Rio de Janeiro: FGV Editora. pág., 84

²⁴⁵ SARTORI, Giovanni. Op. cit. p. 146

Desse modo, o PSD se tornou udenizado à medida que a oposição ao PTB se uniu em torno da legenda pessedista com o fim de garantir a alternância de poder no governo do Estado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de. BELOCH, Israel. LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer. LATTMAN-WELTMAN, Fernando. **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro**. Pós 1930.2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

AMADO, Janaína et al. **República em migalhas**: história regional e local. São Paulo: Marco Zero/CNPQ, 1990

AVELAR, Lúcia; CINTRA, Antônio Octávio. **Sistema Político Brasileiro**: uma introdução. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

BENEVIDES, Maria Victoria de M. **A UDN e o udenismo**. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BENVEGNÚ, Sandra Mara. **Décadas de Poder**. O PTB e a ação política de César Santos na Metrópole da Serra. 1945-1967. Tese de Mestrado defendida em Passo Fundo: 2006.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 5ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

BODEA, Miguel. **Trabalhismo e Populismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora/UFRGS, 1992.

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (org.). **Passados Recompuestos**. Campos e canteiros da história. Rio de Janeiro: 1998.

CÁNEPA, Mercedes M^a L. **Partidos e representação política**. A articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História do poder, história política. In: **Estudos Ibero-Americanos**. Porto Alegre: PUCRS, v. XXIII n.1, p. 123-141, junho, 1997.

CARONE, Edgard. **A quarta república** (1945-1964). São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.

CHACON, Vamireh. **História dos partidos brasileiros**: discurso e praxis dos seus programas. 2.ed. Brasília: UnB, 1985.

CORTÉZ, Carlos F. **Gaúcho politics in Brasil**: the politics of Rio Grande do Sul (1930-1964). Albuquerque, Un. Of New México Press, 1974.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **Sindicatos, carisma e poder**: o PTB de 1945 a 1965. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DUVERGER, Maurice. **Os Partidos Políticos**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

FAUSTO. Boris. **História Geral do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

_____, HOLANDA, Sérgio B. **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Republicano. Sociedade e Política. 3º vol. 6ªed. São Paulo: ED. Bertrand Brasil, s/d.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida N. **O Brasil Republicano**. O tempo da experiência democrática. v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **O tempo da experiência democrática**: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Marieta de M. A nova “velha história”: o retorno da história política. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p.265-271.

FLACH, Â. ; CARDOSO, C. S. C. . O sistema partidário: a redemocratização (1945-1964). In: René Gertz; Tau Golin; Nelson Boeira. (Org.). **República: da Revolução de 1930 à ditadura militar (1930-1985)** - Coleção História Geral do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 4.

FLEISCHER. David V. (org.) **Os partidos políticos no Brasil**. vol. II. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

FILHO, Arthur Ferreira. **História Geral do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1978.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. **História e teoria dos partidos políticos no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

GERTZ, René. **O estado novo no Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2005.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HIPPOLITO, Lucia. **De raposas e reformistas**: O PSD e a experiência democrática brasileira (1945 – 64). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LAMOUNIER, B. e KINZO, M^a D'Alva. **Partidos políticos, representação e processo eleitoral no Brasil** (1945 - 78). Rio de Janeiro: BIB, 1978.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: Novas Abordagens**, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

LEITÃO, Claudia. **A crise dos partidos políticos**. Os dilemas da representação política no estado intervencionista. Fortaleza: Tipoprogresso, 1989.

MICELI, Sérgio. Carne e osso da elite política brasileira pós-1930. In: FAUSTO, Bóris, HOLANDA, Sérgio B. **História Geral da Civilização Brasileira**. O Brasil Republicano. Sociedade e Política. 3º vol. 6ªed. São Paulo: ED. Bertrand Brasil, s/d.

NASCIMENTO, Welci. DAL PAZ, Santina Rodrigues. **Vultos da História de Passo Fundo**. Passo Fundo: Ed. Berthier, 1995.

NUNES, Edson. **A gramática política do Brasil**. Clientelismo e insulamento burocrático. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.; Brasília, DF: ENAP, 2003.

NUNES, José Luiz M.. **Rupturas do Brasil recente**. Caxias do Sul: Maneco Ed., 2005.

OLIVEIRA, Edenir. DAL'CORTIVO, Ademir. **Câmara Municipal de Passo Fundo 1857 a 1988**. Passo Fundo: Berthier, 1988.

OLIVEIRA, Lisandre M. de. **O PSD no Rio Grande do Sul: o diretório mais dissidente do país nas "páginas" do Diário de Notícias**. Tese de Doutorado defendida em 2008.

PIMENTEL, Rodrigo. **Páginas da Nossa História**. Jornal Tropeiro dos Pampas. Caderno Especial. s/d.

RÉMOND, RENÉ. **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2003.

SARTORI, Giovanni. **A política**. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1997.

_____. **Partidos e sistemas partidários**. Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**. De Getúlio a Castelo. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. **A democracia interrompida**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Teoria social na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

TRINDADE, Hégio, NOLL, Maria Izabel. **Estatísticas Eleitorais Comparativas do Rio Grande do Sul**. 1945-1994. Porto Alegre: Sulinas, 1995

_____. **Rio Grande da América do Sul**. Partidos e eleições (1823-1990). Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 1991.

WEBER, Max B. **Ciência e Política**. Duas vocações. São Paulo: Cultrix, s/d.

_____. **Economia e sociedade**. 4ª ed. Brasília: UnB, São Paulo: IOESP, 2004.

FONTES CONSULTADAS

Acervo Arthur Ferreira Filho. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Acervo João Neves da Fontoura de 1945 a 1951. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Acervo Getúlio Vargas de 1945 a 1960. Centro de Pesquisa e Documentação de História

Jornal Diário de Manhã de Passo Fundo de 1945 a 1950.

Jornal O Nacional de Passo Fundo de 1945 a 1950.